ROBERT ALTMAN "HOLLYWOOD NÃO EXISTE"

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

CINEMA & VÍDEO

5633

EDITORA AZUL

ISSN 0104-1592
9 770104 159003 00124

OS SUPER FILMES que vêm aí

VOLCANO
os segredos do mais novo filme-catástrofe

CANUDOS
os bastidores de um épico made in Brazil

Outubro, 1997 - Ed. 124 - Ano 11 - Nº 10 - R$ 5,70

TEORIA DA CONSPIRAÇÃO

Mel Gibson
mais louco do que nunca

TITANIC
e mais 17 novas produções

Nós contamos tudo antes

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.

HOLLYWOOD

em CARTAZ

Os principais filmes dos cinemas este mês

TEORIA DA CONSPIRAÇÃO Mel Gibson é um taxista paranóico que tem sua vida ameaçada quando uma de suas teorias conspiratórias se mostra verdadeira. Com Julia Roberts e Patrick Stewart.

VOLCANO – A FÚRIA Um vulcão entra em erupção bem no meio de Los Angeles neste filme-catástrofe visualmente impressionante, protagonizado por Tommy Lee Jones e Anne Heche.

PROCURA-SE AMY A relação entre dois amigos de infância entra em conflito quando um deles se apaixona por uma desenhista de histórias em quadrinhos. Mas o romance esbarra em um único problema: ela é lésbica. De Kevin Smith, diretor de *O Balconista* e *Barrados no Shopping*.

L.A. CONFIDENTIAL A investigação de um massacre ocorrido na Los Angeles dos anos 50 leva o honesto policial Ed Exley a descobrir uma malha de corrupção e atividades ilícitas dentro da própria polícia. Com Kevin Spacey, Russell Crowe, Guy Pearce e Kim Basinger.

GUERRA DE CANUDOS O diretor Sérgio Rezende (de *Lamarca*) reproduz a trágica saga vivida por Antônio Conselheiro e seus seguidores no sertão da Bahia. Com José Wilker, Paulo Betti e Cláudia Abreu.

OS ARRUACEIROS Na Nova York da década de 30, a luta dos mafiosos pelo controle das atividades ilegais no bairro do Harlem se torna uma sangrenta guerra de gangues. Com Laurence Fishburne e Andy Garcia.

NADA A PERDER Tim Robbins e Martin Lawrence são os protagonistas desta divertida comédia sobre dois homens – um executivo e um assaltante – que, mesmo ser ter nada em comum, planejam um ousado assalto.

→

em CARTAZ

NO LIMITE Anthony Hopkins é o ciumento marido de uma modelo que briga com o fotógrafo Alec Baldwin a caminho de uma sessão de fotos. Mas, quando o avião que os levava cai no meio de uma floresta, eles têm de contar um com o outro para sobreviver.

TERAPIA DO PRAZER Após seis meses de casamento – e uma vida sexual frustrada –, um jovem casal busca a ajuda de um terapeuta. Mas eles não contavam com suas misteriosas técnicas. Com Craig Sheffer, Sheryl Lee e Terence Stamp.

A COLÔNIA Jean-Claude Van Damme é um espião que desiste do ofício e é confinado em uma prisão especial. Para escapar, ele vai precisar da ajuda do especialista em armamentos Dennis Rodman. Com Mickey Rourke.

GUERREIROS DA VIRTUDE Um garoto é transportado para o mundo mágico de Tao, onde é perseguido pelo maligno Lorde Komodo, que deseja invadir a Terra. Sua única proteção – e a salvação do planeta – são cinco cangurus humanóides, os guerreiros de Tao.

O CASAMENTO DO MEU MELHOR AMIGO Julia Roberts é uma crítica culinária que se descobre perdidamente apaixonada por seu melhor amigo quando ele anuncia que está prestes a se casar. Desesperada, ela faz de tudo para impedir a realização do matrimônio.

A OSTRA E O VENTO Isolada na Ilha dos Afogados, onde seu pai é o faroleiro, a jovem Marcela cria um mundo à parte em sua imaginação, que passa a ser sua realidade. Elogiado filme de Walter Lima Jr., com Lima Duarte e Leandra Leal.

HAMLET O belo filme de Kenneth Branagh chega às telas brasileiras com atraso, mas a espera valeu a pena: seu *Hamlet* é vibrante e ousado, apresentando o texto de William Shakespeare na íntegra.

CONTATO Baseado no livro de Carl Sagan, *Contato* mostra a astrônoma interpretada pela talentosa Jodie Foster às voltas com a maior descoberta da humanidade: a existência de vida em outro mundo. A direção é de Robert Zemeckis, responsável pelo arrasa-quarteirão *Forrest Gump*.

Leia mais sobre alguns destes filmes nesta edição

NESTA edição

12 OS SUPERFILMES QUE VÊM AÍ

Titanic, Alien: Ressurection, Amizade...
A temporada que está prestes a começar promete trazer diversão em celulóide para todos os gostos

Na Capa:
Titanic (Fox)

24 TEORIA DA CONSPIRAÇÃO
Mel Gibson volta mais louco do que nunca neste thriller do diretor Richard Donner

30 L.A. CONFIDENTIAL
Trama delirante, elenco excelente e direção segura: a receita para um festejado suspense *noir*

34 GUERRA DE CANUDOS
Uma visita ao set do esperado épico brasileiro

40 VOLCANO – A FÚRIA
Como enfurecer um vulcão e destruir uma cidade

44 TOMMY LEE JONES
Sucesso e dinheiro não comovem o ator que tem talento e mau humor para dar e vender

46 COSTURANDO IDÉIAS
Os figurinos que servem para vestir um personagem e, ao mesmo tempo, despir sua alma

50 ROBERT ALTMAN
O polêmico diretor põe a boca no trombone e acusa: "Vocês falam de Hollywood como se esse lugar existisse"

54 JAMES STEWART
Simples, honesto, ousado: o jeito de ser de um dos mais populares astros da história

SEMPRE EM SET

7 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

62 NOVOS FILMES Tim Robbins e Martin Lawrence formam uma dupla afinada na comédia *Nada a Perder*

66 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

69 VIDEOLANÇAMENTOS Destaque para o surpreendente *Breakdown – Implacável Perseguição*

87 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

92 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

94 NOSTALGIA Uma imagem para guardar

BACARDI
LIMÓN
ORIGINAL CITRUS
BACARDI RUM WITH NATURAL CITRUS FLAVORS

MEDALS AWARDED TO BACARDI

CONT. NET. 750ml. • 35% ALC. BY VOL.

BACARDI AND BAT DEVICE REG. U.S. PAT. AND TM OFF.

TM

Surpreendente

Bacardi Limón.
Tão suave que você
pode beber puro.
Diferente de tudo
o que você conhece.
Deixe-se envolver.

BACARDI e a figura do morcego são marcas registradas da Bacardi & Company Limited. www.bacardi.com

Walt Disney PICTURES
apresenta

TIM ALLEN
MEU FILHO DAS SELVAS

(JUNGLE 2 JUNGLE)

A CIDADE VAI FICAR UM POUCO MAIS SELVAGEM!

MEU FILHO DAS SELVAS, é uma comédia que você não pode deixar de assistir.

Michael (Tim Allen) é um executivo em Nova York, que está indo para a selva amazônica para obter o divórcio de sua mulher, onde descobre que é pai de um índio adolescente. Atordoado com a notícia, ele volta para Nova York com seu filho.

Imagine só o que este pequeno selvagem vai aprontar em Nova York.

Esta é uma comédia no melhor estilo dos filmes Disney, incluindo grandes astros, entre eles o adorado Martin Short.

Uma grande produção com cenários maravilhosos que vai fazer toda a família se reunir para dar boas gargalhadas.

© Disney All Rights Reserved and TFI International

A PARTIR DA 2ª QUINZENA DE OUTUBRO NAS LOCADORAS.

Walt Disney HOME VIDEO

TFI INTERNATIONAL

abril video

TAKES

Julia: de volta ao topo

Columbia Tri-Star

Sandra: em busca de um sucesso

Fox

OS CAMPEÕES DA PIPOCA

A temporada mais quente do cinema-pipoca americano deixou muita gente em Hollywood com um sorriso no rosto

O último fim de semana de agosto marcou o encerramento da temporada mais lucrativa do cinema americano. Os números não mentem: com mais de dois bilhões de dólares em caixa, a arrecadação dos estúdios durante o verão de 1997 superou as expectativas mais otimistas – e conseguiu sobreviver a uma avalanche de lançamentos ruins.

Nunca tanto dinheiro foi gasto com produções que não tinham absolutamente nada a dizer – e com resultados bem variados. Confira agora:

Quem ganhou

Julia Roberts – A namoradinha da América amargava um fracasso atrás do outro, mas ressurgiu com força total. O *Casamento do Meu Melhor Amigo* surpreendeu os tubarões de Hollywood, atropelou *Batman & Robin* (lançado no mesmo dia) e colocou a sorridente estrela (e seu salário) no topo do ranking.

Will Smith – O astro-surpresa de *Independence Day* se firmou como o herói mais adorado do público em *Homens de Preto*. Está certo que o filme é simpático e divertido, mas ninguém há de negar que a presença de Will ajudou a transformar esta produção na mais rentável do verão.

Harrison Ford – *Força Aérea Um* chegou aos cinemas no finalzinho da temporada, mas já faturou mais de 150 milhões de dólares, passando por cima de outros candidatos a arrasa-quarteirão como *Spawn* e *Teoria da Conspiração*. Lição a ser aprendida: não se metam com o astro do século.

Quem perdeu

Sandra Bullock – A atriz já vinha de uma série de filmes fracassados, como *Corações Roubados*, e apostava em *Velocidade Máxima 2* para dar um empurrão em sua carreira. Péssima escolha. O filme de Jan De Bont, além de ser ruim de doer, não faturou nem a metade do que custou.

Joel Schumacher – *Batman & Robin* chegou aos cinemas cercado de expectativas. Mas, depois de uma bela estréia, afundou feito uma bigorna, mal alcançando aos 100 milhões nas bilheterias. Agora a Warner pensa em remodelar a série para 1999.

Quem empatou

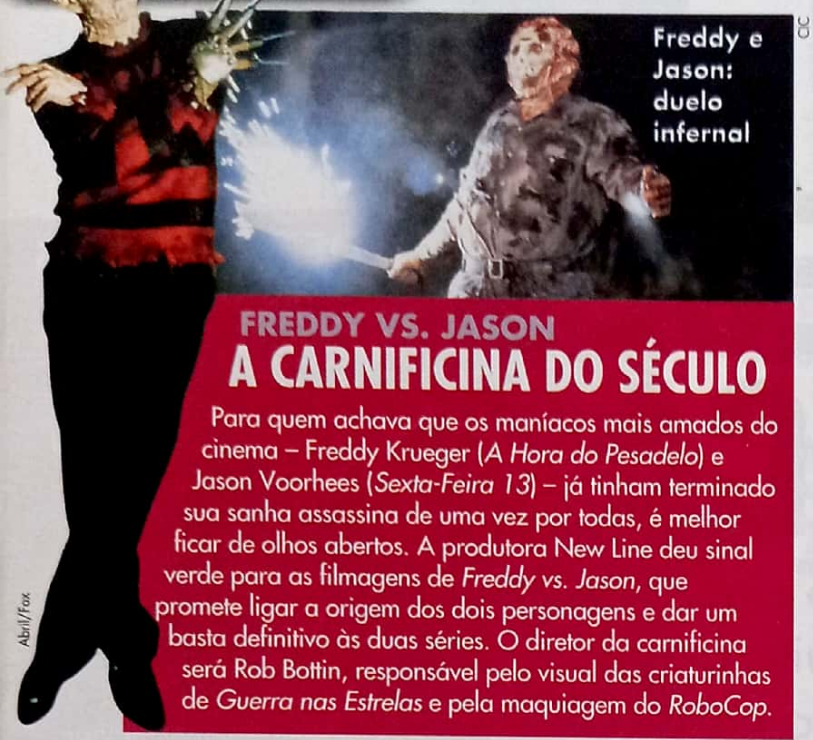
A Disney é um caso à parte. Seu *Hércules* foi lançado em clima de "já ganhou": a expectativa era que o simpático desenho animado superasse a milionária receita de *O Rei Leão*. Mas o herói grego não foi forte o suficiente para vencer a concorrência, e até o momento não atingiu os 100 milhões de verdinhas – marca que separa os sucessos dos arrasa-quarteirões. Quando todos já davam o estúdio por vencido, eis que, no final do verão, surge *George of the Jungle*, uma modesta comédia infantil que ultrapassa a bilheteria de *Hércules* e se consagra o grande sucesso de final de temporada. Papai Walt Disney não poderia estar mais orgulhoso. ■

AS DEZ MAIORES BILHETERIAS DO VERÃO 1997

1. *Homens de Preto* – US$ 230 milhões
2. *O Mundo Perdido* – US$ 227 milhões
3. *Força Aérea Um* – US$ 143 milhões
4. *O Casamento do Meu Melhor Amigo* – US$ 118 milhões
5. *A Outra Face* – US$ 108 milhões
6. *Batman & Robin* – US$ 106 milhões
7. *Con Air* – US$ 97 milhões
8. *Contato* – US$ 92 milhões
9. *George of the Jungle* – US$ 91 milhões
10. *Hércules* – US$ 90 milhões

MiB: o campeão

TAKES



Freddy e Jason: duelo infernal

Abril/Fox

FREDDY VS. JASON
A CARNIFICINA DO SÉCULO

Para quem achava que os maníacos mais amados do cinema – Freddy Krueger (*A Hora do Pesadelo*) e Jason Voorhees (*Sexta-Feira 13*) – já tinham terminado sua sanha assassina de uma vez por todas, é melhor ficar de olhos abertos. A produtora New Line deu sinal verde para as filmagens de *Freddy vs. Jason*, que promete ligar a origem dos dois personagens e dar um basta definitivo às duas séries. O diretor da carnificina será Rob Bottin, responsável pelo visual das criaturinhas de *Guerra nas Estrelas* e pela maquiagem do *RoboCop*.

FESTIVAL DE GRAMADO
VITÓRIA PARA *FOR ALL*

For All – O Trampolim da Vitória, de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz, foi o grande vencedor da 25ª edição do Festival de Gramado, realizado na serra gaúcha no começo de agosto. O filme, uma simpática comédia ambientada na Natal da Segunda Guerra, ganhou cinco Kikitos: filme, roteiro, música, direção de arte e prêmio do público. O restante da premiação foi pulverizado entre os outros concorrentes do mais tradicional festival de cinema brazuca. Confira:

Longas Brasileiros

Filme: ***For All – O Trampolim da Vitória***
Diretor: **Beto Brant (*Os Matadores*)**
Ator: **Claudio Marzo (*O Homem Nu*)**
Atriz: **Eliane Giardini (*O Amor Está no Ar*)**

Longas Latinos

Filme: ***O Testamento do Senhor Nepumoceno***
Diretor: Mario Levin (*Sotto Voce*)
Ator: Nelson Xavier (*O Testamento do Senhor Nepumoceno*)
Atriz: Margarita Rosa de Francisco (*Ilona Chega com a Chuva*)

O INCRÍVEL HULK
O VERDÃO QUER DESTRUIR A TELONA

Enquanto personagens dos quadrinhos virtualmente desconhecidos pipocam na telona, velhos conhecidos continuam amargando o esquecimento. Mas isso vai mudar. A Universal planeja lançar *The Incredible Hulk* para o verão de 1999, com direção do estreante Jonathan Hensleigh (roteirista de *Duro de Matar – A Vingança*). Para o papel do atormentado cientista Bruce Banner, os produtores querem Johnny Depp – mas a criatura deverá ser totalmente gerada em computador.

O Incrível Hulk: nas telas em 1999

Reprodução

A PERGUNTA

"Como é que um fã pode ter certeza de que a carta dele chegará às suas mãos?"

A RESPOSTA

"É só mandar dinheiro junto"

De David Duchovny, sempre engraçadinho

Indiana Jones: o novo filme está a caminho

INDIANA JONES 4
VISITANDO O CONTINENTE PERDIDO

George Lucas decidiu pôr um fim nas especulações sobre a nova aventura do arqueólogo mais famoso do mundo: ele garante que o roteiro do quarto episódio de *Indiana Jones* já está sendo escrito, e basta arrumar uma brecha nas agendas de Steven Spielberg e Harrison Ford para as filmagens começarem. O nome deverá ser *Indiana Jones and the Lost Continent*, e trará de volta Sean Connery (oba!), novamente no papel do pai de Indy, e Karen Allen (oba, oba!!) como Marion Ross, sua companheira em *Caçadores da Arca Perdida*.

COMO É MESMO O NOME DELA?

JOELY RICHARDSON

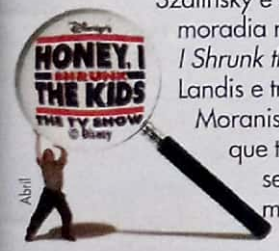
BELEZA CLÁSSICA

O principal obstáculo que Joely Kim Richardson enfrenta em sua carreira é o de criar um nome por mérito próprio. Ela faz parte de uma das mais importantes famílias do teatro inglês: é filha da atriz Vanessa Redgrave (Joely interpretou a mãe quando jovem no filme *Sombras do Passado*) e do falecido diretor Tony Richardson (com quem trabalhou em *Um Hotel Muito Louco*), irmã mais nova de Natasha Richardson, neta de *sir* Michael Redgrave e sobrinha de Lynn Redgrave. De uma beleza sutil e aristocrática, dona de um corpo escultural, esta capricorniana de 32 anos nascida em Londres atuou em filmes como *Afogando em Números* e *Rei por Acaso* até ser notada pela primeira vez como uma espiã alemã em *Uma Luz na Escuridão*. Antes de protagonizar seu maior sucesso, *101 Dálmatas – O Filme*, ela participou de duas polêmicas produções independentes: *Entre Elas...* e *Falsa Mora*, conquistando críticas elogiosas. Seu mais novo trabalho foi uma surpresa até para ela, que não se considera a típica heroína de filmes de ação: ela é uma astronauta de fibra no terror *O Enigma do Horizonte*, filme que a deixou semanas coberta de sangue. Isto é que é querer se impor!

QUERIDA, ENCOLHI AS CRIANÇAS

DO CINEMA PARA A TELEVISÃO

Depois de dois filmes para o cinema – e mais outro lançado somente em vídeo –, o cientista Wayne Szalinsky e sua trupe encontram uma nova moradia na telinha. A nova série *Honey, I Shrunk the Kids* tem produção de John Landis e traz Peter Scolari (no lugar de Rick Moranis) como o atrapalhado Szalinsky – que tem a mania de encolher ou esticar seus familiares. Preparem-se para mais invenções malucas!



VINCE VAUGHN

SAI PARA LÁ, CAPETA!

Primeiro, o ator Vince Vaughn reclamou que o boneco de seu personagem em *O Mundo Perdido* não se parecia com ele. Agora, a preocupação do astro são as conseqüências metafísicas que o brinquedo possa ter. "Ainda não se parece nadinha comigo", disse Vince, "mas a molecada vai quebrar e queimar o boneco. Eu com certeza sentirei algum feitiço vudu quando isso acontecer". Sai dessa, Vince!

Vince: com medo do seu boneco

Ashley: fãs ardorosos na Internet, jeitinho sapeca e uma sensualidade avassaladora

ASHLEY JUDD

SORRISO DE MENINA, CORPÃO DE MULHER

Com um sorriso sapeca e um tremendo *sex appeal*, a loiraça Ashley Judd vem conquistando cada vez mais admiradores – na Internet existe até o "Altar de Ashley", no qual um fã ardoroso destila sua admiração pela atriz. Depois de aparecer como uma junkie bagaceira em *Cortina de Fumaça*, ela deu as caras em duas produções classe A: *Fogo Contra Fogo* (como a mulher de Val Kilmer) e *Tempo de Matar* (como a mulher de Matthew McConaughey). Ashley poderá ser vista em breve no sensual *The Locusts* (ao lado de Vince Vaughn) e no suspense *Kiss the Girls*, com o grande Morgan Freeman.

TAKES

Los Angeles URGENTE

José Emilio Rondeau

URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE

Demi: queda livre

★ A contenção de despesas chega a Hollywood, e "mãozinha fechada" é o novo lema. Em vez de seguir o costume de todos os estúdios, a Dreamworks de Steven Spielberg, Jeffrey Katzenberg e David Geffen não realizou uma farta boca-livre depois da première de sua primeira produção a sair do forno, *O Pacificador*. O argumento era de que regabofes não geram receita na bilheteria. Portanto, os convivas presentes ao Chinese Theater tiveram de se contentar com pipoca e refrigerante. ★ A estrela de Demi Moore está mesmo em queda livre. A bilheteria da estréia de seu novo *GI Jane* só venceu a da comédia *Money Talks* por algumas centenas de milhares de dólares. Em tempo: *Money Talks* é estrelado por Charlie Sheen – até prova em contrário, nenhuma grande atração de bilheteria – e pelo quase desconhecido Chris Tucker. ★ Os dez anos de *Dirty Dancing* foram comemorados com o relançamento do filme nos Estados Unidos, até hoje o maior sucesso da carreira de Patrick Swayze e Jennifer Grey. ★ Sinal dos tempos: o cinema independente está invadindo o mundo da publicidade. Steve Buscemi, ator de clássicos como *Cães de Aluguel* e diretor do longa *Ponto de Encontro*, acaba de fazer dez comerciais de 30 segundos para a Nike e para a associação norte-americana de basquete feminino.

FlashStar

Dirty Dancing: sucesso relançado nos EUA

Top Tape

Buscemi: comerciais

STAR WARS – BALANCE OF THE FORCE

VENTOS DA MÁ FORTUNA

O elenco e a equipe de *Star Wars – Balance of the Force* foram pegos de surpresa por uma tempestade de areia enquanto filmavam sob um calor de 40 graus no deserto da Tunísia – que "posou" de planeta Tatooine no primeiro *Guerra nas Estrelas*. Os técnicos tiveram que reconstruir boa parte dos cenários erguidos na areia, enquanto os astros Liam Neeson e Ewan McGregor descansavam confortavelmente em seus trailers refrigerados. Quem disse que vida de ator é dura?

Star Wars: tempestade no deserto

BAILE PERFUMADO

TRILHA SONORA ARRETADA DA PESTE

Se o filme *Baile Perfumado* já é uma ótima surpresa para os que não tinham mais fôlego para o cinema nacional, sua trilha sonora é uma porrada auditiva da melhor qualidade. As músicas de bambas como Chico Science, Siba (Mestre Ambrósio) e Fred 04 (mundo livre s/a) dão um clima perfeito para a saga do libanês que filmou Lampião. Veja o filme, compre o disco...

GEORGE OF THE JUNGLE

NÃO FAÇA ISTO EM CASA

Os produtores do inesperado sucesso *George of the Jungle* estão preocupados com os efeitos do filme na garotada. Depois de ver o clássico personagem (vivido por Brendan Fraser) se espatifando em umas trocentas árvores, a gurizada sai do cinema batendo a cara em paredes, carrinhos de pipoca e o que vier pela frente, de propósito, só para imitar seu novo ídolo. O próprio Fraser passou a avisar as crianças que todas as árvores do filme eram de mentirinha, para que ninguém mais se machuque. Cara legal.

Columbia Buena Vista

George: herói imitado

mais TAKES na pág. 87

COMPRAR É FÁCIL. DIFÍCIL É ESCOLHER.

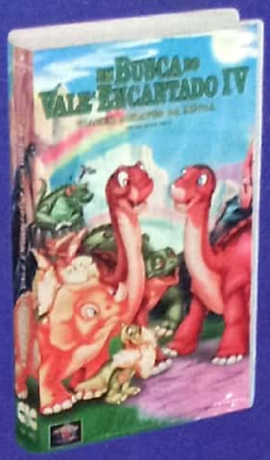
ASSISTA A DUAS AULAS DE SUSPENSE
COM O MELHOR DOS MESTRES:

ALFRED HITCHCOCK

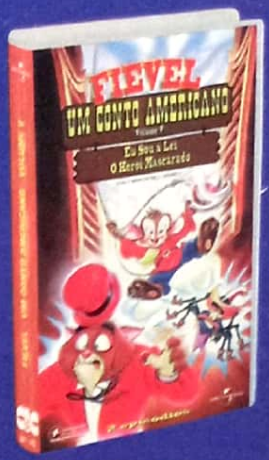
Frenesi

Trama Macabra

INFANTIL

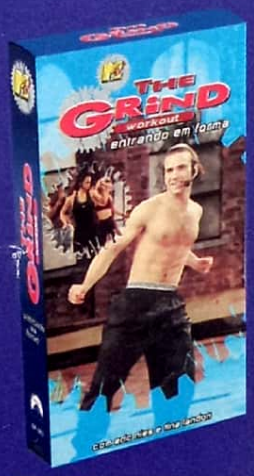


Em Busca do Vale Encantado IV



Fievel-Um Conto Americano - Vol. V

MTV



MTV Grind Workout
Entrando em forma

Beavis and Butt-Head
Detonando o Natal

MTV Acústico

OUTROS LANÇAMENTOS

Para comprar as fitas da CIC Video é muito fácil. Basta passar em um supermercado, locadora, loja de cine-foto-som, loja de discos ou magazine para compra-las pelo preço equivalente ao de um CD. São centenas de sucessos do cinema mundial para a diversão de toda a família. Vá até o ponto-de-venda mais próximo e escolha as suas. E, na dúvida, fique com todas.

Footloose

48 horas

Dragão de Estimação

Um Hóspede do Barulho

Vida de Cachorro - Vol. V

Trocando as Bolas

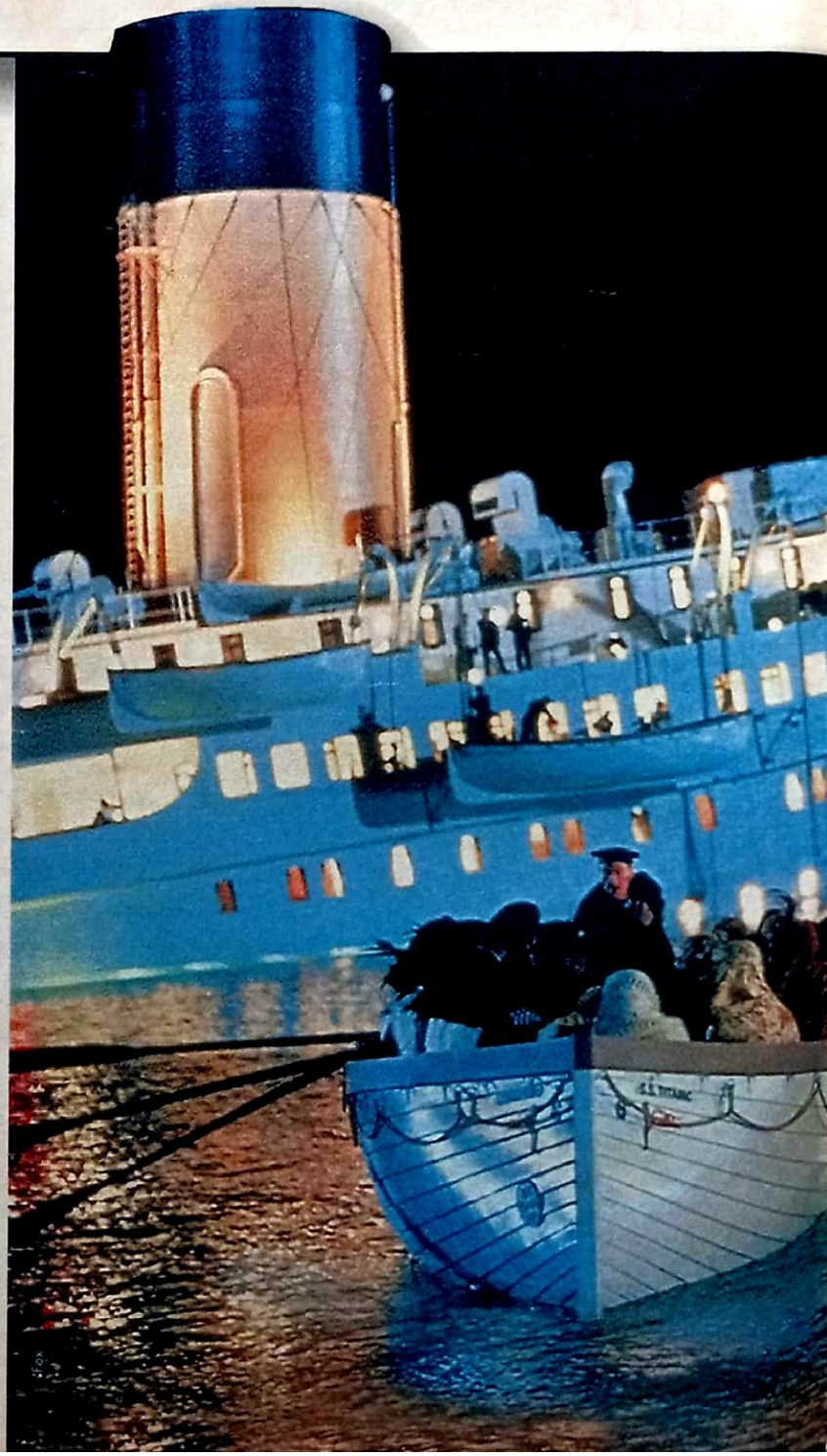
OS SUPER FI

Preparem a pipoca e o refrigerante. Nos próximos meses, os cinemas serão palco da mais explosiva temporada dos últimos anos. Novidades não faltam: Sigourney Weaver volta a combater alienígenas em *Alien: Resurrection*; Spielberg dirige mais um filme sério, o drama *Amizade*; Brad Pitt faz um nazista que vira mentor do Dalai Lama em *Seven Years in Tibet*; James Cameron lança *Titanic*; e Al Pacino é o próprio demônio em *Devil's Advocate*. Mas essa é só a pontinha do iceberg. Entre a diversão sem compromisso e os prováveis candidatos ao Oscar de 1998, a única certeza é de que o público vai encontrar diversão em celulóide para todos os gostos.

Em comum, esses filmes têm lançamentos atrasados, orçamentos estourados e produção atribulada. Mas, entre os atrasos que empurraram a estréia americana de *Alien* para novembro e os trabalhosos efeitos de *Starship Troopers*, o campeão no quesito ansiedade é o épico *Titanic*.

A epopéia de James Cameron começou há dois anos, quando o diretor de *True Lies* ganhou permissão para captar imagens dos destroços do navio afundado em 1912. Ancorado num roteiro original de sua autoria, Cameron concebeu **Titanic** com dois objetivos: varrer os dinossauros de Spielberg da face da Terra no verão americano e atingir o máximo de realismo. A primeira meta foi por água abaixo quando o filme não ficou pronto no 4 de julho. Até por causa desse revés, Cameron se empenhou em fazer um filme que marcasse época, do ponto de vista tecnológico e artístico. Por isso, ele optou por deixar a tragédia do navio como pano de fundo, concentrando-se em seu roteiro – uma história de amor – e nos efeitos revolucionários.

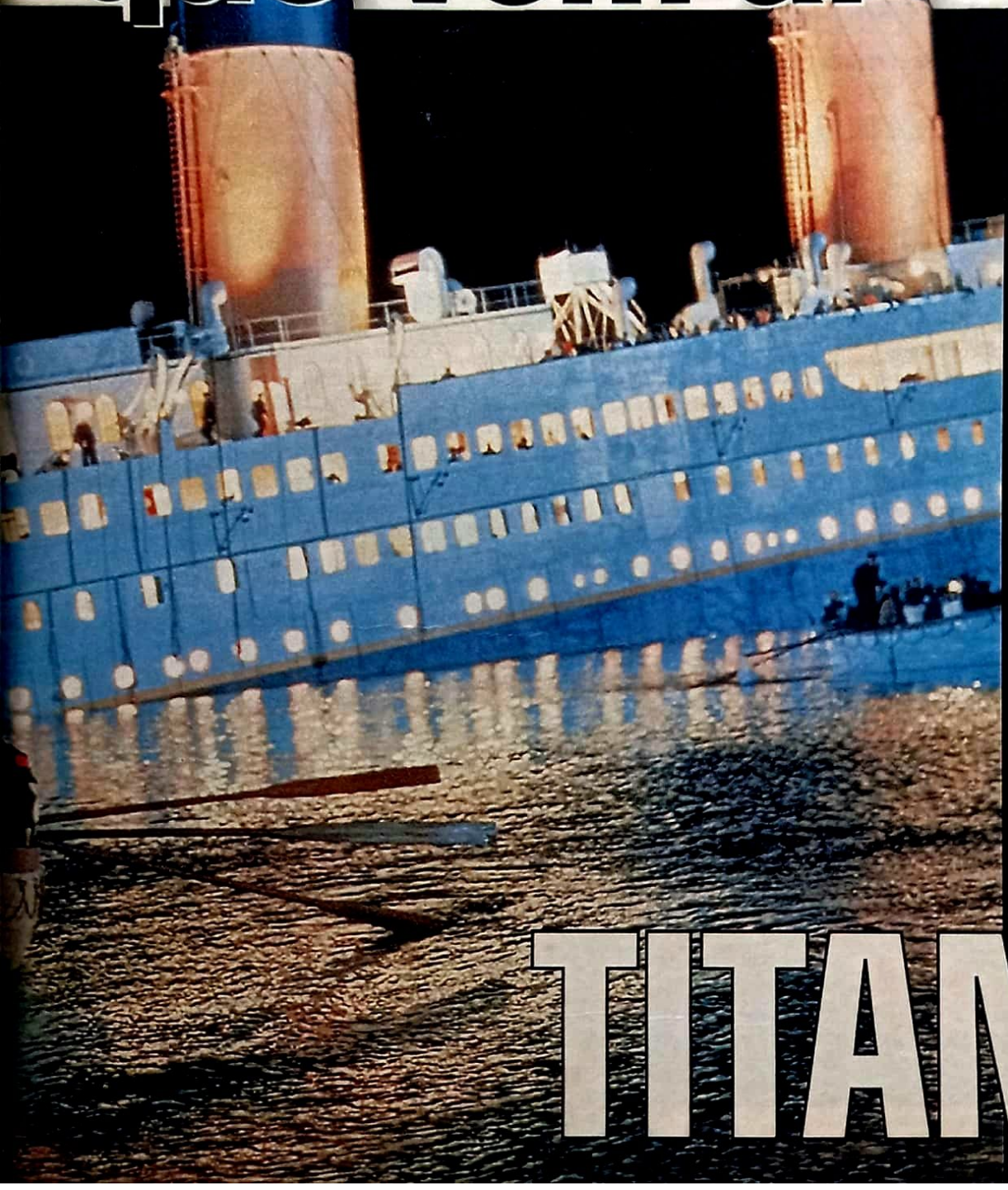
O perfeccionismo do diretor é tanto que, ao ver uma cena que mostrava centenas de pessoas pulando do navio condenado para as águas gélidas do Atlântico, reclamou para sua equipe: "Era uma noite fria, e não estou vendo o ar condensado da respiração das pessoas". Resultado: todo mundo de volta aos computadores para acrescentar aquele vaporzinho característico diante da boca de cada um dos figurantes – humanos e digitais – que aparecem na cena. →



LMES que vêm aí

Nós contamos antes tudo o que rola nos bastidores das produções mais aguardadas da nova temporada

Por Roberto Sadovski



TITANIC

Como transformar a tragédia do Titanic (uma história que todo mundo já sabe como termina) numa superprodução original e empolgante? Ao que parece, o diretor James Cameron sabe exatamente qual é a resposta, mas está demorando para entregá-la. O filme *Titanic* já habita nossa imaginação há mais de dois anos, desde que Cameron começou a captar imagens dos destroços do navio que jazem no fundo do oceano. E em poucos meses, quando o filme mais esperado dos últimos anos chegar às telas, também nós vamos descobrir a resposta. O impressionante trailer exibido na TV americana não entrega o ouro, mas dá uma amostra do que será a aventura *Titanic*: um filmaço de tirar o fôlego

E foi assim que *Titanic* passou de diversão a épico. Com um orçamento que pode chegar a inacreditáveis 300 milhões de dólares (embora Cameron jure não ter superado os 200 milhões), ele já garantiu seu lugar entre as lendas do cinema. O próprio diretor abriu mão de cada dólar que iria lucrar (salário mais percentagem nas bilheterias) e encarou sozinho a barra de escrever, dirigir, produzir e editar o filme. Os poucos mortais que tiveram a sorte de assistir a cópias de teste, não finalizadas, de *Titanic* garantem que ele vale cada centavo investido.

Spielberg largou os dinos e se concentrou em *Amizade*, em que um motim será o pretexto para celebrar a vida

É também um navio o ponto de partida de **Amizade**, o novo drama de Steven Spielberg. O diretor pôs mãos à obra imediatamente após finalizar *O Mundo Perdido*, e logo ficou óbvio que ele planejou o novo ataque dos répteis apenas para diminuir a pressão em cima de *Amizade*. Afinal, da última vez que o diretor se aventurou por um tema sério, no belo *A Lista de Schindler*, o resultado foi a aclamação e o Oscar. Ou seja: nada melhor que alimentar as feras com um biscoito para trabalhar sossegado no jantar.

A saga de *Amizade* começa em 1839, quando 53 escravos espremidos num navio espanhol se amotinaram e mataram seus algozes. Na tentativa de retornar à África, eles acabaram aportando nos EUA, onde foram julgados por amotinagem e assassinato. Em 1978, a atriz e diretora Debbie Allen encontrou num sebo uma série de ensaios sobre o incidente, e desde então vinha tentando levar a saga às telas. Ela abordou Spielberg quando o diretor ainda filmava *Schindler* – e bastou uma leitura do roteiro para ele dizer "sim". *Amizade* ostenta uma primorosa reconstituição de época e um elenco equilibrado: Anthony Hopkins e Morgan Freeman contracenam com Matthew McConaughey e com o novato Djimon Hounsou. Munido de modestos 35 milhões, Spielberg fez uma obra densa, polêmica e heróica – bem ao gosto da Academia.

Mas o filme com mais chances de agarrar um Oscar é **Seven Years in Tibet**, do francês Jean-Jacques Annaud (de *O Nome da Rosa*). *Seven Years* narra a história real do explorador Heinrich Harrer, que, nos primeiros anos da Segunda Guerra, escapou de um campo de prisioneiros no Himalaia e se tornou o tutor do jovem Dalai Lama. O diretor conseguiu um aliado de peso para sua saga: Brad Pitt, que aceitou desafiar os Andes argentinos ("posando" de Tibete) para interpretar um personagem difícil e polêmico.

Os meses que o astro passou na Argentina não foram fáceis, graças ao constante assédio das fãs histéricas, que não arredavam pé do set. A comoção era tanta que ergueu-se uma cerca ao redor da vila onde elenco e

U-TURN

Retorno acertado: Jennifer Lopez e Sean Penn no novo Oliver Stone

KUNDUN

Sem astros: Martin Scorsese aposta no roteiro e pode surpreender

O CHACAL

O vilão: Bruce Willis é um temível assassino que ameaça a vida de Sidney Poitier e Richard Gere

UIP

Vencendo a morte: Sigourney Weaver retorna ao seu papel mais famoso, ao lado de Winona Ryder

ALIEN: RESSURECTION

técnicos estavam instalados, com o propósito de conter a mulherada. O diretor espantou-se com a insistência das garotas: "Foi difícil para Brad. Ele tentava se concentrar no personagem, um homem consumido pelo conflito, enquanto centenas de garotas gritavam que queriam seu corpo". Vida difícil, essa de ator.

A morte não é definitiva. A maior prova disso é a volta da tenente Ellen Ripley no esperado *Alien: Resurrection*

Mas *Seven Years in Tibet* ganhou mais pontos no quesito coragem quando, com as filmagens a pleno vapor, revelou-se que Heinrich Harrer foi membro do Partido Nazista. Em vez de tentar abafar o fato para não prejudicar o filme comercialmente, Annaud decidiu alterar duas cenas para apresentar o austríaco como simpatizante do nazismo. Numa delas, um oficial lhe entregava a bandeira do Partido Nazista no começo de uma expedição, dizendo: "Você será o homem que colocará nosso estandarte no topo do mundo". Na nova versão, ele se refere a Harrer como "um distinto membro do Partido". Em outra cena, o explorador vê as tropas chinesas invadindo o Tibete e diz: "Estremeço ao lembrar que, há muito pouco tempo, abracei as mesmas crenças e fui tão intolerante quanto os chineses". A bela fotografia dá um tom imponente à produção, mas é a atuação de Pitt que vem dando o que falar – e pode lhe render uma indicação da Academia.

Se isso acontecer, Brad enfrentará um páreo duríssimo. Na verdade, poderá medir forças com o diabo em pessoa. Em **Devil's Advocate**, Al Pacino é o presidente de um temido escritório de advocacia, que contrata o promissor Keanu Reeves. Mas o novato logo descobre que seus chefes são bem mais estranhos do que aparentam: na verdade, seu patrão é o próprio demônio.

Se em *Donnie Brasco* Pacino virou amigão de seu parceiro Johnny Depp, o set de *Devil's Advocate* foi um batalha de egos. Keanu e Al Pacino discutiam sobre os detalhes mais ínfimos (como a altura do som no trailer de Keanu), a ponto de a hostilidade tornar ainda mais árduos os cansativos 85 dias de filmagem.

E tensão foi mesmo a palavra-chave de *Devil's Advocate*. Da concepção à finalização, o diretor Taylor Hackford comeu o pão que os executivos da Warner amassaram: eles suspeitavam que a parceria Pacino/Reeves seria difícil e acreditavam que um filme de 60 milhões, recheado de efeitos especiais, mas sem nenhuma cena de ação, era uma aposta arriscada. Ainda mais com o péfrio Keanu Reeves, que não emplaca um sucesso desde *Velocidade Máxima*. Mas Hackford, responsável por alguns filmes lacrimosos da década passada, como *A Força do Destino* (além do excelente suspense *Eclipse Total*, de 1993), ga- →

nhou um aliado de peso em Al Pacino. Sua insistência em interpretar o advogado demoníaco (antes oferecido a Sean Connery) ajudou a concretizar *Devil's Advocate*. E parece que valeu a pena: rumores positivos sobre o filme já circulam, e um deles garante que o desfecho é mais barra-pesada que o de *Seven*.

Na mesma linha, a ficção científica deixa de lado os alienígenas festivos de *Homens de Preto* para se concentrar no lado sombrio e assustador das ameaças que vêm do espaço. O primeiro a chegar às telas americanas é **Starship Troopers**, o esperado retorno do diretor Paul Verhoeven à ficção. Após tecer dois clássicos do gênero (*RoboCop* e *O Vingador do Futuro*), o cineasta holandês derrapou feio com *Showgirls*, considerado por muitos um dos piores filmes da história.

Apesar de Verhoeven ter a cara dura de defender *Showgirls*, o fiasco custou caro a ele. Embora o grosso dos 100 milhões torrados em *Troopers* ter sido dividido entre a TriStar e a Disney, uma parte veio do seu bolso. Além disso, a ausência de rostos famosos no elenco pode pesar contra o filme. Falava-se em Schwarzenegger para liderar os fuzileiros que lutam contra uma raça de insetos imensos que planeja invadir a Terra, mas o salário do astro não coube no orçamento, e o papel foi para Michael Ironside.

Assim, nomes desconhecidos como Casper Van Dien e Jake Busey tiveram a chance de encabeçar uma superprodução que consumiu meses de filmagens e muitos efeitos especiais. Mas os verdadeiros astros de *Starship Troopers* são os insetos que ameaçam a paz no planeta: gerados em computador, eles fazem qualquer predador tremer de medo. Implacáveis, rasgam fuzileiros ao meio, decepam cabeças e protagonizam um banho de sangue tão intenso que pode causar uma dor de cabeça tremenda com a censura. Sempre polêmico, Verhoeven fez questão de manter na versão final todas essas cenas – inclusive aquela em que uma fuzileira é estuprada por um dos bichos.

Mas nenhum alienígena é mais aguardado que o de **Alien: Resurrection**. Todos pensavam que a série havia sido sepultada em 1992, quando o então estreante David Fincher diri-

Cientista desligado: Robin Williams é o astro da mais nova comédia da Disney

Carnificina total: Neve Campbell (*esq.*) foge da morte na seqüência de *Pânico*

Robin Williams fará rir na despretensiosa comédia *Flubber – Uma Invenção Desmiolada*

De olho no Oscar: Brad Pitt pode concorrer à estatueta pelo papel do explorador Heinrich Harrer

SEVEN YEARS IN TIBE

giu o claustrofóbico e mórbido *Alien*^{3}, cometendo a heresia suprema de matar a heroína Ripley. O público não gostou, e *Alien*^{3} fracassou. Fim da história, certo?

Errado. Um ótimo roteiro e 11 milhões de cachê persuadiram Sigourney Weaver a aceitar mais uma vez o papel da tenente Ripley, o único ser humano que sobreviveu a vários encontros com os repugnantes aliens. Desta vez, décadas após o final de *Alien*^{3}, um time de cientistas consegue clonar a heroína para colocar as mãos na rainha alien alojada em seu peito. Mas eles não contavam com um pequeno efeito colateral: o material genético de Ripley misturou-se ao do alien. Dotada de reflexos mais rápidos e força ampliada, a personagem não sabe mais a que raça deve sua lealdade.

Para adicionar mais molho ao grosso caldo de *Alien*, surge a andróide mercenária interpretada por Winona Ryder – fã da série desde que viu o original, aos nove anos. A cena em que a tenente e a andróide se encontram possui um clima homoerótico que vai dar o que falar.

Para comandar esse espetáculo ao mesmo tempo tão bizarro e tão familiar, a Fox atravessou o oceano e foi buscar na França o cineasta Jean-Pierre Jeunet, dos elaborados *Delicatessen* e *Ladrão de Sonhos*. Jeunet levou boa parte de sua equipe para Los Angeles e rodou o filme numa atmosfera de mistério total. Imagens do set eram uma raridade, e ninguém abria a boca para dar detalhes sobre o roteiro ou o visual do novo alien.

Agora, a criatura é um gigantesco alienígena, capaz de nadar (numa das seqüências mais tensas do filme) e de disparar jatos de ácido pela boca. Já a rainha alien foi difícil. O enorme boneco usado em *Aliens – O Resgate* havia sido destruído, e seus moldes, esquecidos num galpão, não foram encontrados. A salvação veio de um colecionador, que havia ganhado de James Cameron uma réplica da criatura e adorou ajudar os produtores. O estúdio está tão contente com o resultado das exibições-teste do filme que já prometeu: pode haver um *Alien 5*. Com Sigourney Weaver engordando sua conta bancária em mais 20 milhões de verdinhas.

Das profundezas do espaço para o claustrofóbico fundo do oceano: depois de comandar *Sleepers*, o diretor Barry Levinson dá uma guinada com **Sphere**, outra adaptação de um livro de Michael Crichton – o polivalente autor de histórias tão diversas quanto *Jurassic Park* e *Assédio Sexual*. *Sphere* mostra uma equipe de cientistas que desce ao fundo do mar para investigar uma nave de mais de trezentos anos – possivelmente uma espaçonave alienígena acidentada. O que ninguém esperava era que o artefato tivesse o poder de manifestar os maiores temores das pessoas que o invadem.

Os executivos da Warner quase cancelaram a produção no dia que *Sleepers* chegou aos cinemas ianques, com a desculpa de repensar os cenários e os gastos com os efeitos especiais. Quando *Sphere* finalmente entrou nos eixos, chegou o momento de escolher o elenco. Enquanto Dustin Hoffman e Samuel L. Jackson encaravam aulas de mergulho para viver dois cientistas que investigam a misteriosa esfera subaquática, faltava ainda escalar a atriz para viver a bióloga Beth Halpern – uma mulher de instintos suicidas, que se afunda no trabalho para escapar de seus próprios demônios.

Eis que entra em cena Sharon Stone, ela própria disposta a afugentar os demônios que a vêm perseguindo. Depois do sucesso de *Instinto Selvagem*, que fez dela a diva número um de Hollywood, sua carreira virou uma série →

À vontade: Robert De Niro e Samuel L. Jackson são os astros do novo filme de Tarantino

JACKIE BROWN

Tarantino voltará à ativa em *Jackie Brown*, com um elenco esperto, diálogos afiados e atmosfera pop

No fundo do oceano: Sharon Stone mergulha em busca de um novo sucesso

SPHERE

O nome dele é Bond: Pierce Brosnan volta ao papel de 007, acompanhado da atriz chinesa Michelle Yeoh

UIP

007 – O AMANHÃ NUNCA MORRE

de altos e (muitos) baixos. Após escolhas tão erradas quanto *Invasão de Privacidade* e *Diabolique*, ela conseguiu uma indicação ao Oscar por sua performance em *Cassino*, e viu em *Sphere* a chance de começar a "fase três" de sua carreira.

Outro que precisa dar novo fôlego à carreira é Kevin Costner. *Waterworld* bateu pesado na reputação do astro, que quase desistiu do cinema, mas respirou fundo e se deu uma nova chance. Primeiro ele protagonizou o simpático *O Jogo da Paixão*. Agora ele volta a ocupar a cadeira de diretor no pós-apocalíptico **The Postman.** Os tubarões da Warner tiveram calafrios: se *Waterworld* foi um desastre, o que esperar de Costner novamente visitando o futuro da humanidade?

Ótima pergunta. O visual exigido para as centenas de figurantes (jovens carecas que saibam montar a cavalo) deixou o mundo intrigado. Para aumentar a curiosidade, uma das cenas dirigidas por Kevin foi transmitida ao vivo pela Internet. É claro que, com milhares de pessoas tentando carregar as imagens ao mesmo tempo, o computador que as enviava pediu arrego. Só uns poucos privilegiados, portanto, viram o astro em ação (os curiosos devem acessar *www.thepostman.com*).

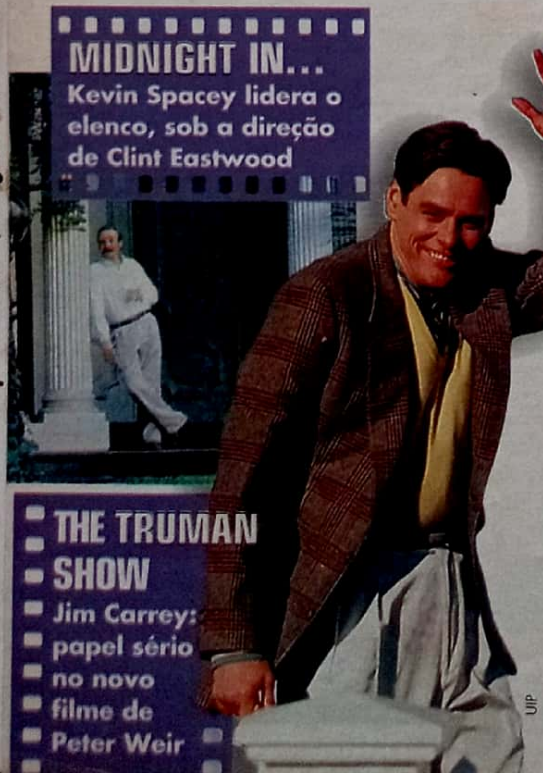
Jim Carrey poderá até concorrer a um Oscar por sua atuação em *The Truman Show*

A premissa de *The Postman* é interessante. Costner é um nômade que, na América devastada de 2013, finge ser um carteiro para que as pessoas acreditem na existência de um governo restaurado. Mas, quando é confrontado pelo anárquico líder de um grupo rebelde, sua mentira passa a ser a última fagulha de esperança. Em sua primeira incursão como diretor após *Dança com Lobos*, Kevin está confiante no sucesso. Pelo menos a ação se passa no deserto, bem longe da água.

E os heróis dos filmes de ação se preparam para um segundo tempo de tiros e perseguições. É o caso de George Clooney, que, depois de uma embaraçosa passagem pela batcaverna em *Batman & Robin*, topou protagonizar o primeiro filme com o logotipo da Dreamworks, o estúdio comandado pelos pesos-pesados Steven Spielberg, David Geffen e Jeffrey Katzenberg. Em **O Pacificador**, Clooney é um coronel das Forças Especiais que se une a uma especialista em armas nucleares (Nicole Kidman) para combater terroristas que roubam mísseis nucleares do arsenal russo e plantam uma ogiva em Nova York.

O *début* da Dreamworks marca também a estréia da diretora Mimi Leder na tela grande. Premiada com o Emmy por um eletrizante episódio de *Plantão Médico*, ela foi convidada pelo próprio Spielberg a comandar *O Pacificador*. "Minha primeira reação foi de pavor", conta a diretora. Mimi explicou ao todo-poderoso que nunca fizera um filme de ação na vida. E ele retrucou: "O que você acha que faz aqui na televisão todas as semanas?"

E dezembro traz o mais famoso dos agentes secretos. Em **007 – O Amanhã Nunca Morre**, Pierce Brosnan encarna pela segunda vez James Bond. Em 1995, ele foi um dos responsáveis pelo sucesso de *007 Contra Goldeneye*, que tirou a série do marasmo e colocou o agente nos anos 90 com o pé direito. Para orquestrar a nova aventura convocou-se o diretor Roger Spottiswoode, que já fez desde o sensível drama *E a Vida Conti-*



MIDNIGHT IN...
Kevin Spacey lidera o elenco, sob a direção de Clint Eastwood

THE TRUMAN SHOW
Jim Carrey: papel sério no novo filme de Peter Weir

UIP

nua até a vergonhosa comédia *Pare! Senão Mamãe Atira*, com Stallone.

A produção de *O Amanhã Nunca Morre* foi a mais complicada de toda a série. Primeiro pela constante troca de títulos, depois pela indecisão sobre quem faria o vilão. Diante da recusa de Sean Connery e Anthony Hopkins, o papel ficou com Jonathan Pryce, de *Evita*. As curvilíneas *bondgirls* também andaram sem dono durante um bom par de meses, até "adotarem" Michelle Yeoh e Teri Hatcher. Michelle é uma espiã chinesa perita em artes marciais (ela foi parceira de Jackie Chan em *Supercop* e, como ele, dispensa os dublês nas cenas perigosas), o que derruba de vez a tradição de que as companheiras de Bond só servem para gritar e, bem, ir para a cama com ele. E Teri tenta (de novo) emplacar no cinema, já que ela é adorada nos EUA como a repórter Lois Lane da série *Lois & Clark*.

Após exaustivas correções no roteiro, parece que *O Amanhã Nunca Morre* ficou do jeito que os fãs gostam, e Brosnan jura que os boatos de brigas no set eram infundados. No filme, Bond combate Elliot Carver, o magnata da imprensa que quer detonar a Terceira Guerra para aumentar sua audiência a níveis alarmantes.

A troca do título causou um impasse ainda maior em **O Chacal**. A princípio, tratava-se de uma refilmagem de *O Dia do Chacal*, no qual um terrorista tenta assassinar o premiê francês Charles de Gaulle – um clássico dirigido por Fred Zinnemann em 1973. Com Bruce Willis como o terrorista e Richard Gere no papel do homem capaz de detê-lo, o diretor Michael Caton-Jones tinha um sucesso em mãos. Ou será que não?

Primeiro, o personagem de Gere foi criado para que o conflito entre bem e mal fosse melhor definido. Depois, De Gaulle deu lugar ao diretor do FBI (Sidney Poitier). Zinnemann, morto este ano, não ficou nada contente com as alterações – tanto que vetou o uso do nome *O Dia do Chacal*. Caton-Jones concordou de cara, classificando a querela de "tempestade em copo d'água".

Em *O Chacal*, a máfia russa está sofrendo perdas devido à interferência do FBI. É quando os chefões do submundo decidem contratar o assassino conhecido apenas como "chacal" (Bruce Willis) para matar o diretor da agência federal. Seu preço: 70 milhões de dólares.

Quando os federais percebem a ameaça, recorrem ao único homem capaz de caçar o caçador: o irlandês Declan Mul- →

O thriller *O Pacificador* trará a assinatura de uma estreante de muito peso: a diretora de *Plantão Médico*

Ele é o diabo: na pele de um advogado implacável, Al Pacino esconde sua verdadeira natureza infernal

DEVIL'S ADVOCATE

queen (Richard Gere), um atirador do IRA que está mofando na prisão. Com um orçamento de 60 milhões de dólares (note-se que o chacal cobra mais para apagar alguém) e dois astros de primeira grandeza (que, dizem, se estranharam), O *Chacal* pode se tornar uma experiência tão intensa quanto sua inspiração.

Três novos filmes podem surpreender os desavisados – e um deles é "filho" da maior surpresa do ano, o terror *Pânico*. Em **Scream: The Sequel**, todos os personagens que não morreram no original estão de volta, numa continuação novamente comandada por Wes Craven.

Scream: The Sequel retorna à cidadezinha de Woodsboro dois anos depois do massacre do primeiro filme. Enquanto a repórter Courtney Cox colhe os louros do sucesso, a traumatizada Neve Campbell volta à cena do crime para caçar um assassino que mata seus amigos usando a mesma máscara assustadora de *Pânico*.

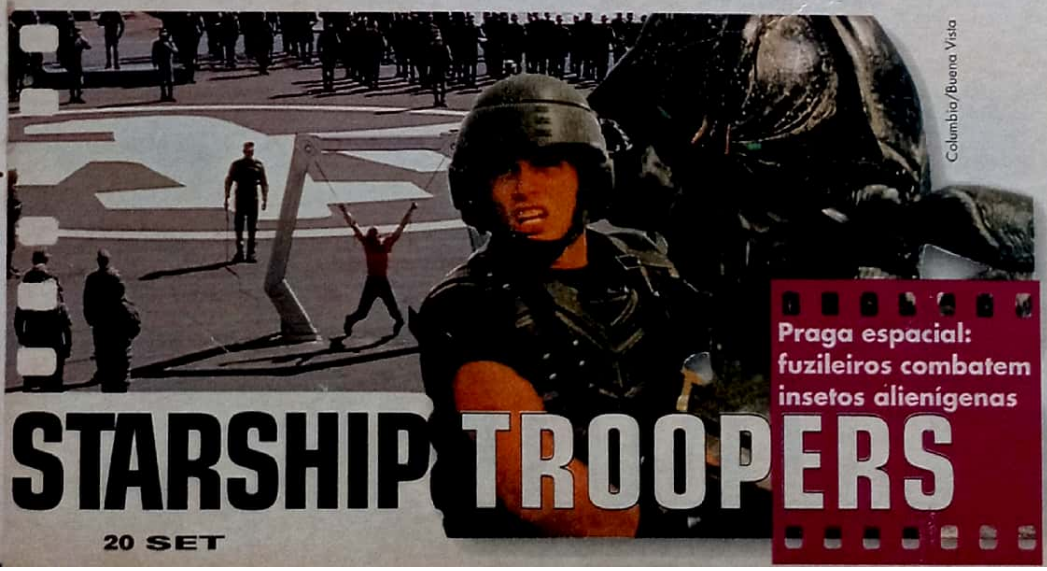
Craven e o roteirista Kevin Williamson aprenderam direitinho as lições de *Pânico*: logo nos créditos iniciais, uma atriz famosa (e bonitinha) é esquartejada. Quem pegou a vaga de Drew Barrymore, a vítima do primeiro filme, foi Jada Pinkett, de O *Professor Aloprado*. E o sarro em cima dos filmes de terror é ainda mais ácido: a frase mais repetida do roteiro é "continuações são uma porcaria".

Já a comédia **Flubber – Uma Invenção Desmiolada** não é uma continuação, e sim uma refilmagem de O *Fantástico Super-Homem*, de 1961. O cientista Robin Williams inventa uma substância capaz de anular a gravidade e que – pasmem – tem personalidade. Amparado por efeitos visuais simpáticos, Williams pretende esquecer o fracasso de *1 Dia 2 Pais*. Afinal, *Jumanji* provou que a combinação do astro com efeitos especiais é garantia de ótimas bilheterias.

Jim Carrey, por outro lado, não precisa provar mais nada a ninguém – a não ser a ele mesmo. Ele fracassou com O *Pentelho*, mas deu a volta por cima com O *Mentiroso*. Em **The Truman Show**, Carrey faz um vendedor de seguros que não sabe que sua vida é o programa de TV mais popular do mundo, transmitido 24 horas por dia. E mais: todos ao seu redor, de sua mãe à sua mulher, são só atores. A surpresa é que esse é o primeiro papel dramático de Carrey, e especula-se que ele pode até ser indicado ao Oscar. Para quem duvida, uma dica: o diretor de *The Truman Show* é o mesmo Peter Weir que fez do comediante Robin Williams um ator dramático convincente em *Sociedade dos Poetas Mortos*.

Mas a corrida pelo Oscar vai esquentar mesmo com a volta de quatro grandes diretores ao set. Na verdade, nem faz tanto tempo que Clint Eastwood esteve atrás das câmeras pela última vez. No

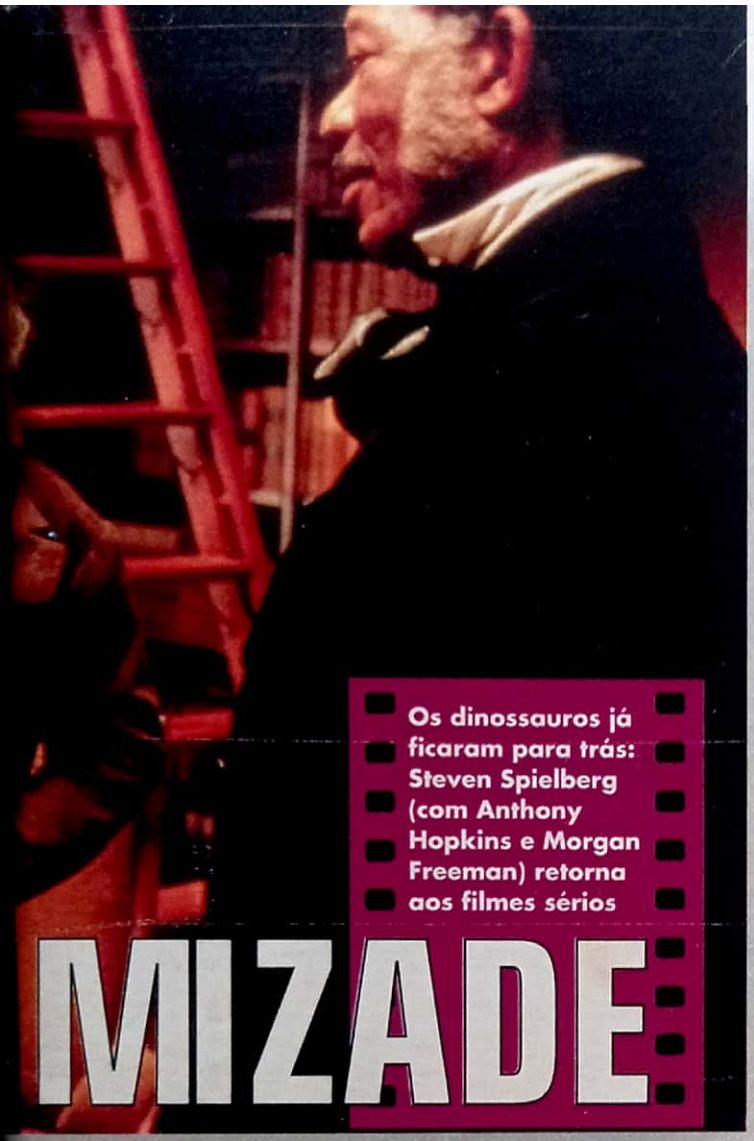
Martin Scorsese desafia o governo chinês, mas poderá levar um prêmio para casa pelo belo drama *Kundun*



Columbia/Buena Vista

Praga espacial: fuzileiros combatem insetos alienígenas

STARSHIP TROOPERS

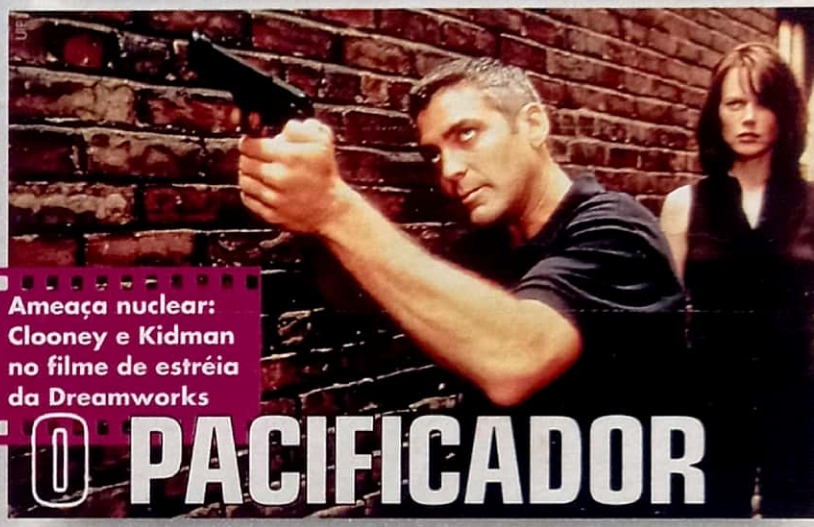


Os dinossauros já ficaram para trás: Steven Spielberg (com Anthony Hopkins e Morgan Freeman) retorna aos filmes sérios

MIZADE

De volta para o futuro: Kevin Costner é a última esperança da humanidade

THE POSTMAN



Ameaça nuclear: Clooney e Kidman no filme de estréia da Dreamworks

O PACIFICADOR

início deste ano, ele fez *Poder Absoluto* e colecionou as piores críticas de sua carreira. Mas Clint não estava nem aí: ele estava, isso sim, invadindo com sua trupe a pacata cidade de Savannah para dar vida ao best-seller **Midnight in the Garden of Good and Evil**, de John Berendt.

Em companhia dos excelentes Kevin Spacey e John Cusack, Clint não atua na história verídica de um marchand gay que vai a julgamento por ter atirado em seu amante caipira. Há quem diga que vai faltar Oscar para todo mundo.

O diretor Wes Craven vai juntar novamente a comédia e o terror em *Scream: The Sequel*

Bem distante do mundo do crime está Martin Scorsese. No minimalista **Kundun**, ele narra a vida do 14º Dalai Lama a partir de 1959, quando ele fugiu do Tibete para a Índia. Sem nenhum astro – o diretor preferiu chamar refugiados tibetanos e até monges para os papéis principais –, *Kundun* é uma aposta arriscada da Disney, que ignorou as ameaças de boicote do governo chinês e deixou Scorsese fazer o filme a seu modo.

Já Oliver Stone abandonou o experimentalismo e a paranóia que infestaram seus últimos filmes e ficou mais humilde. Com um orçamento abaixo dos 20 milhões, mas um elenco de talento (Sean Penn, Jennifer Lopez e Billy Bob Thornton, só para citar alguns), ele teceu **U-Turn** como um *road movie noir*.

U-Turn mostra o que acontece com um homem que se vê no lugar errado, na hora errada. Sean Penn é uma pobre alma que está a caminho de Las Vegas para pagar uma dívida de jogo, mas acaba emperrado no vilarejo de Superior, no deserto do Arizona. Lá, ele leva uma surra de homens ciumentos, perde todo seu dinheiro e vira alvo de um mafioso russo.

E Quentin Tarantino também está de volta com uma história barra-pesada, cheia de personagens fantásticos, atores idem e um roteiro abarrotado de referências pop. Em **Jackie Brown**, baseado em *Rum Punch*, de Elmore Leonard, ele escalou uma de suas heroínas favoritas (Pam Grier, rainha dos filmes de *blaxploitation* dos anos 70) como uma aeromoça e garota de programa que entra numa fria envolvendo agentes federais e traficantes de armas.

O único problema que *Jackie Brown* vai enfrentar é a altíssima expectativa. Afinal, *Pulp Fiction* redefiniu o termo "cinema independente", custou pálidos oito milhões de dólares e rendeu mais de 200 milhões no mundo todo. Mas, com os diálogos espertos que Tarantino é mestre em escrever e um elenco que inclui Samuel L. Jackson, Michael Keaton, Bridget Fonda e Robert De Niro, até que a tarefa não parece tão difícil assim. ■

"O Franz Liszt Sempre Toca Um Pianinho Aqui em Casa"

Marco Petruzzi, engenheiro, assinante da ABRIL COLEÇÕES

O Marco Petruzzi sabe escolher um grande livro, degustar um bom vinho e apreciar o melhor da música. É por isso que ele recebe em casa pessoas como o Liszt. O bom e velho Franz costuma aparecer por lá, para tocar um pianinho com a sensibilidade que só uma pessoa com muitos anos de prática consegue demonstrar.

E não é só o Liszt que visita o Marco. Como ele gosta de estar sempre cercado de pessoas talentosas, quando quer ouvir uma boa música, recebe também em casa Schubert, Bach e outros gênios. E os convidados se deliciam com pratos sofisticados e saudáveis, preparados por grandes "chefs" internacionais. Tudo graças à ABRIL COLEÇÕES, de que Marco é assinante.

Abril Coleções

ABRIL COLEÇÕES faz parte da vida do Marco. Com ABRIL COLEÇÕES, ele tem acesso a tudo que mais gosta. E, assim como ele, milhares de outras pessoas não precisam mais sair para assistir a grandes concertos e sinfonias. Nem perdem tempo procurando receitas dos melhores pratos. E os admiradores da natureza não precisam se arriscar para ver os animais selvagens de perto. O assinante de ABRIL COLEÇÕES recebe tudo isso em casa.

ABRIL COLEÇÕES faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até daqueles que acham que Sebastian Bach é só mais um cantor de rock e dos que só comem três tipos de comida: enlatados, congelados ou requentados.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros canais, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN Brasil · Informática · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV Music Television

Guia Quatro Rodas · HOMEPC · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · Listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Recreio

HBO Brasil · Ação Games · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · Bravo Brasil · HOROSCOPO · A&D · Universo Online · Terra · EURO CHANNEL

CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · Almanaque Abril · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

Fotos: Warner

LUNÁTICO E OBCECADO!
Mel Gibson é Jerry Fletcher, um taxista que vê um complô em cada canto. Só que, por azar, um deles é verdadeiro

TEORIA DA CONSPIR

EXTRA!

Taxista tido como paranóico desvenda complô e é ameaçado de morte. As pistas apontam para um novo suspense com Mel Gibson e Julia Roberts

RAÇÃO

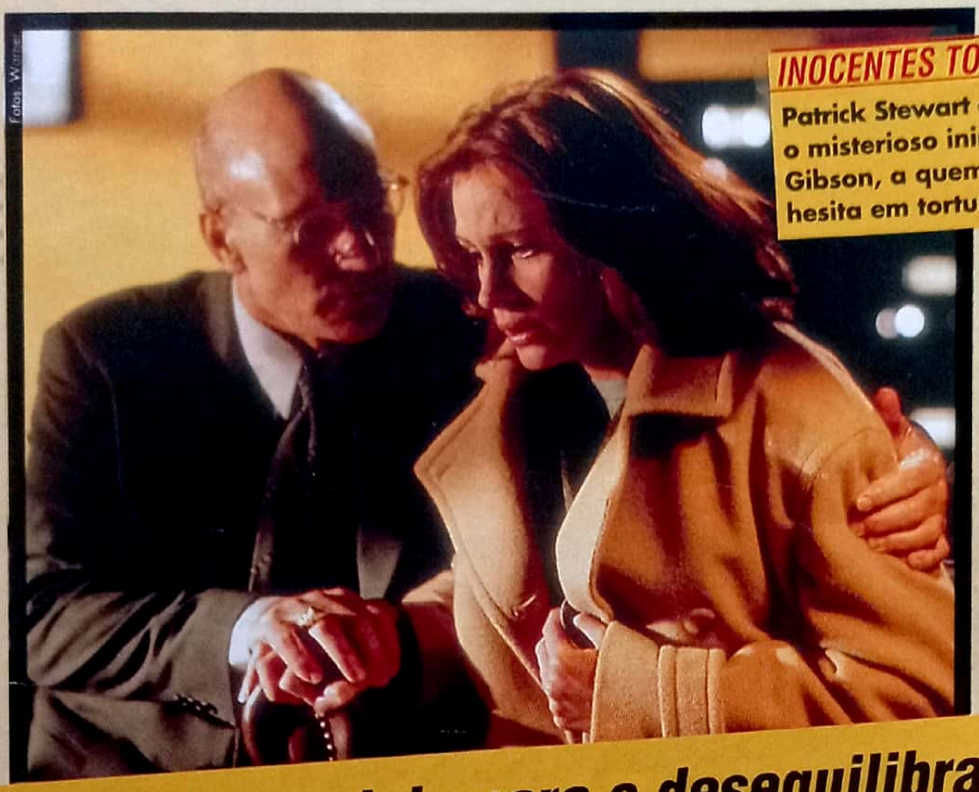
Mel Gibson vê a barata na pia. E parte para cima dela armado de uma espátula de cozinha. Um golpe, dois, três, e ele dá conta da barata. Depois recolhe cuidadosamente o cadáver e o despeja numa caixa de comida chinesa estragada. Ato contínuo, pega a espátula e a pendura de volta no lugar, dando a entender que a usará de novo, sem antes lavá-la. "Corta!", grita o diretor Richard Donner, no galpão da Warner Bros., em Burbank, subúrbio da Califórnia. "Vamos fazer de novo", responde Mel. "Acho que pode ficar mais engraçado."

Os dois estão filmando a cena em que a platéia verá pela primeira vez o interior do apartamento em que mora Jerry Fletcher, o protagonista de *Teoria da Conspiração*. Fletcher é um motorista de táxi que, nas horas vagas, edita um jornalzinho no qual detalha suas últimas elucubrações em torno de teorias conspiratórias – as teses, por mais absurdas que possam parecer, usadas para explicar casos como o assassinato de John Kennedy, a verdadeira causa da explosão do vôo 800 da TWA e a relutância do governo americano em admitir a existência de vida extraterrestre. Acostumado a enxergar um complô em cada canto, Jerry toma um susto – e passa a correr perigo de vida – quando uma de suas teses prova ser, afinal, verdadeira, atraindo a atenção do Dr. Jonas, um agente da CIA muito suspeito (Patrick Stewart, o Capitão Picard de *Jornada nas Estrelas*), e obrigando-o a procurar a ajuda da advogada Alice (Julia Roberts), por quem Jerry tem uma fixação amorosa.

Bem de acordo com a natureza paranóica do personagem, tudo no apartamento dele é trancado a cadeado: a despensa, a geladeira e até os bules de café – medo de envenenamento. Quase um caso de loucura furiosa. "Quando li o roteiro, pensei: este cara é um maníaco, um obcecado. Ele se veste como um molestador infantil e é um lunático. Há vários aspectos dele que são repelentes, e não sei como alguma mulher poderia tolerar a sua proximidade. Foi difícil contornar esse obstáculo", relembra Mel, que encontrou vários modelos de comportamento para Jerry nos taxistas de Nova York. "Tem aquele cara que não pára de falar, tem o Cro-Magnon com pêlos saindo das orelhas e que só sabe grunhir, tem o outro que não tira o pé do acelerador – e ganha a maior gorjeta, porque você está grato por estar vivo... ainda", ele brinca. Mas, como nesta cena Mel quer enfatizar o lado humano do personagem, ele bola um detalhe cômico. Agora, além de matar a barata (na verdade, um inseto de borracha, porque Donner "jamais mataria uma barata de verdade"), ele usa a espátula para tentar consertar na base da porrada o pinga-pinga da torneira da pia. "Corta!", grita Donner mais uma vez, agora dando risada. "Ficou ótimo!" Mel sorri de volta e acende um cigarro. →

RISCO DE VIDA!
Julia Roberts é a advogada Alice, a quem Mel pede ajuda ao se ver envolvido numa perigosa conspiração

TEORIA DA CONSPIRAÇÃO



INOCENTES TORTURADOS! Patrick Stewart é o Dr. Jonas, o misterioso inimigo de Mel Gibson, a quem ele não hesita em torturar (*à direita*)

Achar um modelo para o desequilibrado Jerry Fletcher não foi difícil, diz Mel: bastou tomar um táxi em Nova York

Mel é um louco", diz o diretor minutos mais tarde, enquanto sua equipe ajusta a luz para a cena em que o apartamento pega fogo – a forma encontrada pelo personagem para esconder dos bandidos toda a sua papelada. "É uma delícia trabalhar com ele, sempre foi. A equipe adora Mel. E Julia é muito parecida com ele, nesse sentido." Donner sabe do que está falando. Ele lembra das brincadeiras de humor negro do par no set de filmagem. Uma noite, em Nova York, Mel escondeu no bolso do casaco de Julia um rato – morto e molhado –, que a atriz só descobriu na hora em que foi proteger as mãos do frio. O revide não tardou: ao correr para fazer xixi no seu trailer, Gibson deparou com uma privada coberta de plástico transparente. Mas só percebeu quando, todo ensopado, já era tarde demais. Vista hoje, a parceria Mel/Julia parece feita no céu – senão construída meticulosamente por algum arguto agente. Mas esteve bem perto de não acontecer.

A idéia de *Teoria da Conspiração* foi proposta a Richard Donner pelo roteirista Brian Helgeland em 1994, durante as filmagens de *Assassinos*. Mas demorou dois anos para o diretor da série *Máquina Mortífera* (que logo engata um quarto episódio) convencer o velho amigo Mel a dar um tempo na refilmagem de *Fahrenheit 451* – o clássico de François Truffaut que o astro vai produzir, dirigir e estrelar – para se dedicar ao projeto. Julia Roberts, então, nem se fala: *Teoria da Conspiração* teve uma sucessão de estrelas femininas potenciais, como Winona Ryder, Robin Wright e Gwyneth Paltrow, até Julia ceder aos insistentes apelos da trindade formada por Donner, Gibson e o produtor Joel Silver.

Julia pensava em tirar longas férias após as filmagens de *O Casamento do Meu Melhor Amigo* e deixara claro que, mesmo tendo adorado o roteiro de *Teoria da Conspiração*, preferia dar uma paradinha. O produtor Joel Silver não se deixou abater: diariamente, ele enviava flores e champanhe para o escritório de Elaine Goldsmith, a agente de Julia. Enquanto isso, Mel deixava mensagens na secretária eletrônica da atriz, tentando convencê-la a adiar as cobiçadas férias.

Como a decisão não vinha, Silver deu uma cartada definitiva: uma semana depois de encerradas as filmagens de *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, ele marcou uma reunião com Mel, Richard Donner e Julia em uma suíte de hotel em Nova York e aplicou pressão total para que a estrela capitulasse. Quando Julia, devidamente imprensada contra a parede, proferiu seu "sim", uma banda irrompeu pela suíte, tocando em comemoração. "Se ela tivesse dito não, acho que a banda estaria escondida no hotel até agora", pondera Joel. "À exceção de descolar minhas

unhas com varetas de bambu, eles fizeram de tudo para me convencer", brinca Julia.

Os problemas de Joel, entretanto, não acabariam aí: o chefão da Warner, Terry Semel, adorou a notícia de que Julia estava no elenco de *Teoria da Conspiração*, mas exigiu que se negociasse com ela um cachê mais baixo: o estúdio não estava disposto a pagar 12 milhões de dólares a uma atriz que, a bem da verdade, vinha protagonizando um fracasso após o outro. Silver fincou o pé e contra-argumentou que *O Casamento do Meu Melhor Amigo* tinha tudo para ser o maior sucesso de Julia em muitos anos e poderia abrir ainda mais os caminhos para *Teoria da Conspiração*. Semel, geralmente duro na queda, vergou-se ao insistente Silver. E este, o tempo cuidou de mostrar, acertou na mosca com sua aposta.

Não que Mel Gibson precisasse realmente de ajuda. Ao lado de Tom Cruise e Harrison Ford, ele é um dos poucos astros com cacife máximo em Hollywood, capazes de, sozinhos, justificar a mera existência de um filme. Só que, conforme o diretor Richard Donner, Mel é o mesmo ator dedicado e disciplinado de sempre. Para ilustrar seu argumento, ele detalha as agruras por que seu astro passou durante a filmagem de uma das cenas mais difíceis de *Teoria da Conspiração*. Nela, Mel é obrigado a manter os olhos abertos enquanto é torturado por um bombardeio de luz estroboscópica, para depois ser jogado na água fria até quase se →

AS TEORIAS DE MEL GIBSON SOBRE...

Jesse Nash

Mel aproveita o...

...jantar do hospital...

...para simular um...

...ataque e escapar

...CONSPIRAÇÕES

"Onde houver mais de uma pessoa haverá uma conspiração. Ei, estou brincando."

...FUMAR

"Parar de fumar é enlouquecedor (*Mel fuma dois maços por dia*), porque estamos falando de uma substância da qual você depende há anos. Você passa por um estágio de descontrole no qual é capaz de insultar os outros por nada."

...VIVER NA MIRA DO PÚBLICO

"Se eu ficasse cinco anos sem trabalhar, o assédio acabaria. A memória do público é curta. Mas, mesmo com a fama, há jeitos de levar uma vida normal – ou quase. Na verdade, me acho afortunado. Não posso reclamar de nada."

...FICAR MAIS VELHO

"A idade dá alguns privilégios. Poucos. Ela tende a passar a mensagem de que você está neste negócio há algum tempo e sabe o que está fazendo. Só que eu não sei! Não mesmo."

...SEXO NO CINEMA

"Em muitos dos roteiros que eu recebo, há indicações assim: 'Esta cena acontece enquanto o cara está transando com a garota'. Os caras nem se dão mais ao trabalho de evocar algum erotismo, é uma coisa quase... clínica. Acho que se poderia ganhar mais mostrando menos."

...A OPINIÃO ALHEIA

"Sempre que você expõe seus dotes diante de uma maioria é preciso aceitar qualquer reação, seja um beijo, seja um tapa. Ajuda se você imaginar sempre o pior possível."

...OS TESTES NUCLEARES FRANCESES NO PACÍFICO

"Uma atrocidade. Eles faziam os testes (*no atol de Mururoa, já encerrados*) perto da Austrália e da Nova Zelândia, em lugares onde eu tenho amigos e parentes. É como levar seu cachorro para fazer as necessidades no quintal do vizinho. Mas não culpo os franceses – está claro que a maioria da população era contra os testes."

...IR À GUERRA

"A guerra só se justifica quando é a única alternativa à perda da liberdade individual. E houve casos na história em que essa justificativa moral existia. Mas ela é horrível. Ninguém a quer. Espero nunca passar por essa experiência."

...A TESE DE QUE RANSOM INSPIROU O SEQÜESTRO E ASSASSINATO DA FILHA DE UMA ATRIZ CHINESA

"Esses caras eram criminosos. Fico triste pela mãe da garota, mas não acho que o cinema é responsável por todas as mazelas da sociedade, embora vários políticos que queiram se eximir dessa responsabilidade possam apoiar essa tese."

afogar. "A equipe não estava mais agüentando o pulsar das luzes, já tinha gente vomitando. E Mel, que estava recebendo a carga inteira, de olhos abertos direto para a luz, ficou firme e insistiu para continuarmos até a cena ficar como a gente queria."

Só não coloque Mel e Julia juntos e ao vivo frente a frente com a imprensa. Em um intervalo nas filmagens de *Teoria da Conspiração*, os dois são confrontados com perguntas diretas sobre seu trabalho no filme. As respostas, de frases curtas, não passam de brincadeiras – não exatamente originais, ou inspiradas. Ou mesmo engraçadas.

"Não tínhamos química nenhuma juntos", decreta Julia com seu sorriso Colgate, antes que Mel a interrompa no final da frase, entre baforadas de Marlboro. "Eu discordo", ele diz, partindo para a baixaria. "Senti uma química logo no momento em que deslizei minha língua dentro da orelha dela." Sobre teorias conspiratórias? "Se eu conversar com Mel por uma hora acabo pegando um avião e me mudando para a Suíça. Ele sabe como me deixar grilada", diz Julia. "Contei a ela só uma ou duas coisas", o astro reclama, "e ela já me mandou calar a boca". E daí por diante o papo desanda vertiginosamente.

UM TRABALHO DE EQUIPE! O diretor Richard Donner, o produtor Joel Silver, Patrick Stewart, Mel e Julia discutem suas cenas

Jerry tem tanto medo de envenenamento que guarda tudo a cadeado. Até o bule de café

Chega a vez de Patrick Stewart (com um machucado de mentirinha enfeitando o nariz, parte do papel) entrar na roda e falar de seu personagem, o Dr. Jonas. "O roteirista definiu desta forma: neste filme há os mocinhos e os mocinhos/bandidos", explica Patrick, com seu nobre sotaque bretão. "Eu sou um dos mocinhos/bandidos. Fica evidente em quinze minutos que o Dr. Jonas tem hábitos bem desagradáveis. Tais como torturar Mel."

Patrick faz uma pausa dramática. "Não tenho como sair ganhando dessa situação", ele suspira. "Se no elenco há Mel Gibson, Julia Roberts e Patrick Stewart, quem é que vai ser o bandido e quem é que vai ficar com a garota no final? (*risos*) Alguém em sã consciência acha que serei eu?"

Ainda segundo Patrick, o grande negócio de *Teoria da Conspiração* é que nunca se sabe em quem se pode confiar ou quem está trabalhando para quem até os minutos finais. Até o desfecho, toda a situação pode se reverter. "Nem mesmo as pessoas que trabalham com Jonas sabem o quão mau ele realmente é", entrega o ator. "Richard Donner ficava sussurrando no meu ouvido: convença-nos de que você é um homem honesto e decente, seduza-nos. Além disso", ele conclui, "por eu estar há anos representando o honrado e digno Capitão Picard, as pessoas tenderão a tomar o partido de Jonas. Olhe só para a minha cara: só posso ser gente boa!".

José Emilio Rondeau

(Conspiracy Theory, EUA, 1997) Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Julia Roberts, Patrick Stewart, Cylk Cozart, Stephen Kahan. 135 min.

COISAS EM QUE O PESSOAL ACREDITA

As teorias conspiratórias que rolam por aí

★ Nos anos 50, a CIA teria usado o LSD para formar matadores – Lee Harvey Oswald, o suposto assassino de Kennedy, teria ingerido doses cavalares da droga numa base naval no Japão.

★ A morte do produtor Thomas Harper Ince, um dos mais importantes do cinema mudo, teria sido um engano: o magnata William Randolph Hearst queria era acertar Charles Chaplin (que estava transando com a namorada de Hearst, a atriz Marion Davies) em seu iate Oneida.

★ Para eliminar Fidel Castro, a CIA teria enviado a Cuba aspirinas contaminadas com botulismo, presenteado o líder com charutos explosivos e até encenado o ataque à base naval de Guantánamo para justificar uma retaliação.

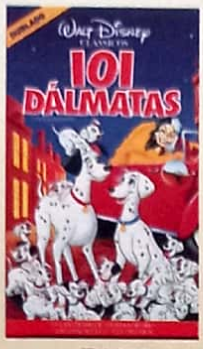
★ Jim Morrison teria tentado transmigrar sua alma para fugir de seu karma, mas teria sido realmente assassinado no processo – dizem que por agentes franceses ou até por uma amante nova-iorquina.

★ A Nasa afirma que a Lua ficou um bom tempo sem receber visitas humanas depois de julho de 1969. Para muita gente, porém, os americanos já pisaram em solo lunar diversas vezes, sempre para travar contato com alienígenas.

12 de outubro
DIA DA CRIANÇA!!
Escolha aqui
a lembrança inesquecível

JOINTVIDEO TEM A RECEITA CLÁSSICA PARA UMA COLEÇÃO MODERNA.

D 21(D)/D22(L)
TOY STORY



D20
101 DÁLMATAS

D 01
MOGLI
O MENINO LOBO

D11
BRANCA DE NEVE
E OS SETE ANÕES

D26(D)/D27(L)
A BELA ADORMECIDA

Sucessos Disney a R$ 24,90* cada

* PREÇO VÁLIDO PARA FITA RETIRADA NA LOJA.

D30(D)/D31(L)
O CORCUNDA
DE NOTRE DAME

D24
VOLTA AO MUNDO
COM TIMÃO E PUMBA

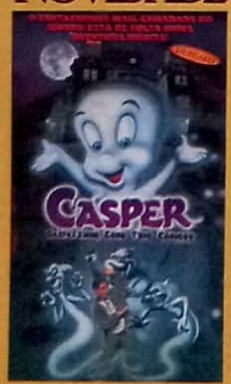
D12
O CÃO E A RAPOSA

D29
ROBIN HOOD

D23
PATETA O FILME

D54
ARISTOGATAS

NOVIDADE



FOX D59(D) D60(L)
GASPARZINHO
R$ 25,90

Ligue e faça o seu pedido: (011) 290-0811

Consulte outros gêneros em oferta.
Agora peça também pela Internet:
(Site) http://www.saj.com.br/joint
(E-mail) joint@saj.com.br

JOINTVIDEO

CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.

D57(D)/D58(L)
101 DÁLMATAS
O FILME

AV. GAL ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP - FAX: (011) 267-6120

TABELA DE PREÇO PARA ENTREGA: São Paulo e Interior (+ R$ 2,00) RJ/MG/SC/RS/PR (+ R$ 4,00) Outros Estados (+ R$ 6,00)

Pouca lei, pouca ordem: na polícia representada por James Cromwell, Russell Crowe, Guy Pearce e Kevin Spacey, imperam a corrupção e a violência. No detalhe, Spacey fornece dicas ao repórter sensacionalista Danny DeVito

A misteriosa e glamourosa Los Angeles dos a
e sedução, é o cenário de um dos mais gratifica

L.A. CONF

nos 50, com suas teias de crime, corrupção
ntes suspenses americanos dos últimos anos

IDENTIAL

Desde que *Chinatown* foi lançado, em 1974, ele virou a régua pela qual todo filme *noir* moderno (e houve muitos) é medido – só que nenhum outro conseguiu, até hoje, atingir as dimensões do original. No início dos anos 80, *Corpos Ardentes*, com Kathleen Turner e William Hurt, chegou bem perto, mas não revelou a durabilidade da história protagonizada por Jack Nicholson. Agora surge um outro, e muito festejado, candidato ao posto de reinventor do *noir*: *L.A. Confidential*, uma trama de corrupção e sedução (claro) que, como *Chinatown*, se passa em Los Angeles.

Essa "candidatura" não deixa de ser uma surpresa: afinal, atrás das câmeras está Curtis Hanson, mais conhecido por diversões medianas como *O Rio Selvagem*. À frente delas, porém, a história é outra: entre nomes famosos (Kevin Spacey, Kim Basinger e Danny DeVito) e pouco conhecidos (Russell Crowe, Guy Pearce e James Cromwell), o elenco de *L.A. Confidential* é uma coleção de talentos superlativos e muito bem entrosados. Ao longo dos intrincados 136 minutos de projeção, não se vê um único exemplo daquele delito tão comum em Hollywood – o de roubar a cena.

Pelas atuações geniais, pela direção segurríssima e pela ação delirante, com reviravoltas suficientes para meia dúzia de filmes, *L.A. Confidential* se tornou o mais celebrado representante americano no último Festival de Cannes, dividindo as atenções apenas com *She's So Lovely*, com Sean Penn e John Travolta. É verdade que a aura *cool* que cerca James Ellroy, autor do livro que originou *L.A. Confidential*, ajudou a atrair as atenções (sem falar no coquetel para cem convidados, regado a champanhe e *foie gras*). Para além de toda a badalação, porém, o filme de Hanson corresponde às melhores expectativas.

Ambientado em 1953, *L.A. Confidential* entrelaça os destinos de dois agentes da lei cercados de corrupção e tapeação por todos os lados: Ed Exley (Guy Pearce), um janotinha carreirista, e Bud White (Russell Crowe), o típico massa-bruta, que intimida com um olhar e faz um estrago nada imaginário com os punhos.

Ed quer vencer na vida dentro da polícia (na qual seu pai brilhou até morrer no cumprimento do dever), ficando bem perante os poderosos. Sem medir conseqüências, ele se aliena dos colegas, que o temem como a um inimigo. Já Bud preserva a lealdade entre seus iguais, ao mesmo tempo que promove uma luta solitária contra aquele que considera o crime mais covarde: a violência doméstica.

Mas o mundo parece conspirar contra os ideais de Ed e Bud, na forma de um chefe potencialmente corrupto (James Cromwell), um promotor público venal (Ron Rifkin), um milionário ligado à prostituição (David Straithairn), um editor de um tablóide especializado em escândalos (Danny DeVito), um →

L.A. CONFIDENTIAL

"Naquele tempo", explica o ator Russell Crowe, "bom policial era o fort

Fotos: Warner

De volta ao trabalho: Kim Basinger conquista seu melhor papel em muito tempo como uma sedutora e frágil prostituta de Los Angeles

policial que alimenta sua vaidade dando consultoria a um seriado de TV (Kevin Spacey) e uma prostituta atraente e amarga (Kim Basinger).

"Acho que este é meu filme mais pessoal", diz o diretor Curtis Hanson doze horas após *L.A. Confidential* ter sido projetado no Palais des Festivals. "Fui criado em Los Angeles, respirando aquele ar que todos lá respiram, mesmo que não trabalhem com cinema: o ar de cidade dos sonhos."

De fato, todos os personagens de *L.A. Confidential* têm ligações, efêmeras ou profundas, com o mundo do cinema. O "consultor técnico" vivido por Kevin Spacey é o mais evidente, já que se comporta como uma estrela. Mas Hollywood é mais do que um pano de fundo para a ação: ela está nas fofocas publicadas nos tablóides, nas prostitutas que se submetem a plásticas para ficar com o rosto das atrizes famosas, na fachada de glamour que oculta os mais sórdidos atos de traição.

E, como de hábito nos livros de James Ellroy, nenhum dos personagens é exatamente simpático. O jornalista achaca poderosos para revelar seus segredos; o consultor leva por fora para informar o tablóide e aparecer como um destemido defensor da lei; o janotinha pisa nos colegas para subir na vida; o policial honesto ignora os direitos de seus presos. Mas o desenrolar da história faz a platéia mergulhar nos personagens e se envolver com cada um deles.

Mas não foi fácil para Curtis Hanson arrumar dinheiro para *L. A. Confidential* tendo nos papéis principais dois australianos, nenhum deles de grande sucesso fora de seu país. "Sei que Curtis precisou batalhar com o estúdio", diz Guy Pearce, conhecido até aqui como uma das drag queens de *As Aventuras de Priscilla*. Um papel que, convenhamos, dificilmente estimularia um executivo a convocá-lo para viver um policial tipicamente americano. "Russell já fez seis filmes aqui", pondera Guy, com modéstia. "O status dele é mais alto do que o meu." O "status" de Russell, porém, resume-se a dois papéis de visibilidade em Hollywood: o padre pistoleiro de *Rápida e Mortal* e o vilão de *Assassino Virtual* – ambos fracassos.

O diretor, entretanto, fez pé firme na decisão de escalar o par, argumentando que precisava de atores sem "passado", e não de astros que o obrigassem a reescrever cenas.

Isso porque a violência é um tema crucial de *L.A. Confidential* – como, aliás, de toda obra de Ellroy, cuja convivência com o tema começou bem cedo, quando sua mãe foi morta de forma brutal e em circunstâncias nebulosas. Mas, para Guy, o filme não enfeita a violência. Nem a trivializa. "Acho que matar alguém deve ser uma experiência extrema", o ator explica, comentando uma cena em que seu personagem fuzila um ser humano pela primeira vez na vida. "Por isso gostei de Ed: ele tem uma certa sensibilidade, não é um bruto. E eu não sou um bruto (*risos*)."

Guy descreve seu personagem como um oportunista bitolado e cego, sem um pingo de lealdade para seus parceiros e com uma visão deturpada da justiça. "Ele não é 'da turma'. Não se ajusta a lugar algum, e acha que se ajusta a qualquer lugar", define o ator. Esses traços, porém, o atraíram por contrastar com a evolução extrema do personagem. "Aos poucos ele começa a enxergar o que está à sua volta e compreende o poder da polícia, que não pode controlar", diz Guy. Assim, em poucos meses Ed passa de jovem inexperiente a homem maduro.

"Por ser australiano, tenho uma afinidade natural com o pobre-diabo", brinca Russell Crowe, entre goles de café. "Essa coisa de o meu personagem proteger as mulheres vem da infância, do ódio ao seu pai violento. Provavelmente ele nem sabe com muita clareza por que esse tipo de comportamento é sua força motriz." Embora não hesite em matar brutalmente, Bud é também, à sua maneira, íntegro: não há preço capaz de comprar sua honestidade.

Ou, como prefere James Ellroy, é um lobo solitário com um objetivo bem claro: livrar as ruas dos bandidos em geral e lutar contra a violência doméstica em particular. "Bud é um policial de Los

o que batia com as duas mãos e derrubava o bandido com um só golpe"

Angeles até o último fio de cabelo e tem a convicção de que criminosos nascem criminosos, e todo preso vai repetir seu crime", pondera Russell. Sinal de que as crenças de Bud não estão tão erradas assim é que ele prova ser filho de seu pai: a certa altura, ele não se contém e bate feio na mulher que ama, a prostituta vivida por Kim Basinger.

Russell não vê nada de excepcional no jeitão troglodita de Bud. Na verdade, ele representaria o padrão da força policial angelena nos anos 50. "Naquele tempo", o ator explica, "bom policial era o fortão que sabia bater com as duas mãos e derrubar um criminoso com um só golpe".

Apesar da complexidade do trabalho enfrentado pelos atores, a tarefa mais dura em *L.A. Confidential* foi mesmo traduzir para a tela o livro – um extenso épico *noir* coalhado de personagens e de acontecimentos espalhados num período de sete anos, numa teia tão cheia de ramificações que até o autor admite ter alguma dificuldade para seguir. O filme, é claro, enxugou muito a trama (e, ainda assim, exige atenção total da platéia). Um dos aliados mais importantes nessa empreitada foi o próprio James Ellroy, que se pôs à disposição dos atores para esclarecer qualquer dúvida.

Durante as filmagens, diz Russell, Ellroy foi uma mina de ouro. A título de exemplo, o ator recorda uma cena em que Bud, na sua opinião, simplesmente assassinava um sujeito, sem esperar pelo julgamento. Para tirar a teima, ele telefonou para Ellroy. Resposta do escritor: "É claro que é assassinato! Mas o cara merece: ele currou a própria mulher. Bud tem de matá-lo!" Não é difícil entender, portanto, por que o autor define *L.A. Confidential* como "uma história sobre homens brancos ruins, fazendo coisas ruins em nome da autoridade".

A julgar pela recepção do filme em Cannes e pela reação calorosa do tradicionalmente cético e rabugento Ellroy, *L.A. Confidential* resultou num daqueles raros casos em que o todo é maior do que a soma de suas partes – por si só, já dignas de nota. Com uma vantagem sobre o livro: depois dos judiciosos cortes de personagens e de fatos, agora até o autor já consegue acompanhar a trama.

José Emilio Rondeau

(EUA, 1997) ***Direção****: Curtis Hanson.* ***Com*** *Kevin Spacey, Russell Crowe, Guy Pearce, James Cromwell, David Strathairn, Kim Basinger, Danny DeVito, Graham Beckel, Ron Rifkin. 136 min.*

QUEM É QUEM em L.A. CONFIDENTIAL

Guy Pearce é Ed Exley
Num personagem radicalmente diferente de Felicia, a entusiasmada drag queen de *Priscilla, a Rainha do Deserto*, o australiano Guy está fabuloso no papel de um policial ético e intelectualizado. Carreirista e filho de um afamado representante da lei, ele promove uma luta contra a corrupção dentro da polícia que lhe rende a inimizade de toda a força.

Russell Crowe é Bud White
Também australiano, o sensível dublê de padre e pistoleiro de *Rápida e Mortal* é o "cavaleiro negro" do livro de James Ellroy, numa atuação explosiva. Ele encarna o tira batedor, aquele que resolve tudo no muque. Bud, porém, é um justiceiro que dedica proteção especial às mulheres vítimas de violência doméstica.

Kevin Spacey é Jack Vincennes
O extraordinário narrador de *Os Suspeitos* só não rouba toda a cena como o sargento mais vaidoso e cínico da força policial porque seus parceiros são bons demais. Transformado em celebridade após prender o astro Robert Mitchum por porte de drogas, Jack é "consultor técnico" num seriado sobre a polícia e tem ligações íntimas com os tablóides.

James Cromwell é Dudley Smith
O adorável fazendeiro de *Babe* já havia mostrado em *O Povo Contra Larry Flynt* que sabe fazer tipos venais com maestria. Aqui ele repete a dose em grande estilo como o chefe de polícia de Los Angeles, um irlandês da velha guarda (amigo do pai de Ed Exley, inclusive), que sabe onde todos os "esqueletos" da cidade estão escondidos.

Danny DeVito é Sid Hudgeons
O baixinho Danny é um *gentleman*, mas, quando preciso, sabe "receber" um tipo vulgar como ninguém – é só lembrar de seu personagem em *Irmãos Gêmeos*. Aqui ele dá um verdadeiro show como o editor, repórter e fotógrafo do sensacionalista *Hush-Hush*, sempre em busca de fofocas picantes de Hollywood.

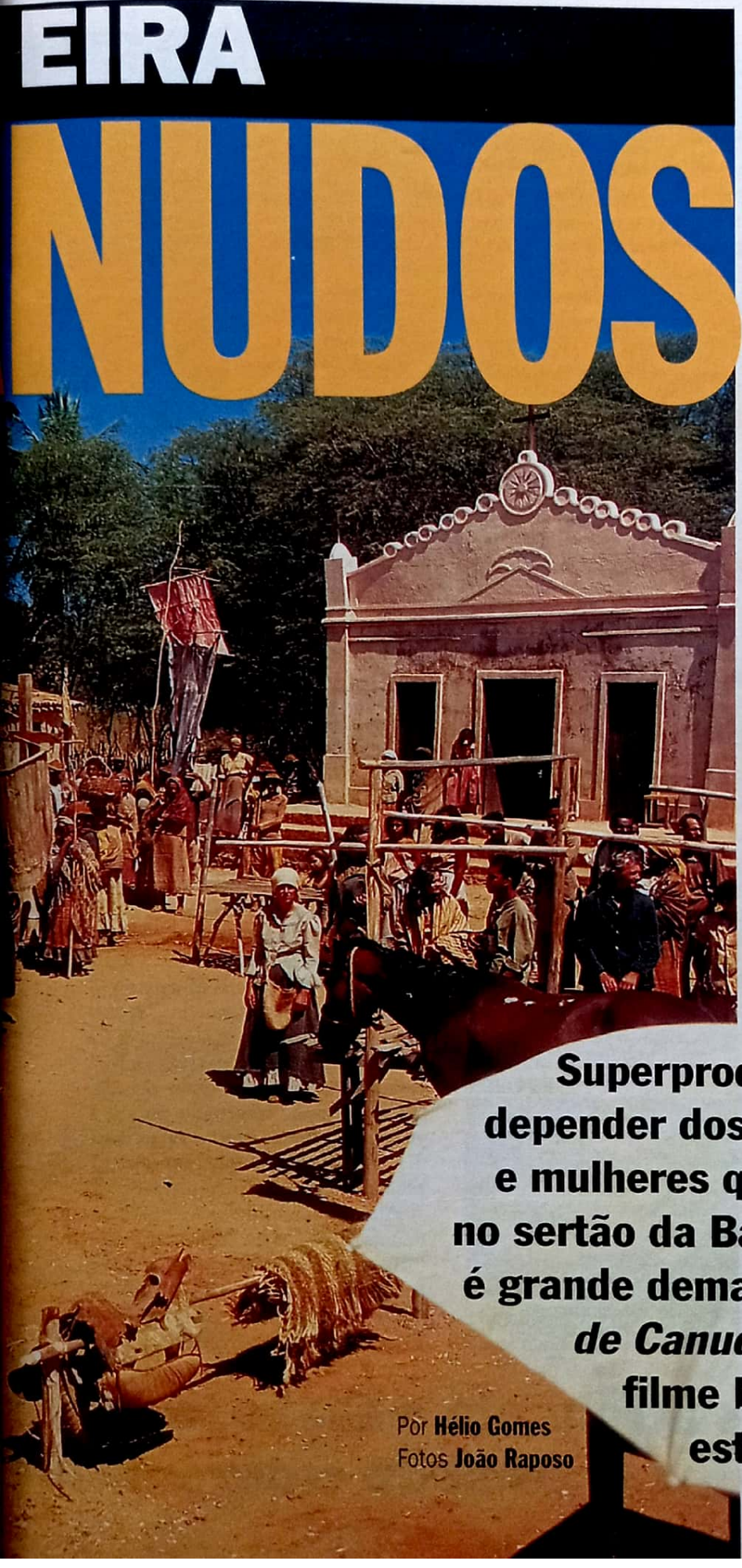
Kim Basinger é Lynn Bracken
A diva do baboso *9 1/2 Semanas de Amor* saiu de um retiro de três anos por um bom motivo – este é seu melhor trabalho em muito tempo. Kim vive uma prostituta triste e vulnerável, cujo maior atrativo é parecer com a estrela Veronica Lake. Com sua beleza, ela enlouquece os políticos angelenos – além dos policiais Bud e Ed.

POR TRÁS DA VERDAD

GUERRA DE CA

Calor escaldante e trabalho duro: as dificuldades que Antônio Conselheiro enfrentou cem anos atrás se repetem durante as árduas filmagens de *Canudos*, sob o comando de Sérgio Rezende

EIRA NUDOS



Superprodução? Épico? Se depender dos mais de mil homens e mulheres que suaram a camisa no sertão da Bahia, nenhuma palavra é grande demais para definir *Guerra de Canudos*, o esperadíssimo filme brasileiro que chega este mês aos cinemas

Por **Hélio Gomes**
Fotos **João Raposo**

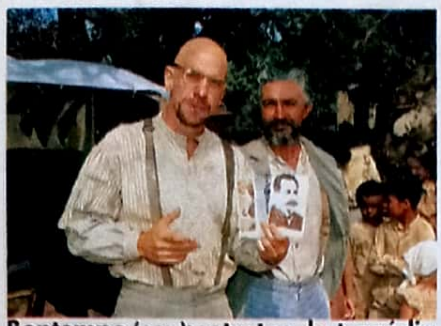
"Estas semanas aqui estão acabando comigo. O calor e a poeira são insuportáveis. Todo dia eu chego ao hotel e assôo o nariz. E caem dois tijolos na pia do banheiro."

O relato de um operador de áudio resume as dificuldades enfrentadas pela equipe de produção de *Guerra de Canudos*: sob a batuta de Sérgio Rezende – diretor do clássico *O Homem da Capa Preta* e do polêmico *Lamarca* – e de Marisa Leão, sua mulher e produtora de cinco de seus seis longas, um verdadeiro exército formado por atores do primeiro escalão, figurantes e técnicos tomou de assalto o pequeno vilarejo de Junco do Salitre, próximo a Juazeiro, no sertão da Bahia. Um processo que durou quatro longos meses, custou seis milhões de dólares e consumiu uma quantidade assombrosa de energia humana.

Um dos filmes mais aguardados dos últimos anos, *Canudos* chega às telas um ano depois do término dos trabalhos na Bahia. Devidamente preparada para enfrentar o clima de batalha campal, a reportagem de SET acompanhou a filmagem das últimas cenas do filme.

O cenário era impressionante. No meio do sertão poeirento, circulando entre sertanejos tão sofridos quanto os que seguiram Antônio Conselheiro em sua saga suicida, José Wilker caminhava caracterizado como o beato. A poucos metros dele, Paulo Betti, Marieta Severo e Cláudia Abreu fugiam como podiam do sol de quarenta graus e refrescavam-se com copos e mais copos de água mineral. Para os que tinham o dom de deixar a imaginação viajar, era fácil transportar-se para a Canudos de 1897. Um sentimento especial.

Guerra de Canudos foi concebido a milhares de quilômetros do escaldante sertão baiano. →



Bontempo (esq.): retratos da tragédia

Estevam Avellar

Rezende: dirigindo a saga sertaneja

um pouco de HISTÓRIA

Coincidência ou não, *Guerra de Canudos* estréia exatamente cem anos depois do massacre que pôs fim à mais sangrenta guerra civil da história brasileira. Na virada do ano de 1897, um ex-comerciante e advogado fracassado do sertão da Bahia tornou-se um pregador fervoroso e reuniu sob seu comando uma comunidade de cerca de vinte mil sertanejos, sobretudo dos vilarejos de Monte Santo e Bom Conselho. Seu nome: Antônio Conselheiro. Depois de poucos meses, o grupo construiu a cidade de Canudos.
Os conflitos entre o exército e os sertanejos nasceram quando o governo federal passou a considerar a comunidade criada pelo beato Conselheiro uma ameaça à ordem da República. A instrução do então presidente Prudente de Morais era clara: "Não deixem pedra sobre pedra".
As duas primeiras expedições do exército, em janeiro e março de 1897, foram massacradas pelos sertanejos. O exército fechou o cerco a Canudos em 18 de junho, ocupando a área com três mil homens. Entre 30 de setembro e 5 de outubro, cerca de cinco mil soldados aniquilaram os moradores de Canudos na última e mais sangrenta batalha. O episódio foi narrado pelo jornalista e escritor Euclides da Cunha no clássico Os Sertões, obra que serviu de ponto de partida para *Guerra de Canudos*.

Paulo Betti e Marieta Severo: sertanejos que se tornam seguidores do beato Antônio Conselheiro, vivido por José Wilker

Em 1991, Sérgio Rezende passou algum tempo na Inglaterra, onde finalizou *Child From the South*, um longa feito sob encomenda para o Channel Four britânico. Na bagagem levava o romance *Os Sertões*, clássico de Euclides da Cunha que narra a trajetória de Antônio Conselheiro e relata a maior guerra civil da história brasileira.

No começo de 1995, *Canudos* começou a sair do papel. Com o empurrão dado pela Lei do Audiovisual, os primeiros apoios foram fechados e o projeto foi ganhando forma. Primeiro, veio a parceria com a Sony/Columbia, distribuidora do filme. Depois, o apoio da Petrobrás, o patrocínio do Banco Real e o acordo inédito feito com a Rede Globo, que deve exibir *Guerra de Canudos* no formato de minissérie.

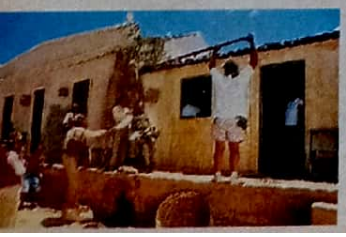
Roteiro escrito, dinheiro em caixa, era hora de escolher o elenco. José Wilker, protagonista de *O Homem da Capa Preta* e velho amigo de Sérgio Rezende, foi o escolhido para viver Antônio Conselheiro. Paulo Betti, o Lamarca de Rezende, foi intimado pelo diretor logo em seguida. "O Sérgio me deu o roteiro e disse: 'O Wilker vai fazer o Conselheiro. Você escolhe o seu papel' ", lembra Betti.

A SAGA DA FAMÍLIA LUCENA

Depois de alguns momentos de indecisão, o ator ficou com Zé Lucena, chefe do núcleo familiar que conduz *Guerra de Canudos*. O sertanejo Betti, sua mulher (Marieta Severo) e seus três filhos encontram Antônio Conselheiro pela primeira vez na cidade de Bom Conselho. A identificação e conseqüente idolatria são imediatas. "Eu faço um homem de fé, que vê na morte um caminho para o céu e a vida eterna. Ele acaba virando um apóstolo do Conselheiro e vai construir Canudos", conta o ator.

A família Lucena é dilacerada pela guerra. Seus dois filhos pequenos (Dandara Ohana Guerra e Jorge Neves) enfrentam o drama ao lado dos pais, mas Luiza (Cláudia Abreu), a filha mais velha, entra em conflito com os parentes. Ela foge de Canudos e se casa com um soldado. Luiza só reencontra a família no meio de uma batalha, já casada com o seu segundo marido, "um mauricinho centenário que vai à guerra para contar vantagem em cima dos amigos", como define o ator Selton Mello, intérprete do personagem.

Ao centralizar a narrativa no drama de uma família de seguidores de Conselheiro, Rezende conquistou um grande trunfo. Seus protagonistas são fictícios, livres da obrigação de retratar os fatos ao pé da letra. O filme conta a história



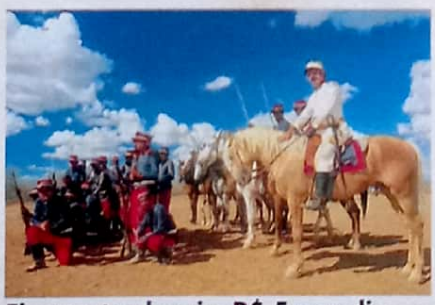
Canudos atraiu até a Globo, que ass
inédito e deve exibir

Estevam Avellar

de Canudos e do beato do ponto de vista de um observador. "Isso me tirou o peso da realidade", confessa Paulo Betti. Já José Wilker sofreu as agruras de viver um mito histórico: "Ouvi as histórias mais díspares sobre o Conselheiro, as maiores contradições".

ASTROS "DA TERRA"

Outro observador da história em *Guerra de Canudos* é o fotógrafo Pedro Martins, personagem de Roberto Bontempo, um dos mais atuantes atores do novo cinema brasileiro. As semelhanças com Euclides da Cunha são claras. "Na verdade, ele é inspirado num cara chamado Manoel Benício, mas tem momentos do Euclides da Cunha", revela o ator. →



Figurantes locais: R$ 5 por dia

A família Lucena: gente de fé

os números de Canudos...

...NO FILME...

US$ 6 milhões
foram gastos na produção

60 atores
fizeram parte do elenco

800
figurantes participaram do filme

R$ 5 por dia
era o cachê dos figurantes

4 meses
foi o tempo que durou a filmagem

6 mil
peças de roupas foram usadas no figurino

3
cidades cenográficas foram construídas

60 mil
tijolos foram usados para construir duas igrejas cenográficas

...E NA HISTÓRIA REAL

5 mil
soldados morreram durante a guerra

20 mil
foi o número de sertanejos que morreram

5 mil
soldados participaram da Quarta Expedição do exército, a que acabou com Canudos

inou um acordo
o filme como minissérie em alguns meses

Conselheiro incentiva seus fiéis a resistir às forças do exército: a fé levada às últimas conseqüências

Outro detalhe marcante durante as filmagens foi a união entre pesos pesados da arte dramática brasileira e atores "da terra", gente criada sob o sol que castigou os sulistas durante dezesseis semanas. "Eu estava no meio do sertão, fazendo aquilo que eu mais gosto no mundo e contracenando com atores daqui. Foi demais!", lembra Paulo Betti. "Fiz cenas com o Inaldo, o Nanuca, dois atores fantásticos aqui de Juazeiro."

Mas nada se compara à presença dos oitocentos figurantes que participaram do filme. Convocados nos arredores de Junco do Salitre, muitos deles começaram a trabalhar durante a construção das cidades cenográficas. Pouco depois, trocaram as ordens dos cenógrafos pela direção de Sérgio Rezende. Todos estavam satisfeitos. Rezende tinha em mãos um fantástico material humano, fundamental para o realismo do filme. Já os sertanejos levavam cinco reais por dia de trabalho e uma história para contar para o resto da vida.

NUVENS, CABRAS E PACIÊNCIA

Paciência era uma palavra-chave durante as filmagens de *Canudos*. O dia começava às cinco da manhã. Depois de deixar o hotel emPetrolina, cidade pernambucana vizinha da baiana Juazeiro, os atores seguiam para Junco do Salitre prontos para encarar mais uma batalha.

Primeiro, a luz. Apesar do sol escaldante e da ausência absoluta de chuvas, nuvens passeavam insistentemente pelo céu. As sombras e as variações na luz interrompiam as filmagens a todo instante: "Vamos lá gente, vamos filmar antes que entre mais uma", gritava Sérgio Rezende. Outro problema: os animais espalhados pelo set muitas vezes encobriam as vozes dos atores com seus grunhidos. Os sertanejos passaram, então, a perseguir cabras, galinhas e mulas.

Se tudo corresse conforme o esperado, a equipe terminava mais um dia de filmagens pouco antes do pôr-do-sol. Todos exaustos e felizes. "Ninguém consegue entender o prazer que existe em engolir tanta poeira e sofrer com esse calor. Mas isso é a melhor coisa do mundo", escancara Paulo Betti.

Uma coisa é certa: quem esteve envolvido de alguma forma na produção de *Guerra de Canudos* criou uma forte ligação com a história de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Paulo Betti não deixa nenhuma dúvida: "Hoje, quando estávamos voltando do set, vimos Canudos queimando. Deu um aperto no coração de todo mundo".

(Brasil, 1997) **Direção:** *Sérgio Rezende.* **Com** *José Wilker, Paulo Betti, Marieta Severo, Cláudia Abreu, Selton Mello, Roberto Bontempo, Dandara Ohana Guerra, Jorge Neves, José de Abreu. 175 min.*

Os quatro meses de poeira, vento e esgotaram a

JOSÉ WILKER

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA

Quando concedeu esta entrevista exclusiva à SET, numa noite de outubro de 1996 no sertão baiano, José Wilker exercitava seus múltiplos talentos com maestria. Envolvido em duas superproduções nacionais (*A Guerra de Canudos* e *For All*), ele colhia os frutos de sua bem-sucedida carreira como colunista do *Jornal do Brasil* e ainda encontrava tempo para fazer pontas na Globo e apresentar programas no canal Telecine.

Bem-humorado, Wilker mal lembrava o homem que poucas horas antes estava sob um sol escaldante, vestido com uma pesada bata negra e adornado por uma longa peruca e uma barba postiça. A seguir, ele revela de onde tirou os elementos que construíram seu impressionante Antônio Conselheiro.

Qual é a sua expectativa em relação a *Canudos*?

Eu acho que a gente tem material para um belo de um filme. Tudo o que a gente imaginou que pudesse funcionar funcionou. A cenografia e o figurino são fantásticos. O elenco é ótimo: a Cacau (*Cláudia Abreu*), a Marieta Severo, o Paulo Betti, o Zé de Abreu. Pude ver aqui e ali momentos extraordinários deles. Esta é a direção mais segura do Sérgio. A gente tem tudo para ter um filme singular, com a importância que o assunto merece.

E como foi construir Antônio Conselheiro?

Comecei a ler todos os pontos de vista possíveis sobre Canudos e sobre o Conselheiro. Ouvi muita gente que pesquisou o assunto. Mas é difícil dizer qual é o caminho para construir um personagem. Eu alimento a minha intuição com as informações que possuo, mas depois ela é que comanda. No momento em que ponho a roupa do beato e me enfio no meio do mato neste puta calor, com a figuração e as pessoas daqui, há um tipo de energia qualquer que se sobrepõe às informações que eu tenha selecionado. Para mim foi uma experiência extremamente prazerosa e difícil. É incômodo você ficar doze horas naquele calor com aquele cabelo, aquela barba, aquela roupa. Eu usei tudo isso como um martírio, como o frade que usa aquela coisa para se torturar. Agora, é evidente que a gente faz um monte de teoria.

Ainda mais quando se trata de um personagem tão messiânico...

Para a nossa mentalidade de hoje, é complicado entender isso. Na civilização do dinheiro, em que as pessoas querem a todo custo se dar bem na vida, compreender uma comunidade que não queria nada da vida a não ser a eternidade depois da morte é complicado. E mais ainda: interpretar um personagem como esse enquanto a gente está consumido e invadido por um tipo de mentalidade prática é muito difícil.

Existe algum paralelo entre o seu trabalho com o Sérgio Rezende em *O Homem da Capa Preta* e agora, com *Canudos*?

Na verdade, as experiências se assemelham nas dificuldades que elas apresentam. Tanto um quanto o outro são filmes sobre pessoas que já existiram. E mais ainda: são personagens com muitos "proprietários". Muitas pessoas conheciam o Tenório Cavalcanti, muitos sabiam como ele era e queriam me ensinar como ele deveria ser feito. Eu meio que joguei essa história para o espaço. Da mesma forma o Conselheiro. Eu já ouvi as informações mais díspares, tipo assim: "Ele falava lento, ele falava baixo" ou "ele falava rápido, ele falava alto". Você deve encontrar uma síntese qualquer que não agrida as informações que você recebe.

A produtora Marisa Leão disse que você teve um papel fundamental na negociação para a futura exibição de *Canudos* na Globo no formato de minissérie. Como foi isso?

Eu venho tentando associar Globo e cinema há algum tempo. Mas, mais do que a minha presença, eu louvo a sensibilidade do Boni (*José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, vice-presidente de coordenação estratégica da emissora*), que compreendeu a importância de uma associação mais próxima da televisão com o cinema. Essas são duas mídias que não sobrevivem uma sem a outra. E mais: a TV proporcionou um acesso ao cinema que nunca existiria. Nunca se viu tanto cinema no Brasil como hoje. Nós temos 70 milhões de pessoas indo aos cinemas. A percepção disso está na cabeça do Boni, na cabeça da direção da Globo. O mundo todo já percebeu isso. A gente demorou para assumir essa associação, mas eu espero que isso seja um começo.

Financeiramente falando, vale a pena ralar aqui debaixo desse sol?

Olha, eu não posso ser tomado como exemplo (*risos*)... Sempre vivi da minha profissão. É claro que fico criando alternativas: escrevo, dirijo, interpreto, produzo, faço teatro, cinema e televisão, tudo ao mesmo tempo. Acho que a gente ainda está eufórico demais com essa retomada. Este é um processo lento. Liquidar com o cinema foi fácil, o Collor fez isso com duas assinaturas. Fazer com que ele volte a ser uma indústria toma um pouco mais de tempo. A gente resolveu razoavelmente o problema da produção – temos aí uns quarenta filmes prontos. Mas ainda não resolvemos o problema da distribuição e da exibição.

E quanto à qualidade desses filmes?

O cinema brasileiro é considerado de grande qualidade no mundo inteiro, só aqui que um ou outro babaca ainda teima em apontar defeitos. Algumas pessoas apostam que o Brasil tem dois tipos de comércio, o do importado e o do nacional, e acham que o importado sempre é melhor.

calor escaldante quase paciência dos 60 atores e 800 figurantes

COMO ENFURECER UM

Los Angeles se torna um inferno de lava quando um vulcão entra em erupção bem no centro da cidade mais louca da Califórnia. No detalhe, o diretor Mick Jackson e uma tropa de figurantes chamuscados

Em *Volcano – A Fúria*, o diretor de *O Guar*
Preto para destruir com rios de lava a cid

VULCÃO

da-Costas se une ao astro de *Homens de*
ade mais maluca do planeta: Los Angeles

VOLCANO
A FÚRIA

Depois dos infames e ameaçadores alienígenas, a natureza é, com certeza, a maior vilã de Hollywood. Com o sucesso de *Twister* e de *Independence Day*, virou regra investir em filmes que mostrassem: a) uma ameaça alienígena ou b) uma catástrofe causada por um fenômeno natural. Pois bem, depois de uma batelada de invasores de outros mundos pipocar nas telonas, chegou a vez de furiosos vulcões ameaçarem a paz de cidadezinhas paradisíacas – ou grandes centro urbanos.

O *Inferno de Dante*, estrelado pelo 007 Pierce Brosnan, chegou primeiro e pretendia ser o equivalente deste ano de *Twister*, mostrando a erupção de um vulcão adormecido numa pacata cidade incrustada nas montanhas. Mas *Volcano – A Fúria* leva mais jeito para ocupar o posto de *ID4* em matéria de destruição: a lava explode bem no meio da cidade de Los Angeles, com um show de efeitos especiais de fazer cair o queixo de qualquer homem de preto.

Por falar nisso, é o mesmo Tommy Lee Jones que defendeu a Terra contra um nojento invasor alienígena no arrasa-quarteirão *Homens de Preto* que agora tenta salvar Los Angeles da destruição total em *Volcano*. Ele interpreta o chefe da Defesa Civil, que se vê às voltas com rios de lava que explodem do subterrâneo em meio às movimentadas ruas de Los Angeles e incendeiam cenários bem familiares para os habitantes da mais famosa cidade da Califórnia.

Ironicamente, *Volcano – A Fúria* é dirigido por Mick Jackson, um inglês transplantado para a Califórnia e apaixonado por Los Angeles, como visto em seu filme-assinatura, *L.A. Story*. "Quando se fala da premissa do filme, que é o rio de lava engolindo Los Angeles, todo mundo se anima e começa a apontar quais seriam seus alvos favoritos: a agência CAA, o restaurante L'Orangerie. Todo mundo quer dar o troco a alguém por alguma coisa", diverte-se Mick Jackson.

Mas por que punir justamente Los Angeles, uma cidade já habitualmente massacrada por violentíssimos levantes civis, incêndios florestais, enchentes e, é claro, terremotos? O diretor acredita que é pura inveja: "A Los Angeles dos filmes e da TV parece, ao mesmo tempo, presunçosa e cabeça oca para quem não mora aqui. Portanto, quando algo de ruim acontece a L.A., as pessoas sentem um certo prazer".

Além de mostrar a fúria da natureza recaindo sobre a cidade, *Volcano* enfoca o emaranhado de etnias e classes econômicas que forma Los Angeles no momento de maior tensão: brancos e negros, ricos e pobres, imigrantes ilegais e residentes vitalícios são obrigados, sob a ameaça da lava, a juntar forças para defender aquilo que todos têm em comum: seu lar. Para o diretor, essa é a principal diferença entre O *Inferno de Dante* e seu filme. "O primeiro não tem surpresa alguma", explica o diretor, "porque mostra um vulcão explodindo onde se esperaria achar um vulcão, no alto das montanhas." No caso de *Volcano*, o vulcão aparece onde menos se esperaria achá-lo: bem no meio de uma grande cidade.

Ao contrário do que foi feito em O *Inferno de Dante*, apoiado somente em maquetes e em trucagens de computador, a equipe de *Volcano* optou por construir uma cidade cenográfica reproduzindo pontos da Los Angeles verdadeira, em especial o trecho do Wilshire Boulevard onde fica La Brea Tar Pits – uma espécie de "piscina" de piche natural, ponto zero das erupções do filme – e o Los Angeles County Museum, trecho conhecido pelos moradores como Miracle Mile, que separa a classe média do chamado Wilshire

OS BASTIDORES DE VOLCANO

O vulcão entra em erupção: especialistas em efeitos especiais dão os últimos retoques na maquete de lava derretida e asfalto

Tempo quente em Los Angeles: Tommy Lee Jones e Anne Heche tentam fugir da fúria da natureza

O filme mostra um nível de destruição que só encontra prec

Um técnico da equipe de *Volcano* prepara a "lava": na verdade um coquetel de substâncias químicas e tinta, que reproduz a aparência da lava real

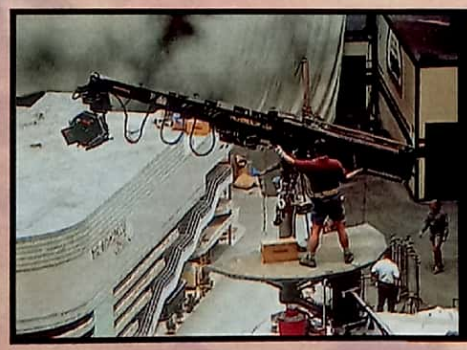
Pronta para as câmeras: a lava cenográfica ganha consistência e um visual mais "quente"

Tocha humana: dublês se arriscam para tornar real o caos em L.A.

Sem queimar as mãos: a produção do filme carrega os "destroços" da erupção pelo set

Que sujeira: astros e diretor em meio às cinzas da erupção

Antes da tempestade, a calmaria: a perfeita reprodução de um trecho do Wilshire Boulevard que será destruído por um rio de lava



Vestido para queimar: a maquete do shopping Beverly Center, um pouco antes de ser consumido pelo vulcão

Publicidade grátis: a aspirante a atriz Angelyne finalmente ganha as telas

District das famílias mais abastadas de Beverly Hills.

Os ícones arquitetônicos e geográficos de Los Angeles são facilmente reconhecíveis, como o prédio cilíndrico da loja de departamentos May Company, a linha subterrânea do Metro Rail, o shopping Beverly Center e o outdoor de Angelyne – a louraça peituda e pretendente a estrela que adora se autopromover.

Mas, no final das contas, *Volcano* não passou de fogo de palha. Com um orçamento que encostou nos 90 milhões de dólares, até o começo de agosto o filme havia rendido pálidos 47 milhões. Talvez sua carreira tenha sido chamuscada pelo caráter bairrista do filme: quem não mora em Los Angeles ou não conhece a cidade não entende as referências e acaba não "comprando" o filme. Por ter uma cara mais universal, *O Inferno de Dante* se saiu bem melhor nas bilheterias e faturou 70 milhões só nos Estados Unidos – e mais outra centena no resto do mundo.

Mesmo assim, para os atores que embarcaram em *Volcano*, o sucesso veio de outras formas. Tommy Lee Jones foi lutar com alienígenas no milionário *Homens de Preto*, e Anne Heche ganhou as manchetes quando assumiu seu romance com a comediante Ellen DeGeneres. Para o resto do mundo, não resta dúvida: se um dia o planeta acabar de verdade, tenham certeza que a destruição já tem seu ponto de origem. E esse lugar se chama Los Angeles.

Roberto Sadovski
José Emilio Rondeau

(Volcano, EUA, 1997) **Direção**: *Mick Jackson.* **Com** *Tommy Lee Jones, Anne Heche, Gaby Hoffman, Don Cheadle, Jacqui Kim, Keith David, John Corbett, Michael Rispoli. 102 min.*

edentes em *Independence Day*

TOMMY LEE JONES

MAL-HUMORA

Ele odeia dar entrevistas. É o terr
"difícil". Mas tem dólares, talent
o astro de *Volcano* e *Homens de*

É bem mais fácil achar um bispo no Partido Comunista do que flagrar um sorriso de Tommy Lee Jones. Na verdade, talvez desse medo ver Jones mover os músculos de seu rosto de pedra para ensaiar uma risada: após quase trinta anos de carreira e uma coleção de personagens durões e ameaçadores, mesmo quando são os mocinhos, este cinqüentão cultivou uma fama de difícil e mal-humorado que já é lendária. Sorrisos? Só se o roteiro implorar.

A perspectiva de trabalhar com Tommy Lee deixa atores e diretores suando frio, já que nunca se sabe qual será seu humor ao sair da cama. Exemplos não faltam. Em 1995, o então emergente Jim Carrey dividiu com ele o set de *Batman Eternamente* e guarda lembranças ruins da experiência. Talvez por perceber o encanto do diretor com o comediante, Jones achou que estava sendo jogado para escanteio e tratou de deixar claro que, para ele, Jim valia menos do que um inseto rastejante. Não é de admirar, portanto, que Carrey defina o ex-parceiro como "um verdadeiro pé no saco".

Exemplo número dois: durante as filmagens de *Homens de Preto*, o trailer de Will Smith vivia cercado de crianças, e o da atriz Linda Fiorentino de marmanjos babões. Já o trailer de Tommy Lee era marcado pelo silêncio: ninguém se atrevia a chegar perto. O próprio diretor Barry Sonnenfeld colocou seu emprego em risco quando sugeriu o ator para o papel do sisudo agente K: no momento em que disse sim, Jones ganhou plenos poderes para palpitar no roteiro e até escolher outro diretor, caso Barry o desagradasse – o que, para seu alívio, não aconteceu. Mas Jones não deixou de mostrar seu descontentamento. Ele riscava páginas e mais páginas, eliminava personagens e, a certa altura, sugeriu que *Homens de Preto* não era um bom título: *Homem de Preto* soaria bem melhor.

O tempo fechou mesmo quando o ator deixou seu trailer enfurecido e, amassando uma dezena de páginas do roteiro, aproximou-se de Sonnenfeld e disparou: "Se você for esperto, não vai filmar esta porcaria de cena". A multidão de técnicos e atores que se aglomerava no set ficou muda, à espera de uma hecatombe. Barry peitou o sujeito e devolveu: "Temos um problema. Eu não sou esperto. Então vamos fazer do jeito que está aí". Silêncio sepulcral, uma longa pausa e, finalmente, a reação de Tommy Lee: "OK, Barry. Você é o chefe". Ufa.

Mas o alvo predileto do ator parece ser mesmo os jornalistas: ele *odeia* dar entrevistas. Numa ocasião, pediram-lhe para dizer o que achava de sua reputação de mal-humorado. Era a primeira pergunta, mas deveria ter sido a última: o astro ficou furioso e berrou que não tinha idéia do que teria motivado tal indagação. "Eu sempre sou legal nas entrevistas", espumou, "mas, uma semana depois, leio o quanto fui desagradável". Depois da explosão, Tommy disse que não queria mais discutir o assunto e se calou. Bem, se o entrevistador queria uma resposta...

Desde que iniciou sua carreira, sempre ostentando aquele olhar frio e impiedoso, combinado a gestos precisos, o astro se especializou em tipos durões e perigosos – e em roubar a cena dos companheiros. Assim foi com Steven Seagal (*A Força em Alerta*), Jeff Bridges (*Contagem Regressiva*) e, por que não, com Harrison Ford em *O Fugitivo*. Apesar de o filme ser centrado no personagem de Ford, é o delegado Sam Gerard, vivido por Jones, quem dá um espetáculo, numa mistura de cinismo e arrogância que lhe valeu o Oscar e lhe escancarou as portas de Hollywood. Não é à toa que *O Fugitivo* ganhará a continuação *U.S. Marshals*, agora com Jones comandando o show.

As exceções a essa característica "criminosa" (que, por sinal, ele nega veementemente) revelam um insuspeito cavalheirismo. As mulheres com quem ele já dividiu a tela, como Faye Dunaway (*Os Olhos de Laura Mars*), Jessica Lange (*Céu Azul*) e Susan Sarandon (*O Cliente*), encontraram um colega atencioso e preocupado em não invadir o espaço delas.

Filho único de um desafortunado explorador de petróleo, Tommy Lee

DO, EU?

or dos jornalistas. É um colega o e carisma de sobra. Por que então *Preto* se nega a dar um sorrisinho?

Jones teve uma infância difícil, que ele rotula de "psicologicamente terrível". Seu pai bebia muito e às vezes desaparecia de casa por semanas, sem nem sequer deixar dinheiro para alimentar a família. O garoto chegava a passar dias a fio socado na casa de amigos, até que, aos quatorze anos, caiu no mundo. Obstinado, conseguiu uma bolsa de estudos para a St. Mark's School of Texas. E, depois, conseguiu outra bolsa, desta vez para a conceituadíssima Universidade de Harvard, onde dividiu seu quarto com o hoje vice-presidente Al Gore e se formou com honras em literatura inglesa. Em Harvard, Jones se dedicou à sua primeira paixão, o futebol, ganhando vários campeonatos universitários. Até que descobriu os palcos.

Em 1969, dez dias após sua formatura, ele foi para Nova York, onde, sem nunca ter tido uma aula de interpretação, começou a dividir o trabalho nos palcos com a televisão. Em 1970 o ator colocou os pés num set de filmagem pela primeira vez, como o companheiro de quarto de Ryan O'Neal em *Love Story*. Por sinal, até hoje Tommy Lee divide seu tempo entre o cinema e a TV (em 1993 ele produziu, protagonizou e dirigiu o filme televisivo *Good Old Boys*), e também a criação de gado, sua outra paixão. Tem dois filhos (Austin Leonard, de quinze anos, e Victoria, seis), fruto de seu segundo e já finado casamento.

Com um currículo invejável debaixo do braço e os produtores no bolso desde *O Fugitivo*, Jones encabeçou dois potenciais arrasa-quarteirões em 1997: o razoável *Volcano* e *Homens de Preto*, único filme do ano com fôlego para atropelar *O Mundo Perdido* de Spielberg. Com um salário que encosta nos 15 milhões, um excepcional talento e – por que não? – carisma aos montes, Tommy Lee Jones pode ser considerado um sujeito realizado. Mas, ainda assim, ele não está sorrindo.

Roberto Sadovski

Costurando

Uma Linda Mulher

O croqui mostra o trabalho do estilista Nino Cerruti para traduzir o clima esnobe de Beverly Hills; Julia Roberts e Richard Gere agradecem o luxo

do Idéias

Boa parte do glamour de Hollywood nasce com os figurinos, que vestem os personagens para despir sua alma

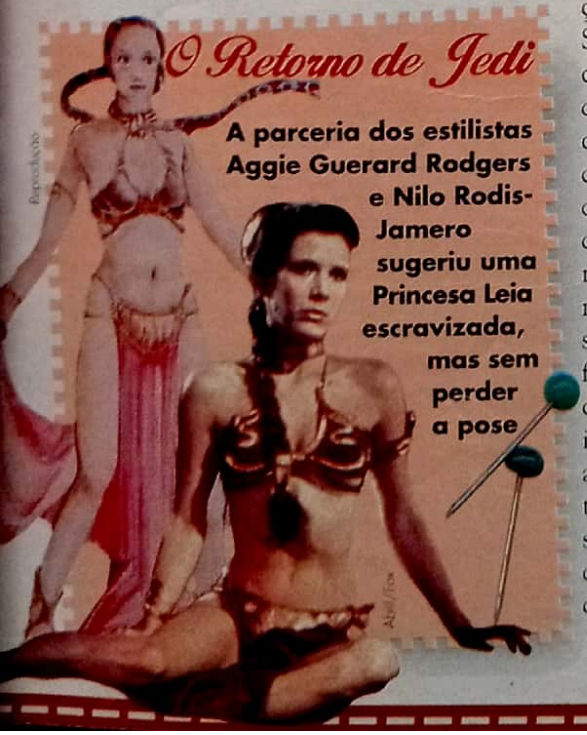
O Guarda-Costas

Whitney Houston canta até com mais vontade com as roupas futuristas, de couro e metal, concebidas pela figurinista Susan Nininger

Ao contrário do que reza o dito popular, no mundo do cinema o hábito *faz* o monge. Um exemplo? A atriz Bette Davis quase entrou em pânico ao receber o roteiro de *O que Terá Acontecido a Baby Jane?*. Quando começou a pensar em sua personagem, ela simplesmente não tinha a menor idéia de como construí-la. A dúvida permaneceu atroz até o dia em que os figurinos do filme foram testados: quando vestiu a sua roupa relaxada e decadente, veio-lhe a inspiração para fazer história com uma de suas melhores interpretações.

É fácil notar, portanto, por que o figurino de um filme é um dos principais elementos de uma produção. O cineasta Sidney Lumet chega a afirmar que, "ao lado da câmera (a direção de fotografia) e do desenho de produção, os figurinos são o que de mais importante se realiza para um filme". Afinal de contas, é fácil imaginar que um ator precisa, antes de mais nada, se sentir à vontade com a roupa que está vestindo em cena, "por motivos óbvios". Não à toa, por exemplo, Faye Dunaway volta e meia pede para que o seu modelo seja apertado em pelo menos dezesseis pontos distintos. É comodidade e vaidade ao mesmo tempo. Por outro lado, o estilista Giorgio Armani gosta de contar o "causo" que envolve o charmoso veterano Sean Connery: ele é alérgico a lã, e como geralmente é o próprio Armani quem desenha as roupas para os seus personagens, ele sabe muito bem o que deve ser evitado na confecção das peças.

A importância do figurinista na pré-produção de um filme é vital, muito mais do que a vã filosofia de muitos espectadores poderia sequer supor. A estilista Anthea Sylbert, de *Chinatown*, concorda que uma de suas obrigações é deixar o ator de bem com a vida. Do contrário, há pano para manga para reclamações como as que Chris O'Donnell fez quanto ao seu uniforme em *Batman & Robin* – ele afirma que a borracha que revestiu a área de seu pescoço o impedia de se movimentar livremente, o que muito prejudicou as suas cenas. Além disso, Sylbert aponta que é necessário concretizar materialmente o que é apenas sugerido no roteiro, um trabalho feito sempre em parceria com o diretor e o próprio ator. Por exemplo: a que classe social o personagem pertence – e mais, será que ele sempre pertenceu a essa mesma faixa eco- →



O Retorno de Jedi

A parceria dos estilistas Aggie Guerard Rodgers e Nilo Rodis-Jamero sugeriu uma Princesa Leia escravizada, mas sem perder a pose

Warner

Reprodução

Reprodução

nômica? São considerações que alteram radicalmente o produto final, da escolha do corte da roupa às cores e tecidos selecionados.

Por outro lado, Marilyn Vance, que foi indicada ao Oscar por seu ótimo trabalho em *Os Intocáveis*, argumenta que o figurinista "torna visível a psicologia do personagem". É fácil perceber, por exemplo, a frágil candura da personagem de Audrey Hepburn em *Bonequinha de Luxo* por intermédio dos tailleurs para ela desenhados pela veteraníssima figurinista Edith Head.

Anthea Sylbert faz questão também de quebrar a imagem simplista de que vestir um personagem é apenas colocar-lhe uma roupa. O figurinista, no caso, funciona muitas vezes até como um conselheiro pessoal. Quando ela concebeu as roupas de Jack Nicholson para o filme *O Último Magnata*, de Elia Kazan, ela enviou ao ator algumas peças pelo correio com a recomendação de que ele as usasse ininterruptamente, até durante uma viagem de avião, assim como o personagem o faria. Dessa forma, o processo de composição se dá aos poucos e solidamente. Ao mesmo tempo, Sylbert ressalta que detalhes nada visíveis também têm importância insuspeita. Os diversos objetos colocados na bolsa de uma personagem são decisivos para a cena, mesmo se não forem sequer revelados. Sylbert coloca ainda outra questão curiosa: as roupas de baixo, quando o ator não se despe, não são desenhadas com extremo rigor, mas de qualquer forma precisam adequar-se ao perfil histórico e mental do personagem. Do contrário, quebra-se a harmonia.

Outro mito que precisa ser derrubado é o de que é muito mais fácil desenhar roupas para uma trama contemporânea do que para um filme de época. Ledo engano. Marilyn Vance observa que há duzentos anos, por exemplo, havia apenas três ou quatro estilos a serem estudados para compor um guarda-roupa, enquanto hoje em dia, como no próprio mundo da moda, a realidade é definida por um leque muito aberto de tendências e materiais, tornando a pesquisa mais complexa em torno das necessida-

As Bruxas de Eastwick

Para Nino Cerruti, foi fácil imaginar uma roupa para o maquiavélico Jack Nicholson: diabolicamente decadente, mas muito elegante

Maverick

Jodie Foster ficou estarrecida com o fato de mulheres realmente terem usado vestidos apertados e compridos para marchar no meio do pó e do calor

Warner

des de cada personagem.

Quanto à fidelidade histórica no caso dos filmes de época, é a figurinista e desenhista de produção Kristi Zea que ressalta um ponto pertinente. Ela diz que o trabalho se torna radicalmente mais fácil se a época já contava com um registro fotográfico, mesmo que indigente. Quando trabalhou para Lawrence Kasdan em *Silverado*, por exemplo, ela se inspirou em uma coleção de fotografias em estado precário de preservação. O mesmo não se pode dizer de qualquer concepção anterior ao século 19, na qual a pesquisa pictórica e iconográfica se funde a uma certa liberdade estética do profissional. Sempre, claro, de acordo com as intenções do diretor.

Em um ponto, porém, todos os experts concordam: o melhor figurino é aquele que não se faz notar, mas que é ressaltado pelo conjunto harmônico que promove em combinação a todos os outros elementos da produção. Além disso, um dos grandes pecados capitais dessa arte é o fato de um figurinista querer impressionar o mundo da moda com o seu trabalho. "Ser figurinista" está a anos-luz de distância de "ser estilista". Tanto que, quando um Giorgio Armani ou um Nino Cerruti são chamados para desenhar peças para um filme, sabe-se de antemão que o resultado será uma pequena variação em torno do estilo estabelecido do próprio estilista. Um figurinista está ao inteiro dispor do diretor. Já um estilista acaba muitas vezes contratado a pedido específico de um ator. Depois que Richard Gere usou Armani em *Gigolô Americano*, por exemplo, o estilista italiano presenciou um *boom* de suas roupas no cinema. Atores como Catherine Deneuve, Lauren Bacall, Robert De Niro e Robin Williams fazem questão de trabalhar com a sua grife. Já Nino Cerruti está no topo das preferências, por exemplo, de Michael Douglas e Tom Cruise, com quem está trabalhando em *Eyes Wide Shut*, de Stanley Kubrick.

De qualquer forma, o universo dos figurinos é um vasto mundo em constante expansão, recorrendo a texturas, cortes e brincadeiras estéticas. É um colírio para os olhos do espectador, que permite inclusive irresistíveis extravagâncias como as de Jean-Paul Gaultier em filmes como *O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante* ou *O Quinto Elemento*. Fazendo moda ou refletindo a moda, o figurino é sempre um cúmplice poderoso na infinita arte da ficção.

Christian Petermann

Prêt-À-Porter

Nino Cerruti, o único estilista famoso a participar do filme, vestiu Kim Basinger com peças da sua coleção outono 94

Blade Runner

Charles Knode e Michael Kaplan se inspiraram no cinema noir para, com poucas variações, desenhar a capa de Harrison Ford

Maverick

A figurinista April Ferry caprichou na sofisticação dos trajes de Maverick – jogador sim, mas com classe!

Malcolm X

O estilo todo peculiar dos negros americanos nos anos 40 levou Ruth Carter a conceber roupas especiais para Spike Lee e Denzel Washington

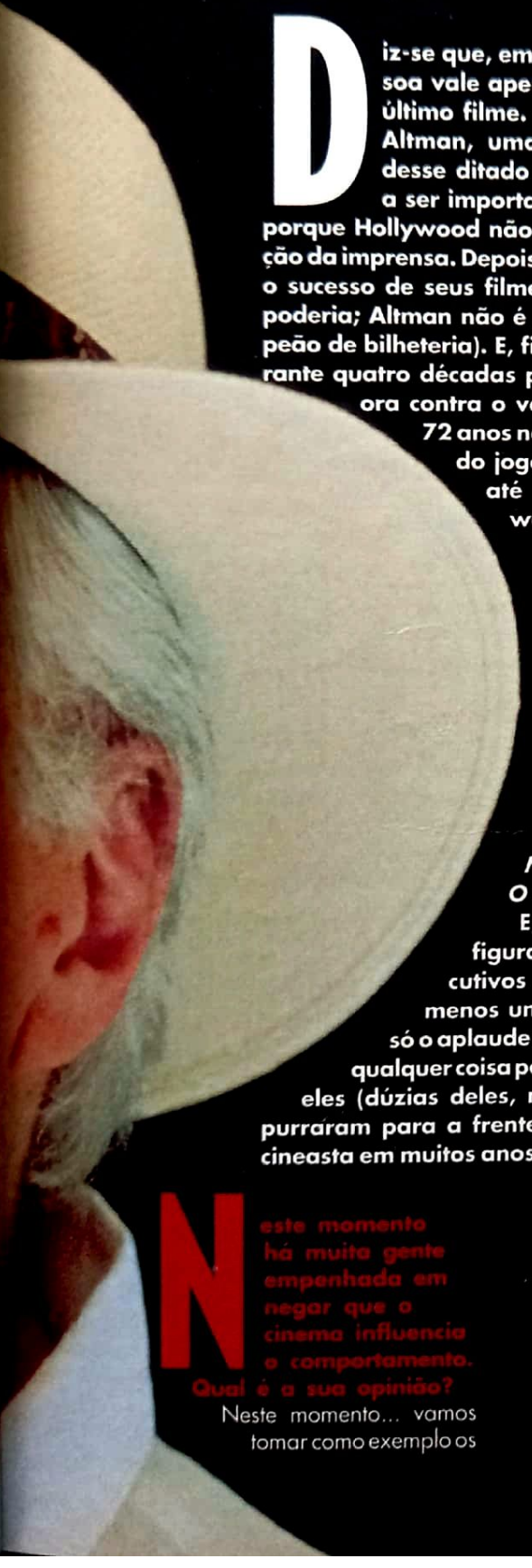
R

o homem que sabe

DIZER NÃO

Às vezes a maré está a favor dele, outras vezes (a maioria) contra. Mas, para o mais enigmático dos cineastas americanos, isso não é motivo de preocupação: afinal, ele diz, Hollywood nem mesmo existe

OBERT ALTMAN



Diz-se que, em Hollywood, uma pessoa vale apenas o mesmo que seu último filme. Mas, segundo Robert Altman, uma das muitas vítimas desse ditado cruel, isso não chega a ser importante. Primeiro, ele diz, porque Hollywood não passa de uma invenção da imprensa. Depois, porque ele não mede o sucesso de seus filmes pelo dinheiro (nem poderia; Altman não é exatamente um campeão de bilheteria). E, finalmente, porque durante quatro décadas passadas ora a favor, ora contra o vento, este cineasta de 72 anos não se rendeu às regras do jogo e cunhou obras que até a imediatista Hollywood (se é que esse lugar existe) teria de classificar como perenes. É provável que a maioria do público não saiba dizer qual é o último filme de Altman. É improvável, porém, que esse mesmo público não se lembre de nomes como *M.A.S.H*, *Nashville*, *O Jogador*, *Short Cuts*... E, se Altman não é uma figura popular entre os executivos de cinema, há pelo menos uma categoria que não só o aplaude como é capaz de fazer qualquer coisa por ele: os atores. Foram eles (dúzias deles, na verdade) que empurraram para a frente o maior sucesso do cineasta em muitos anos, *O Jogador*. Interpretando a si mesmas por cachês simbólicos ou inexistentes, 66 celebridades como Bruce Willis, Julia Roberts, Cher e Susan Sarandon o ajudaram a pintar com ácido a fachada reluzente de Hollywood, expondo as entranhas da indústria com um gosto que rapidamente caiu nas graças do público e da crítica.

Por causa de *O Jogador*, até os executivos (ou "contadores", como Altman os chama) tiveram de dobrar a língua, vestir seu melhor sorriso amarelo e pedir ao cineasta que fizesse mais um filme. O resultado foi *Short Cuts – Cenas da Vida*, a belíssima combinação de tramas e personagens que é um dos melhores exemplos do estilo que Altman legou ao cinema: o da meada cujos fios se enroscam cada vez mais, compondo murais, ou "acúmulos de momentos", como ele descreve, que emitem um odor inconfundível de coisa verdadeira.

Recuperando-se da recepção decepcionante a seus dois filmes mais recentes, *Prêt-à-Porter* e *Kansas City*, o diretor está de novo engalfinhado com os "contadores" que tanto o irritam: a Polygram não gostou do que viu em *The Gingerbread Man*, a adaptação de um livro de John Grisham dirigida pelo veterano e estrelada por Kenneth Branagh, que deveria estrear nos EUA em 26 de setembro. O estúdio esperava algo na linha mais comercial de *A Firma* ou *Tempo de Matar*, também baseados em Grisham. Só que ganhou, bem, um filme de Altman. "Isso não passa daquele habitual cabo-de-guerra entre diretor e estúdio", minimizou o produtor Jeremy Tannenbaum. "No final todos sairão felizes." Será? Levando-se em conta a carreira do pivô dessa discórdia, "todos" é uma palavra grande demais.

A seguir, Altman fala de cinema, jazz, violência e de seu mais novo projeto, *The Wild Card*:

Neste momento há muita gente empenhada em negar que o cinema influencia o comportamento. Qual é a sua opinião?

Neste momento... vamos tomar como exemplo os policiais. Não há um único policial vivo e na ativa hoje que não tenha aprendido a se comportar como um policial assistindo a filmes. Já temos, portanto, um círculo completo. Os médicos imitam o que é ser um médico vendo filmes e observando outros médicos – que também imitaram médicos de filmes. Todos nós fazemos isso.

E quanto a matar pessoas?

É a mesma coisa. É algo que testemunhamos hoje em dia – e com muita freqüência, eu acho.

Hollywood o abraça e, ao mesmo tempo, não sabe muito bem o que fazer com você. Como, então, você julga o sucesso? Quando você vê →

um filme seu na tela, como sabe se atingiu o que tinha se proposto ou falhou?

É impossível eu falhar. Quero dizer com isso que meu trabalho é fruto de uma colaboração, e que nós, os envolvidos, iniciamos um projeto com uma idéia, uma meta. E, quando terminamos, dizemos, "Bem, esta é a coisa que nós fizemos". Do ponto de vista do artista – e por artista você deve entender toda a equipe que participou de cada um desses filmes, ou pelo menos dos filmes com os quais eu me envolvo –, a obra não é julgada pelo quão bem-sucedida ela é em termos financeiros. É como se eu desenhasse papel de parede e, um dia, concebesse uma padronagem linda. Você poderia perguntar, "Quanto vendemos deste papel de parede?". E eu responderia, "Não vendemos nada". Isso não significa que o papel de parede é menos belo, ou de qualidade inferior.

De qualquer forma, de bem ou de mal com Hollywood, você sempre conseguiu prosseguir no seu trabalho sem se vender, não é?

Vocês falam como se esse lugar existisse – mas *vocês* é que são Hollywood. A imprensa, os críticos, são Hollywood. Vocês é que são esse animal, ou essa coisa. Porque é uma coisa viva, que respira, muda, se move. Mas ela não é nenhum desses caras que chefiam os estúdios, porque esses não passam de contadores. Eles querem saber é do resultado final. Vocês estão todos entrando juntos numa coisa meio *Multiplicity* (*no Brasil, Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias, em que Michael Keaton faz clones de si mesmo para cumprir suas tarefas*). Adoro o Michael Keaton, mas quando vi o filme pensei, "Ei, agora eles estão chegando aonde queriam" – que é tirar as medidas de um ator e depois cloná-lo ao longo de todo o filme. E daí o ator vai dizer, "Quero ir me ver no filme tal". "Mas sobre o que é o filme?" "Sei lá, só sei que estou nele." Depois nem vão mais precisar do ator como modelo. E aí os contadores vão ter conseguido exatamente o que queriam, porque ninguém vai poder cobrar cachê.

Bom, de bem ou de mal conosco, você sempre prosseguiu sem se vender. Algum dia você teve a tentação de ceder?

A cada vez acho que estou me vendendo. Mas sempre me dou conta de que sou um tolo e vivo me enganando. Nunca fiz um filme do qual, ao final, eu não dissesse: "Meu Deus, vão adorar isto aqui". E fico em estado de choque quando descubro que não é verdade, que há muita gente que não gostou dele. E não é culpa minha ou sua. É a condição. Para começar, o filme tem, sei lá, uma hora e cinqüenta minutos. E essa é a duração que ele vai ter a cada vez que for exibido, em qualquer lugar. Mas nem todo mundo está sincronizado com esse relógio. Quando quatrocentas pessoas entram juntas num cinema, elas pensam, "São dez da manhã e ainda não tomei café", ou "Minha mulher está tendo um caso com o vizinho e não consigo tirar isso da cabeça", ou "Odeio meu emprego"... Todo mundo é diferente. Portanto, fazer com que todos no cinema sintam a mesma coisa é impossível.

Alguns dos seus filmes lhe trouxeram um certo sofrimento, especialmente por causa de problemas orçamentários. Filmar ainda é uma luta?

Bem, tudo é dinheiro e contabilidade. Em outras palavras, sim, as coisas ficam difíceis quando você tem problemas de orçamento. Essa parte do negócio não tem nada de divertida. A diversão, ou a fuga, está nos artistas e na equipe – as pessoas que, juntas, estão fazendo um filme. Essa parte é ótima.

Qual é sua atitude nesses casos? "Dane-se tudo e vamos em frente"?

Com certeza.

Não há ocasiões em que as pessoas do outro lado da trincheira dizem, "É melhor nem tentar"?

Sim. Às vezes você ganha, outras você perde.

Você é conhecido como um fã de jazz, e *Kansas City* gira em torno desse universo. O que o jazz significa para você?

Não sei. Amo o jazz, é meu gênero musical predileto. Sempre foi. Mas não sou um especialista, um daqueles loucos que ouvem um disco e sabem dizer todos os músicos que tocaram com aquela banda durante toda a existência dela – como a minha mulher, Catherine. Mas o jazz foi a primeira coisa que eu ouvi – "Solitude" é a primeira música que eu conheci. E ainda é a minha favorita.

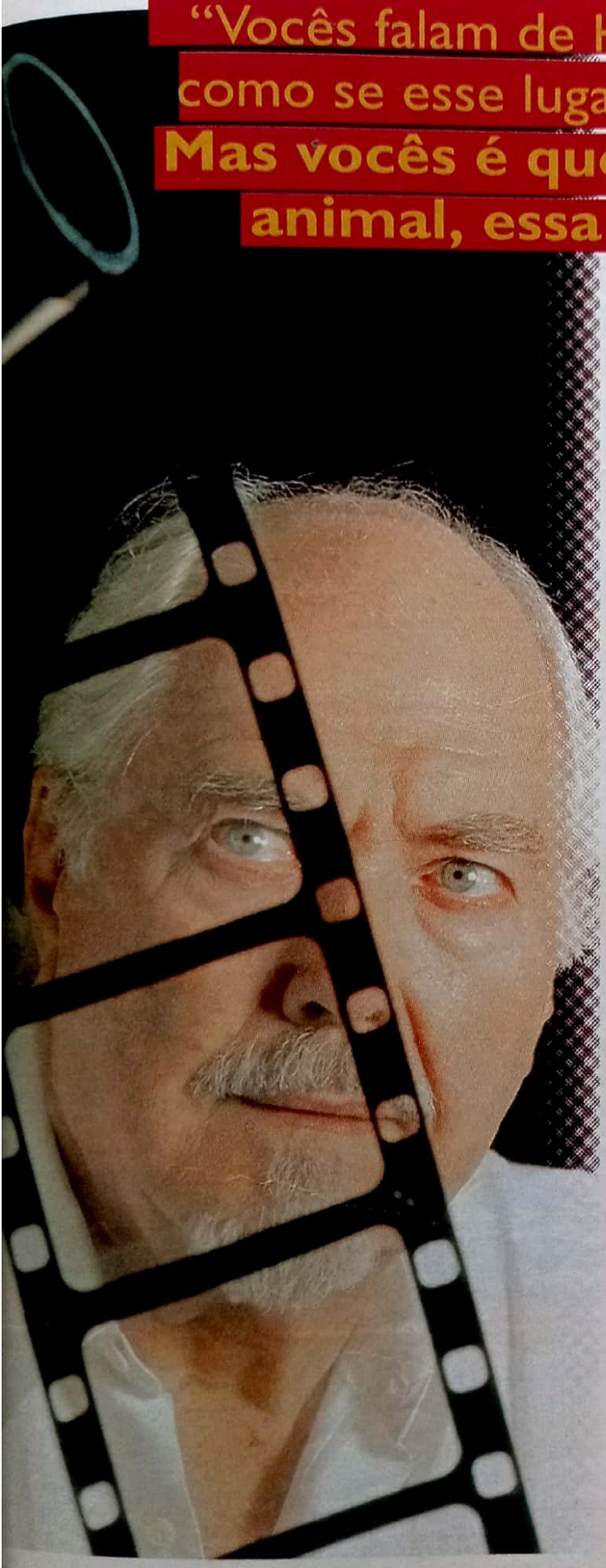
Há algum filme de jazz que se destaque para você, como espectador?

Não. Nunca vi um filme de jazz que eu acreditasse ter funcionado. Nada vem à mente. Não vi *Bird*, do Clint Eastwood (*sobre o saxofonista Charlie Parker*). Acho que eu vi aquele do Dexter Gordon (*Por Volta da Meia-Noite*). *Êxito Fugaz* (*filme de 1950 com Kirk Douglas, sobre os altos e baixos de um trompetista*) e coisas do gênero... A razão pela qual sempre fugi de fazer esse tipo de filme é que você tem de criar um drama sobre os personagens que estão tocando.

Sygma

O ENTUSIASTA
"Nunca fiz um filme do qual, ao final, eu não tivesse certeza que todos iriam adorar. E fico em estado de choque quando descubro que isso não é verdade"

"Vocês falam de Hollywood como se esse lugar existisse. Mas vocês é que são esse animal, essa coisa"



É como perguntar se há algum filme de gado do qual você gosta. Não é do gado que você gosta – a história é sobre os caubóis que conduzem o gado. Se bem que, é preciso dizer, *Kansas City* é um filme de jazz – ele é construído da mesma forma que o jazz é tocado, e eu penso em Jennifer Jason Leigh, Harry Belafonte e Miranda Richardson como instrumentos que possuem uma voz. As garotas são os sax tenor, e Harry provavelmente é o trompete. O filme todo é como uma canção bem curtinha: uma garota rapta a outra porque acha que assim vai conseguir resgatar seu marido, mas não consegue.

Seus filmes exibem um elenco formidável. Quando você faz o roteiro já o tem em mente ou tenta se manter aberto?

Quanto mais sei sobre o elenco, mais fácil é construir o filme. Harry Belafonte – que é um amigo muito chegado – e eu estamos conversando sobre fazer algo em cima de *Amos 'N' Andy* (*um popular programa de rádio iniciado no final dos anos 20 e que depois migrou para a TV, com elenco todo negro*).

Muitos atores dizem que fariam qualquer coisa para trabalhar com você.

Não, eles não fariam *qualquer coisa*. Na verdade, eles me cobram uma pequena quantia. Ainda assim... Porque essa é a razão primeira pela qual eles se tornaram atores – para criar algo. Não para preencher um figurino.

Você celebrizou um tipo de filme – o elenco com inúmeras participações, as tramas interligadas, a trama contida num breve período no tempo. O que o atrai nesse formato?

Bem, eu *gosto* dele. Ele me agrada, não sei por quê. Posso pensar em filmes que nunca fiz, mas pensei em fazer, quarenta anos atrás, e eles já eram assim. Lembro de um projeto chamado *Chicago*, sobre quatro personagens que nunca se encontravam, mas interferiam uns com os outros. Por exemplo, você seguia um deles até a porta giratória de um hotel, e daí a câmera passava a acompanhar outra pessoa, que estava saindo pela mesma porta no mesmo momento.

Por que essa fixação com cidades? Falamos de *Kansas City* e *Chicago*, e há *Nashville*...

Tenho a impressão de que estou sempre buscando uma cerca, ou uma arena. Na maioria dos filmes que eu fiz, a ação está contida em algum tipo de arena.

E qual o próximo passo?

Vou rodar *The Wild Card*, sobre uma figurinha de beisebol. É uma comédia. Vou filmá-la em Chicago, agora no final do verão.

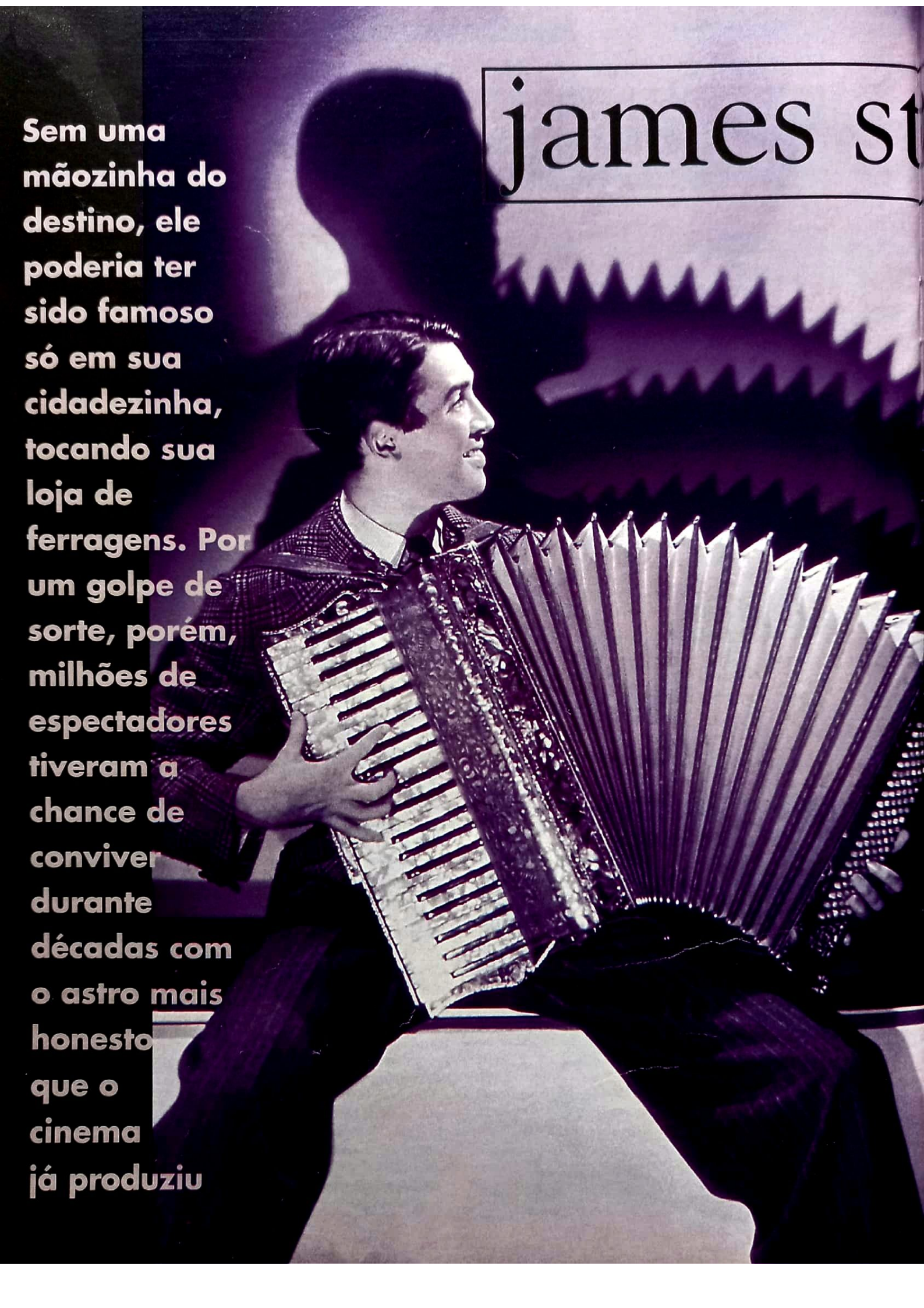
Você já escolheu o elenco?

Ainda não posso dizer. Estamos selecionando os atores, e não quero citar fulano para depois escolher beltrano.

O filme segue a trilha da figurinha de beisebol?

A figurinha é, digamos, o enredo central. O filme se baseia num livro chamado *Diminished Capacities*. Um livro pouco lido, pouco conhecido, mas muito promissor.

Lynne Lane



Sem uma mãozinha do destino, ele poderia ter sido famoso só em sua cidadezinha, tocando sua loja de ferragens. Por um golpe de sorte, porém, milhões de espectadores tiveram a chance de conviver durante décadas com o astro mais honesto que o cinema já produziu

ewart ... o jeito jimmy de ser

Por Suzana Uchôa Itiberê

Após badalar a noite toda com o Oscar por *Núpcias de Escândalo* nas mãos, James Stewart caiu no maior sono. O silêncio da madrugada reinava quando o telefone tocou. Era seu pai, Alex, que nunca se lembrava da diferença de horário entre a Califórnia e a Pensilvânia. "Ouvi no rádio que você ganhou um prêmio." "Sim, pai." "O que é, uma placa?" "Não, é uma estatueta. Parece de ouro, mas não é." "Então mande-a para cá; vou colocá-la na vitrine da loja para os fregueses darem uma olhada." E por 27 anos, até a morte do sr. Stewart, foi ali que o Oscar de Jimmy ficou: numa loja de ferragens.

Na competitiva Hollywood, é de estranhar que um ator não reserve um lugar privilegiado para a estatueta. "Meu pai nunca levou minha profissão a sério", contava Jimmy. "O Oscar era prova de que eu dava duro". E dava mesmo. Por mais de cinqüenta anos, desde que estreou em *Uma Voz que Acusa*, de 1935, Jimmy fixou na memória do público a imagem do sujeito meio caipira, de bom coração, honesto, trabalhador, patriota, que é generoso o suficiente para estender a mão a um vizinho e também corajoso o bastante para enfrentar os abusos de corruptos e poderosos. Uma imagem que muita gente diz ser a do americano médio, mas que, como não seria difícil medir, está longe de ser tão comum assim.

Foi uma carreira farta e brilhante, com mais de oitenta filmes, cinco indicações para o Oscar e duas estatuetas (por *Núpcias de Escândalo* e um Oscar honorário). Sua morte de infarto, aos 89 anos, em julho passado, deixou o cinema órfão daquele que melhor personificou a figura do sujeito comum, idealista e vulnerável, que desperta o instinto maternal das mulheres e a admiração dos homens. O sorriso maroto, os penetrantes olhos azuis e o andar desengonçado (resultado de escassos 62 quilos distribuídos em longos 1m91) chamaram a atenção de Frank Capra, o cineasta do otimismo americano, para quem protagonizou os clássicos *Do Mundo Nada se Leva*, *A Mulher Faz o Homem* e *A Felicidade Não se Compra*. "Stewart era incomumente comum", definiu Capra. "As pessoas se identificam comigo, mas sonham em ser John Wayne", brincava o astro.

Ao contrário de mitos como Humphrey Bogart e o próprio Wayne, Jimmy chegou ao estrelato com rapidez. "Não fazia diferença pegar um papel grande num filme pequeno ou um papel pequeno num filme importante. A questão era trabalhar." Os personagens que delineariam sua imagem para sempre vieram de dez filmes realizados de 1938 a 1940 – entre eles os dois primeiros de Capra e *Atire a Primeira Pedra*, *A Loja da Esquina* e *Núpcias de Escândalo*. Apenas três anos bastaram para torná-lo imortal.

Mas sua carreira estava apenas começando. É justo então lembrar de Jimmy só como o bom moço de Hollywood? Negativo. Que esses papéis invariavelmente caíam em suas mãos é inegável, mas ele soube brincar com sua imagem e superá-la, valendo-se inclusive de um sutil cinismo. O divisor de águas é bem nítido: a Segunda Guerra.

A decisão de interromper a carreira no auge e se alistar como piloto teria vindo da vontade de seguir os passos do pai. O presbiteriano Alex Stewart era um homem reservado, profundamente conservador e dono de um senso de dever cívico que contagiou o filho para sempre. Alex deixara os estudos em Princeton para servir a América no conflito contra a Espanha e, aos 46 anos, juntou-se à infantaria na Primeira Guerra. Em casa, o pequeno Jimmy vestia uma farda e produzia teatrinhos com histórias patrióticas, que interpretava para as duas irmãs mais novas na garagem da casa de Indiana, no oeste rural da Pensilvânia.

O pai de Jimmy era dono de uma loja de ferragens que pertencia à família desde a Guerra Civil. Aos quatro anos, o garoto já revelava invejável habilidade para lidar com o negócio – só que a empregava montando aviõezinhos. Sua paixão por voar quase terminou em morte quando ele saltou do telhado no kart que, sem muito sucesso, transformara em aeroplano. Em 1927, seguiu o histórico vôo de Charles Lindbergh sobre o Atlântico com um mapa e um aviãozinho – e muito mais tarde, em 1957, reproduziu essa façanha no papel do aviador em *Águia Solitária*. Assim, sobrevoar e bombardear o território alemão e da França ocupada em mais de vinte missões não deve ter sido →

james stewart

uma tarefa tão desagradável. "Rezei muito nessa época", ele lembraria. "Não só pela minha vida ou pela dos outros, mas acima de tudo para não cometer nenhum erro."

Essa religiosidade Jimmy herdou da mãe que, antes das refeições, fazia todos darem as mãos e rezar. Elizabeth era uma mulher falante e dócil, mas que sabia se impor quando um de seus filhos saía da linha.

Columbia

Discursando no Congresso por horas a fio, em *A Mulher Faz o Homem*: truque para inflamar a garganta e mostrar exaustão

Jimmy recebia visitas freqüentes de seus pais na Califórnia. Numa delas, eles descobriram que o filho andava fugindo da missa dominical. Imediatamente, sua mãe foi buscar dois pastores para lhe passar um sermão. Jimmy nunca mais deixou de cumprir as obrigações religiosas.

O controle dos pais não impediu, porém, que ele quebrasse algumas tradições. Como Alex, ele foi para a Universidade de Princeton estudar engenharia, mas as notas baixas em cálculo motivaram-no a trocar o curso pelo de arquitetura – e, nessa época, conheceu Josh Logan, depois um célebre diretor da Broadway. Nos espetáculos do Triangle Club de Logan ele deu os primeiros passos. "Jimmy tinha uma inusitada voz anasalada e desdenhava da idéia de seguir carreira artística", conta Logan. "Mas era bom demais, e no fundo eu sabia que adorava atuar – só tinha vergonha de admitir."

Os EUA enfrentavam a Depressão quando Jimmy se formou. As chances de emprego eram remotas. Ele teria de escolher: ou aceitava uma bolsa para a pós-graduação em arquitetura ou retornava à loja do pai. Logan salvou a situação ao convidá-lo para o grupo teatral University Players. Jimmy não resistiu. O que começou como uma brincadeira de verão o levou a pequenos papéis na Broadway, seguidos de personagens maiores, culminando num contrato de sete anos com a MGM. Em 1935, ele alçou seus ganhos semanais de 35 dólares, pelo trabalho nos palcos, para 350 dólares, pelos filmes do estúdio. Um início respeitável.

Quem não gostou da história foi seu pai. Mas, embora desaprovasse a escolha de Jimmy, ele e a esposa não perdiam um só filme do filho famoso. "Minha mãe via sessões seguidas", ele recordava. "Já meu pai engatava belos cochilos e, quando me dava sua opinião, eu já sabia onde ele dormira." A profissão de Jimmy pode ter desagradado seu pai, mas o sucesso como militar acabou compensando a decepção.

Jimmy voltou da guerra como herói. Foi condecorado três vezes e alcançou o posto mais alto, o de general-de-brigada. Mas, se a batalha foi um sucesso, a realidade que encontrou na volta a Hollywood transformou sua carreira. Assim que chegou, Capra chamou-o para estrelar *A Felicidade Não se Compra*, uma tocante fábula de Natal. Hoje um dos trabalhos mais populares do astro, sob o prisma do pós-guerra ele parecia excessivamente inocente – e trouxe a falência da Liberty Films, que Capra e seus sócios tiveram de vender à Paramount.

"Foi um tapa na cara", lamentou Jimmy. Seu contrato com a MGM expirara durante a guerra, e seus agentes lhe aconselharam a não assinar um outro. "Será que perdi meu público?, eu pensava." Jimmy voltou mais sério, reflexivo e também mais inseguro do combate. "Senti que havia perdido o bom senso e não sabia julgar se o que fazia era bom ou ruim." Mas bastou um jornalista do *New York Times* indagar o que ele achava de um artigo intitulado "Ascensão e Queda de James Stewart" para ele reagir, tomar impulso e sair da depressão.

O astro não só superou a fase ruim como se tornou um dos mais ricos de Hollywood. A idéia de recusar o contrato fez dele um dos primeiros atores free lances do cinema. Essa liberdade rendeu frutos já em *Winchester 73*, seu primeiro faroeste: ele abriu mão do salário em troca de partici-

"Você ganhou um prêmio? Mande-o para cá", pediu o pai de Jimmy. E o Oscar passou 27 anos numa loja de ferragens

jimmy e as loiras

Com Kim Novak em *Um Corpo que Cai*, com Doris Day em *O Homem que Sabia Demais* e com Grace Kelly em *Janela Indiscreta*, todos de Alfred Hitchcock: respeito absoluto às cobiçadas parceiras

Fotos: CIC

pação na bilheteria. O filme foi um estouro, e Jimmy ganhou de uma só vez mais do que havia acumulado em toda a sua carreira.

Apesar de as produções com Capra serem as favoritas do público, foi nessa segunda fase que o astro provou ser um intérprete mais versátil do que ele mesmo imaginava, trabalhando sob a batuta de vários nomes consagrados – a começar por Anthony Mann, que o dirigiu em faroestes inesquecíveis como *O Preço de um Homem*, *Região do Ódio* e *Um Certo Capitão Lockhart*. "Ele não se dava conta do talento que tinha para o gênero", disse Mann. "Mas, do meu lado da câmera, esse dom era óbvio."

Nos filmes de Mann, Jimmy conferiu humanidade ao tipo violento e obcecado por vingança, embora quase sempre desistisse de concretizá-la quando a oportunidade surgia. Testou os limites da simpatia do público ao espatifar a cabeça do vilão numa briga de bar em *Winchester 73*. Mostrou que também sabia ser o típico cavaleiro solitário, inquieto e amargurado e, de certa forma, antecipou os faroestes sombrios de Sergio Leone e Sam Peckinpah. A parceria se repetiria mais oito vezes e seria rompida, bruscamente, em *Passagem da Noite*, quando um desentendimento entre os dois levou à substituição do cineasta.

Dos filmes com John Ford, o ator guardou lembranças divertidas. O diretor era terrivelmente rigoroso com John Wayne, seu amigo pessoal – e, nos bastidores de *O Homem que Matou o Facínora*, Wayne queixava-se com o colega de que Ford implicava com ele o tempo todo, enquanto tudo o que Stewart fazia parecia perfeito. "Eu estava me achando o máximo quando, dois dias antes de a filmagem terminar, Ford reuniu a equipe e me passou o maior sabão na frente de todo mundo", recordou Jimmy. "Wayne adorou."

Jimmy cita Frank Capra como o diretor que o deixava mais à vontade nos sets, mas foi Hitchcock quem lhe deu as melhores aulas. "Seus roteiros eram verdadeiras obras de arte de detalhamento", conta. Os filmes com Hitch também assinalaram a ruptura com a inocência dos velhos tempos. O próprio ator se surpreendeu quando, no set de *Janela Indiscreta*, alguém observou: "Jimmy, você não está só olhando a vida dos vizinhos; *seu personagem é um voyeur*".

Com Hitch, ele faria seus papéis mais profundos. Diz-se que, quando usava Cary Grant como herói, o cineasta projetava o homem que gostaria de ser; quando chamava Jimmy, mostrava-se como *era*. Para Hitchcock, ele encarnou um intelectual que descobre ter influenciado dois alunos a cometer assassinato em *Festim Diabólico*, foi o repórter bisbilhoteiro de *Janela Indiscreta* e viveu um pai desesperado em *O Homem que Sabia Demais*.

Mas foi em *Um Corpo que Cai* que o ator protagonizou sua melhor cena. Jimmy faz Kim Novak vestir-se como a mulher que ele julga morta, e o diretor deu-lhe a seguinte ordem: "Quando ela estiver se vestindo, olhe-a como se ela estivesse se despindo". E o espectador assiste à transmutação da Kim real na mulher idealizada apenas pelo olhar fascinado do ator – um olhar profundo, oscilando entre o desejo e a emoção. Inesquecível.

À exceção da briga com Anthony Mann, Jimmy nunca criou problemas para diretores e colegas. "Ele não se comportava como um astro", explica Ernest Borgnine, parceiro do astro em *O Vôo de Fênix*. "Ele era Jimmy Stewart. E ponto final." Na velhice, Jimmy várias vezes confessou sentir saudades dos estúdios "na época em que pareciam uma família na qual todos se conheciam".

Seu melhor amigo era Henry Fonda, colega do tempo do University Players. Ao chegar a Hollywood, eles dividiram uma casa contígua à de Greta Garbo, tentando sem êxito encontrar um meio de travar conhecimento com a diva. O biógrafo do ator, Donald Dewey, revela que a dupla chegou a ponto de tentar cavar um túnel até a casa da estrela.

Foi uma amizade profunda, que durou até a morte de Fonda e sobreviveu intacta ao antagonismo político. Como seu pai, Jimmy era um republicano ferrenho – apoiou o amigo Ronald Rea- →

james stewart

gan desde o início da vida política. Fonda, por sua vez, foi um dos mais ativos democratas de Hollywood. "Uma vez tivemos uma briga séria e ficamos um tempo sem nos ver", admitiu Jimmy. "Depois decidimos nunca mais falar de política. E nunca mais brigamos." Os dois eram tão grudados que Orson Welles não resistiu e fez um comentário maldoso: "Ou esses rapazes estão tendo o caso mais quente de Hollywood ou são os caras mais machos que eu já vi".

Se Jimmy invejava Fonda por ele nunca ter deixado de fazer peças na Broadway, Fonda invejava o sucesso do melhor amigo com as mulheres. "Ele não era exatamente bonito, mas sua falta de jeito as deixava loucas", conta. "Parece que toda garota queria ser um pouco sua mãe." E não foram poucas: Marlene Dietrich, Ginger Rogers, Dinah Shore, Margaret Sullavan e Olivia de Havilland, entre outras.

As más-línguas dizem que o romance com Dietrich, iniciado em *Atire a Primeira Pedra*, acabou em gravidez – interrompida a pedido de Jimmy. O romance com Olivia de Havilland teria terminado com um pedido frustrado de casamento. "Ele tinha 31 anos, mas não estava pronto para casar", explicou a atriz. Nos bastidores de *O Último Beijo*, L.B. Mayer falou sobre a química entre Jimmy e Margaret Sullavan: "Não sei que diabos é isso, mas está saltando para fora da tela". Ela, porém, trocou-o por Fonda. O casamento durou pouco, e a atriz ainda faria mais três uniões infelizes até seu suicídio, em 1960.

Dizem que o ator se casou apenas aos 41 anos porque demorou para superar a paixão. Foi Cary Grant quem o apresentou a Gloria Hatrick McLean, uma jovem nova-iorquina, recém-divorciada e mãe de dois meninos. "Gloria tornou minha vida mais excitante e muito mais valiosa", dizia o marido apaixonado. O amigo e produtor Armand Deutsch a descrevia como uma mulher alegre, pé-no-chão e muito diferente das afetadas estrelinhas de Hollywood.

"Jimmy era um exemplo de atenção com Gloria", lembra o produtor. "Ela entrava na sala e ele dizia, 'Você está linda. Que vestido!'. Ela respondia, 'Jimmy, eu já o usei mais de dez vezes'. E ele retrucava: 'Você está linda assim mesmo'." Para agradá-la, ele comprou a mansão vizinha à sua em Beverly Hills, demoliu a casa e transformou o terreno num jardim.

Eles casaram-se em 1949 e tiveram duas filhas gêmeas. Avessos às brigas e aos escândalos que marcam a maioria dos casamentos de Hollywood, os Stewart eram companhia das mais agradáveis. Adoravam fazer safáris e iam anualmente a Washington homenagear o primogênito de Gloria, morto no Vietnã.

Quando Gloria morreu de câncer no pulmão, em 1994, Jimmy ficou desolado. "Ele confessou que não queria mais viver", conta o cineasta Richard Attenborough. O amigo Army Arched diz que nos últimos dois anos ele só saía da cama para se alimentar. Kim Novak, que conversou com Jimmy poucos dias antes de sua morte, comenta que ele parecia estar desligado da realidade. "Vivia das memórias de sua mulher." Os que desfrutaram da intimidade do astro afirmam que não havia diferença entre o Jimmy real e seus primeiros personagens. "Ele era aquele sujeito bom-caráter que víamos na tela", comenta Deutsch.

O ator George Burns dizia que "a honestidade é o que há de mais importante; se você sabe falsificá-la, não precisa fazer mais nada". Jimmy não precisou fingi-la, e o público logo notou essa autenticidade. Indagado sobre ela, ele repetia a resposta de Spencer Tracy quando lhe perguntavam se não se cansava de só interpretar a si mesmo: "Quem você quer que eu interprete? Humphrey Bogart?".

Sem nunca ter pisado num curso de arte dramática, Jimmy defendia que não se ensina um ator a ter talento. "O trabalho é a melhor escola", dizia. "Não tenho a pretensão de interpretar Shakespeare. A profissão de ator para mim tem de seguir a mesma linha de vida que conheço e que está

Universal

A cavalo em *Região do Ódio*, uma de suas parcerias com Anthony Mann: "Ele não sabia o talento que tinha, mas a câmera sabia", dizia o diretor

"Se Hitchcock trata os atores como gado, então ele é um dos melhores caubóis que eu conheço", defendia o astro

à altura de minha habilidade de recriá-la. Não sou complicado e não pretendo complicar a vida do público."

Mas o astro sabia lançar mão de artifícios. Seu personagem em *A Mulher Faz o Homem* é um senador que luta contra a corrupção. Na memorável cena em que ele discursa trinta horas seguidas para impedir as manobras ilícitas de um político, chegando ao colapso, ele pediu ajuda a um médico. "Tinha de mostrar minha exaustão pela falta de voz, então pedi algo para inflamar a garganta. Ficou perfeito."

Fiel a seu próprio estilo, Jimmy jamais deu dor de cabeça aos diretores. Não se importava nem com a pouca sensibilidade de Hitchcock, para quem "atores são apenas gado"; acrescentava que, nesse caso, Hitch era um dos melhores caubóis de todos os tempos. "Sempre estive à disposição do sistema de estúdio, embora fosse um free lance. Era o jeito ideal de fazer filmes." Jimmy nunca escondeu o desgosto pelas produções modernas. "Hoje eles estudam o mercado, descobrem o que o público quer ver e fazem seis, oito filmes iguais", criticava. A violência, para o veterano, era outra tendência nefasta. "As pessoas já têm tantos problemas conjugais e pessoais. E, quando vão ao cinema se distrair, percebem que as coisas são ainda piores do que em casa."

Nos anos 70, o astro diminuiu consideravelmente o ritmo de trabalho. Não que tenha saído de circulação: chegou a vir ao Brasil, em 1984, para lançar em vídeo os clássicos de Hitchcock, e não se cansou de protestar contra a colorização de filmes. Foi presença constante em *talk shows*, nos quais falava dos tempos áureos de Hollywood, contava piadas ou declamava algumas das poesias de um livro que lançou em 1989 e que ficou meses na lista dos melhores do *New York Times*. "São só algumas histórias rimadas", dizia o poeta.

Sua modéstia e humildade chegavam a ser radicais, e ele mesmo tinha alguma dificuldade em acreditar em seu enorme talento. "Tive muita sorte", minimizava. Os fãs não concordam. O cineasta Peter Bogdanovich conta que, um dia, estavam saindo de um bar quando um homem abordou Jimmy e disse: "Sr. Stewart, pode não significar muito para o senhor, mas quero que saiba que eu o acho maravilhoso". Jimmy apertou as mãos do fã, olhou em seus olhos e respondeu: "Isso significa tudo para mim".

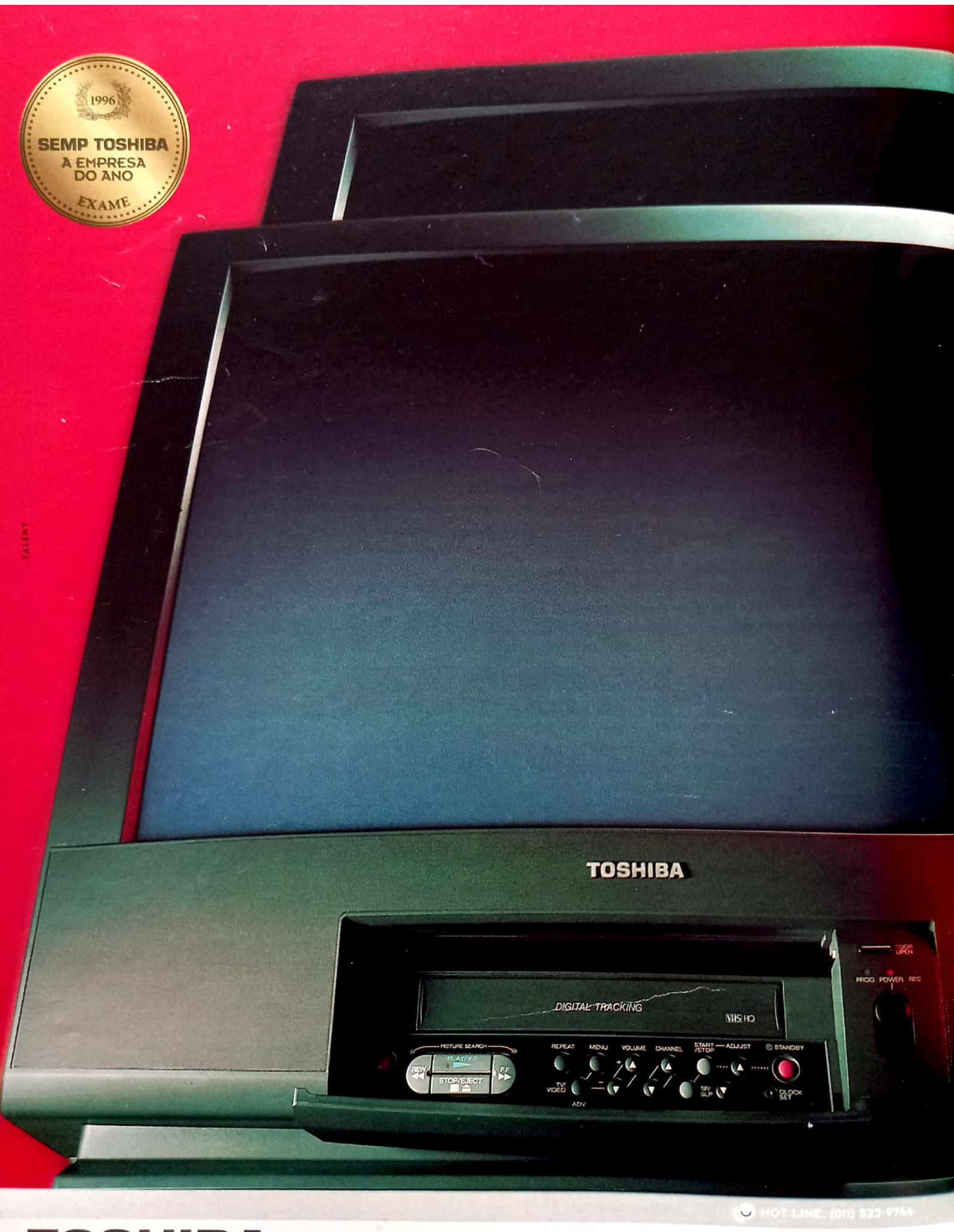
Jimmy Stewart era daquele tipo que ficava vermelho quando elogiado e fazia questão de responder às cartas que recebia. Imagine sua surpresa ao saber que um homem havia desistido de se suicidar ao assistir *A Felicidade Não se Compra*, o filme preferido do ator: a vida de seu personagem, George Bailey, tinha muito em comum com sua própria história. Não à toa, ele se inspirou no pai para viver o jovem que abdica de seus sonhos para cuidar do negócio paterno, até entrar em crise com a vida exageradamente pacata e considerar o suicídio. É quando entra em cena o anjo Clarence, que mostra a Bailey como o mundo seria se ele não tivesse nascido: uma catástrofe. E tanto o personagem quanto o público ficam satisfeitíssimos por Bailey nunca ter abandonado a pequena cidade de Bedford Falls.

Na vida real, porém, se Jimmy não tivesse rompido com as tradições familiares, provavelmente teria passado o resto da vida na pacata Indiana, cuidando da loja de ferragens da família. Poderia até ter tido êxito como comerciante. Mas nós, o público, temos de agradecer por sua ousadia: o mundo e o cinema jamais seriam os mesmos sem ele. ■

o melhor de *jimmy* em vídeo

- DO MUNDO NADA SE LEVA (1938, de Frank Capra)
- A FELICIDADE NÃO SE COMPRA (1946, de Frank Capra)
- FESTIM DIABÓLICO (1948, de Alfred Hitchcock)
- O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA (1952, de Cecil B. DeMille)
- JANELA INDISCRETA (1954, de Alfred Hitchcock)
- O HOMEM QUE SABIA DEMAIS (1956, de Hitchcock)
- UM CORPO QUE CAI (1958, de Alfred Hitchcock)
- ANATOMIA DE UM CRIME (1959, de Otto Preminger)
- A CONQUISTA DO OESTE (1962, de John Ford, George Marshall e Henry Hathaway)
- O HOMEM QUE MATOU O FACINORA (1962, de John Ford)
- SHENANDOAH (1965, de Andrew V. McLaglen)
- O ÚLTIMO PISTOLEIRO (1976, de Don Siegel)

Flagrante de intimidade: sempre de bom humor, Jimmy não hesitava em tentar novos truques com um cigarro



HOT LINE: (011) 523-9744

TOSHIBA

CABOS: MEIA-VOLTA, VOLVER.

OS NOVOS TELEVISORES TOSHIBA COMBO 29" E COMBO 34" NÃO SÃO APENAS OS MELHORES TELEVISORES COM VIDEOCASSETE ESTEREO ACOPLADO DO MERCADO.
SÃO, TAMBÉM, OS MAIORES COMBINADOS QUE EXISTEM NO BRASIL, INTEGRANDO UM VÍDEO DE 4 CABEÇAS COM TELEVISORES DESSE PORTE.
EM OUTRAS PALAVRAS, SÃO MAIS DOIS BONS EXEMPLOS DO AVANÇO E DA CAPACIDADE DE RENOVAÇÃO TECNOLÓGICA QUE A SEMP TOSHIBA VEM DESENVOLVENDO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA A AMAZÔNIA.

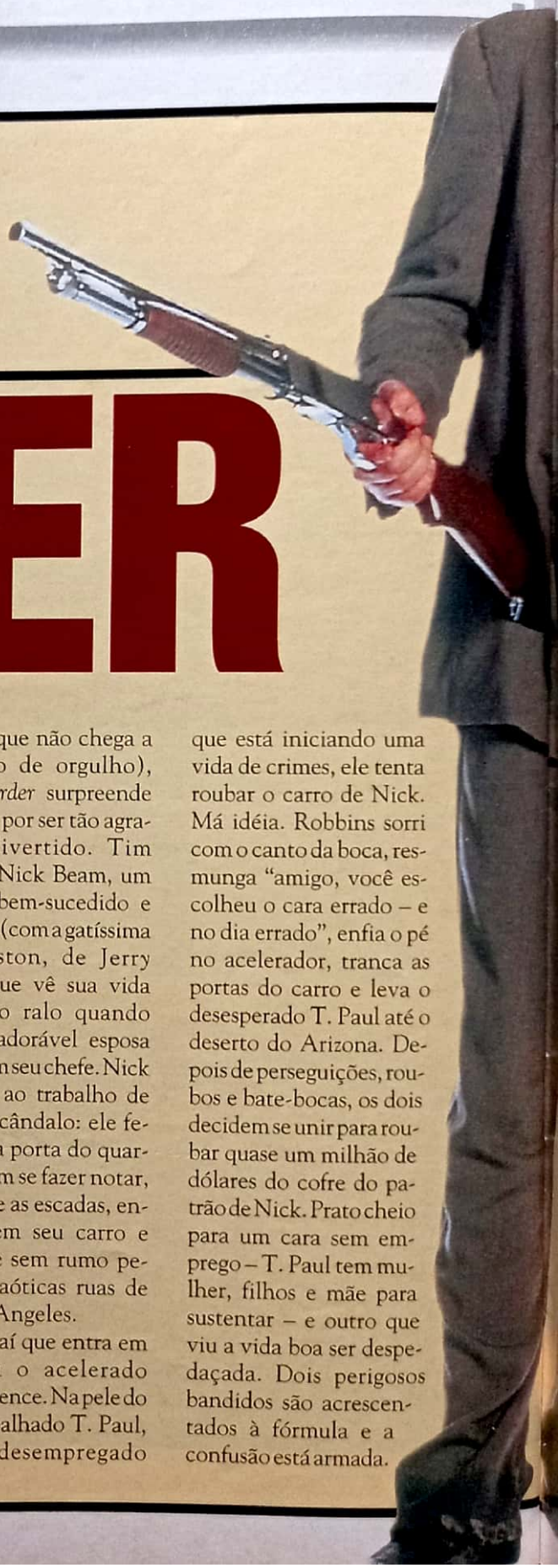
SEMP TOSHIBA

OS NOSSOS JAPONESES SÃO MAIS CRIATIVOS QUE OS JAPONESES DOS OUTROS.

NOVOS *filmes*

SET RECOMENDA

nada a PERDER



Tim Robbins e Martin Lawrence formam a dupla mais esquisita do cinema americano. O primeiro passou de ator de comédias estúpidas a astro respeitado (em filmes como *O Jogador* e *Um Sonho de Liberdade*) e diretor aplaudido (*Bob Roberts* e *Os Últimos Passos de um Homem* levam sua assinatura). Martin Lawrence, por outro lado, construiu sua carreira na televisão e, após uma pá de papéis coadjuvantes em filmes de Spike Lee e Eddie Murphy, acertou em cheio na parceria com Will Smith em *Bad Boys*, de 1995. Mas sua má fama de encrenqueiro e brigão lhe custou vários pontos de popularidade nos Estados Unidos. Portanto, uma duplinha improvável.

Improvável, mas afinada. Dirigido pelo Steve Oedekerk de *Ace Ventura 2 – Um Maluco na África* (uma referência que não chega a ser motivo de orgulho), *Nada a Perder* surpreende justamente por ser tão agradável e divertido. Tim Robbins é Nick Beam, um executivo bem-sucedido e bem casado (com a gatíssima Kelly Preston, de Jerry *Maguire*) que vê sua vida escoar pelo ralo quando flagra sua adorável esposa na cama com seu chefe. Nick nem se dá ao trabalho de fazer um escândalo: ele fecha a porta do quarto sem se fazer notar, desce as escadas, entra em seu carro e parte sem rumo pelas caóticas ruas de Los Angeles.

E aí que entra em cena o acelerado Lawrence. Na pele do atrapalhado T. Paul, um desempregado que está iniciando uma vida de crimes, ele tenta roubar o carro de Nick. Má idéia. Robbins sorri com o canto da boca, resmunga "amigo, você escolheu o cara errado – e no dia errado", enfia o pé no acelerador, tranca as portas do carro e leva o desesperado T. Paul até o deserto do Arizona. Depois de perseguições, roubos e bate-bocas, os dois decidem se unir para roubar quase um milhão de dólares do cofre do patrão de Nick. Prato cheio para um cara sem emprego – T. Paul tem mulher, filhos e mãe para sustentar – e outro que viu a vida boa ser despedaçada. Dois perigosos bandidos são acrescentados à fórmula e a confusão está armada.

Piadas aprovadas: o astro Tim Robbins assiste às cenas já filmadas de *Nada a Perder* e cai na risada junto com o diretor Steve Oedekerk (*à direita*)

Com o diretor de *Ace Ventura 2* ao volante, a dupla Tim Robbins e Martin Lawrence põe o pé na estrada e surpreende a platéia com uma deliciosa e divertida comédia

Graças à sua poderosa e entrosada dupla de protagonistas, o diretor Oedekerk consegue arrancar risadas das situações mais bobas que possam existir numa comédia americana. Ao contrário de sua figura exagerada e irritante em *Bad Boys*, Martin Lawrence não se esforça loucamente para roubar a cena de Tim Robbins – que, por sua vez, está hilário como o desconsolado executivo. Ele encontra no diminuto Lawrence o parceiro perfeito para suas tiradas cômicas, como no momento em que seus sapatos pegam fogo e T. Paul, ao invés de ajudar o parceiro, prefere registrar o mico em vídeo, sem conter as risadas. A platéia vai com ele e se acaba de rir.

Se existe um problema em *Nada a Perder* é o fraco elenco de apoio, que, se não chega a irritar, não acrescenta nada à trama. Desde a dupla de ladrões que se encontra com nossos heróis na estrada até a mãe histérica de T. Paul, ninguém consegue encontrar seu tom no filme. Mas, pensando bem, com a excelente química obtida por Robbins e Lawrence, isso é o que menos importa.

Roberto Sadovski

(Nothing to Lose, EUA, 1997) ***Direção:*** *Steve Oedekerk.* ***Com*** *Tim Robbins, Martin Lawrence, Kelly Preston, Giancarlo Esposito, John C. McGinley, Hank Garret, Susan Barnes, Michael McKean, Irma P. Hall. 97 min.*

Duplas explosivas: Tim Robbins e Martin Lawrence resolvem fazer um assalto milionário, mas esbarram na "concorrência", representada pelos bandidões John C. McGinley e Giancarlo Esposito (*à direita*)

Fotos: Columbia Buena Vista

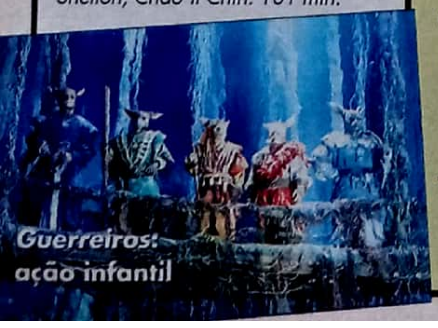
O diretor Kevin Smith faz rir com classe no simpático *Procura-se Amy*

Rodman e Van Damme: vestidos para matar

GUERREIROS DA VIRTUDE

Uma mistura de *Tartarugas Ninja*, *Tank Girl* e *The Pagemaster*, a aventura *Guerreiros da Virtude* é o típico filme para a criançada que ainda curte um *Power Rangers*: tem ação de montão, cenários fantásticos, muitas criaturinhas e zero de história. Ryan (Mario Yedidia, um clone de Elijah Wood) é um garoto solitário que ganha um livro mágico de um sábio chinês. Ele então é transportado para uma terra de fantasia, onde o tirano Komodo deseja alcançar a vida eterna – cuja "fórmula" parece estar no livro de Ryan. Para ajudá-lo na luta contra o mal, o garoto conta com os "roo-warriors": cinco cangurus humanóides, mestres nas artes marciais, que protegem seu mundo da tirania. É claro que a molecada já viu este filme pelo menos uma dezena de vezes. Mas as lutas bem coreografadas, somadas aos efeitos especiais eficientes, garantem o espetáculo. Isso, é claro, se você tiver menos de dez anos de idade.

(Warriors of Virtue, EUA, 1997) ***Direção:*** *Ronny Yu.* ***Com*** *Angus Macfadyen, Mario Yedidia, Marley Shelton, Chao-li Chin. 101 min.*



Guerreiros: ação infantil

A COLÔNIA

Van Damme bate e apanha na companhia de Dennis Rodman

A única contribuição de Jean-Claude Van Damme ao cinema americano parece ser a importação de diretores de ação chineses. Primeiro foi John Woo, que o dirigiu em *O Alvo*. Depois foi a vez de Ringo Lam, responsável por *Risco Máximo*. E, em *A Colônia*, Van Damme trabalha com Tsui Hark, que aprendeu direitinho a lição de seus conterrâneos: ele alterna momentos frenéticos com câmeras lentas, sem deixar que o público recupere o fôlego e possa prestar atenção à história (que história?).

Para dar mais "charme" ao filme, Van Damme conseguiu um parceiro escandaloso: Dennis Rodman, o jogador de basquete famoso por seus extravagantes cortes de cabelo. Em *A Colônia* ele é Yaz, um traficante de armas que vai ajudar o superespião Quinn (Van Damme) a derrotar o vilão da semana. Surpresa número dois: o malvadão do filme é Mickey Rourke, obscenamente anabolizado e com o rosto literalmente desabando – ele está tão grotesco que mal consegue mover os lábios.

O resto é aquilo a que os fãs de Van Damme já estão acostumados: péssimas atuações, explosões pipocando por todos os lados, um herói que é o cúmulo do bom-mocismo e muita, muita bobagem. Mas, como ninguém em cena parece estar levando a coisa muito a sério, por que deveríamos nos preocupar? O jeito é desligar o cérebro e se odiar por estar gostando do show.

(Double Team, EUA, 1997) ***Direção:*** *Tsui Hark.* ***Com*** *Jean-Claude Van Damme, Dennis Rodman, Mickey Rourke, Natacha Lindinger, Paul Freeman, Jay Benedict, Valeria Cavalli, Rob Diem. 93 min.*

PROCURA-SE AMY

SET RECOMENDA

Em *Procura-se Amy*, o diretor Kevin Smith (de *O Balconista* e *Barrados no Shopping*) consegue explorar temas sexuais delicados com bom humor e sensibilidade. Holden (Ben Affleck) e seu parceiro Banky (Jason Lee) são artistas de histórias em quadrinhos e amigos de longa data. Quando Holden conhece a escultural Alyssa (Joey Lauren Adams), o interesse é imediato – e ela parece estar caidinha por ele. Mas o relacionamento não engata por um detalhe: ela é lésbica. Frustrado, Holden não desiste de conquistar sua musa, o que tumultua sua amizade com o parceiro Banky. Kevin Smith possui um talento especial para escrever diálogos inteligentes e conduz *Procura-se Amy* com leveza, mostrando que sabe exatamente o que quer de seus personagens. Sem se preocupar em levantar bandeiras ou defender minorias, o diretor ainda acha espaço para encaixar os divertidos personagens Jay e Silent Bob (interpretado pelo próprio Smith), emprestados de seus dois filmes anteriores.

(Chasing Amy, EUA, 1997) ***Direção:*** *Kevin Smith.* ***Com*** *Ben Affleck, Joey Lauren Adams, Jason Lee, Dwight Ewell, Jason Mewes, Kevin Smith. 111 min.*

Affleck e Adams: romance complicado

Fishburne e Garcia: aliança sangrenta

SET RECOMENDA

A OSTRA E O VENTO

O diretor Walter Lima Jr. orquestrou o elogiado *A Ostra e o Vento* e realizou seu filme "menos brasileiro". Contando a história da maturidade da filha de um faroleiro, ele criou imagens que seduzem o público, cansado da dieta de arrasa-quarteirões ianques. Leandra Leal é a filha do faroleiro Lima Duarte. Isolada numa ilha, ela cresce sem ter com quem compartilhar suas descobertas sobre amor e sexo, e cria então um amigo invisível, que se manifesta por meio do vento. Num momento de desespero, a tênue linha que separa a realidade da fantasia é rompida – com trágicas conseqüências. Uma bela história e ótimas interpretações fazem de *A Ostra e o Vento* um filme que merece ser descoberto.

(Brasil, 1997) ***Direção****: Walter Lima Jr.* ***Com*** *Lima Duarte, Leandra Leal, Fernando Torres, Floriano Peixoto, Castrinho, Debora Bloch.*

Lima Duarte e Leandra Leal: isolados na ilha

OS ARRUACEIROS

O drama *Os Arruaceiros* tinha tudo para se tornar um intenso retrato da máfia no bairro do Harlem, em Nova York, mas foi vitimado por um roteiro cheio de clichês e por atores que levam o filme no piloto automático. Laurence Fishburne é Bumpy Johnson, um bem-educado líder comunitário – e também um frio assassino – que deseja impedir a invasão do Harlem pelo violento gângster Dutch Schultz (Tim Roth). A intenção de Schultz é controlar as atividades ilegais em todo o bairro. Bumpy não vê outra saída a não ser se aliar ao poderoso Lucky Luciano (Andy Garcia). Com personagens bidimensionais, que nunca convencem o público de suas motivações, e um roteiro esquemático, o diretor Bill Duke (*Traindo o Inimigo*) faz o possível para construir um épico, mas o máximo que consegue é realizar outro exemplar do cinemão de tiros e explosões. Somente Tim Roth, como o perigoso Schultz, merece maior atenção.

(Hoodlum, EUA, 1997) ***Direção****: Bill Duke.* ***Com*** *Laurence Fishburne, Tim Roth, Vanessa L. Williams, Andy Garcia, Cicely Tyson. 130 min.*

NO LIMITE

Anthony Hopkins e Alec Baldwin são os protagonistas deste inusitado filme de ação dirigido pelo neozelandês Lee Tamahori (responsável pelo ótimo *O Amor e a Fúria* e pelo morno *O Preço da Traição*). O milionário Hopkins e sua mulher, a modelo Elle Macpherson, estão a caminho de uma sessão de fotos, acompanhados do jovem fotógrafo interpretado por Alec Baldwin. Quando o avião que transporta a equipe cai em meio às geladas paisagens do Norte da América, os dois homens têm de trabalhar juntos para sobreviver. Com um roteiro assinado pelo premiado dramaturgo David Mamet, *No Limite* enfrentou uma produção difícil – em especial pelo frio intenso de Calgary, no Canadá, onde foi rodada a maioria das cenas. Além disso, Anthony Hopkins escapou da morte quando foi perseguido por um urso cinzento em meio à tundra, escorregou no gelo e deslocou uma vértebra. Que falta de sorte!

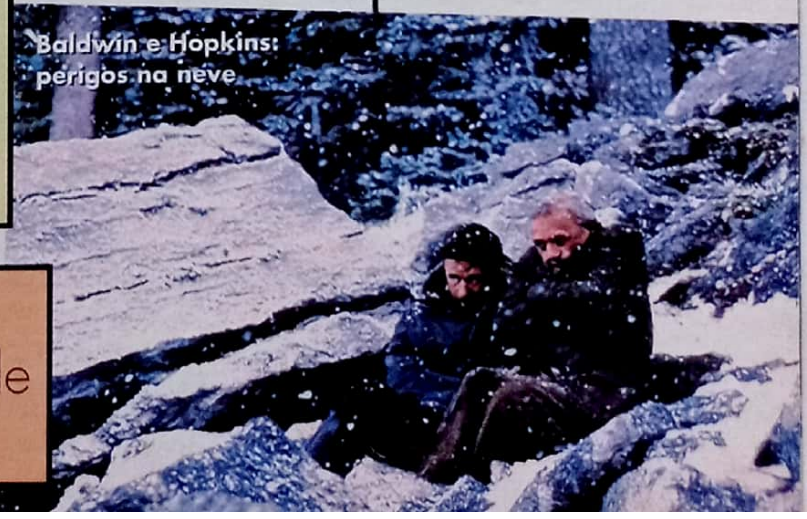
(The Edge, EUA, 1997) ***Direção****: Lee Tamahori.* ***Com*** *Anthony Hopkins, Alec Baldwin, Elle Macpherson, L.Q. Jones, Harry Perrineau Jr.*

Lee e Shaffer: casal em crise

TERAPIA DO PRAZER

Um filme como *Terapia do Prazer* não pode ser levado a sério. O diretor Lance Young pretendia fazer um profundo estudo sobre a sexualidade, mas derrapou num roteiro ridículo. É a história de um casal (Craig Sheffer e Sheryl Lee) que não consegue ser feliz no sexo. Eles encontram no misterioso Baltazar (Terence Stamp) o guru que os leva a "um nível superior de consciência sexual". O diretor conduz *Terapia do Prazer* como se estivesse dirigindo uma peça de escola, onde nem as cenas pretensiosamente "quentes" funcionam. O único a fazer alguma diferença é Terence Stamp, que consegue injetar em seu apático personagem um ar de sobriedade.

(Bliss, EUA, 1997) ***Direção****: Lance Young.* ***Com*** *Craig Sheffer, Sheryl Lee, Terence Stamp, Casey Siemaszko, Spalding Gray, Leigh Taylor Young, Lois Chiles, Pamela Perry. 103 min.*



Baldwin e Hopkins: perigos na neve

Em *A Ostra e o Vento*, Walter Lima Jr. mistura fantasia e realidade para fazer um filme emocionante

Dulce Damasceno de Brito

Clint Eastwood mira o seu futuro, que não tem lugar para descanso

O pessoal que foge do pijama

Clint Eastwood, Jack Lemmon e Lauren Bacall estão aí para provar que, em Hollywood, idade não é sinônimo de aposentadoria

A aposentadoria é uma palavra feia em Hollywood. Significa velhice ou falta de trabalho, duas coisas terríveis para os pavões que são os artistas de cinema. À exceção da divina sueca Greta Garbo – que se aposentou voluntariamente aos 36 anos, no apogeu da carreira – suas contemporâneas Bette Davis, Barbara Stanwyck e Joan Crawford trabalharam até morrer.

Hoje é mais difícil o artista antigo manter-se ativo devido à evolução do cinema, e muitos se afastaram por não haver mais espaço para os gêneros de filmes que os celebrizaram. Já não se produzem aqueles deliciosos musicais que encantavam os fãs de Doris Day ou Cyd Charisse, nem elas têm mais idade para interpretar as ingênuas mocinhas. Portanto, a solução é retirar-se da tela com a dignidade de Esther Williams ou conformar-se com papéis de mãe, como Debbie Reynolds nos recentes *Mother* e *In and Out*.

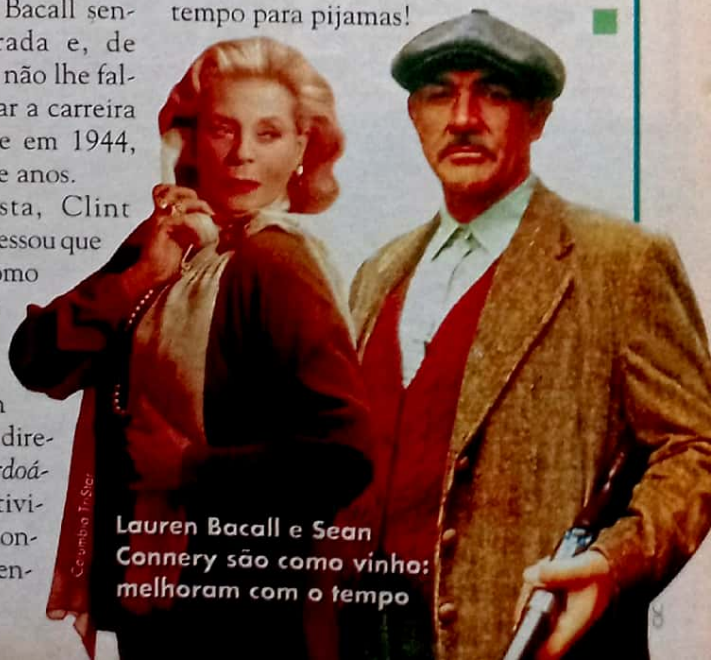
Por outro lado, há alguns sortudos que, apesar da idade, vêm conseguindo fugir do pijama e continuam tão ativos como nos tempos de jovens. Um dos melhores exemplos é o escocês Sean Connery, que completou 67 anos em 25 de agosto. Desde que desistiu de interpretar o agente 007, Sean não parou de trabalhar na mais incrível variedade de papéis. Havia sido recomendado pelo próprio escritor Ian Fleming para ser James Bond no cinema, e apresentou-se supercharmoso em meia dúzia de filmes, inclusive usando peruca para esconder a calvície precoce. Ao passar o personagem para Roger Moore, abdicou também de todos os artifícios inerentes a um galã. Assumiu a careca e acabou recebendo o Oscar de coadjuvante em 1987 por *Os Intocáveis*

A veterana Lauren Bacall – musa de Humphrey Bogart e uma das estrelas mais sexy de Hollywood – só foi reconhecida como atriz talentosa depois de septuagenária. Aos 72 anos, foi uma das finalistas ao Oscar de coadjuvante de 1996 pelo desempenho como a mãe de Barbra Streisand em *O Espelho Tem Duas Faces*. Embora fosse a favorita, perdeu para Juliette Binoche em *O Paciente Inglês*, mas a própria francesa pediu desculpas a Lauren pela injustiça. De qualquer maneira, Bacall sentiu-se honrada e, de agora em diante, não lhe faltarão papéis para continuar a carreira iniciada ao lado de Bogie em 1944, quando tinha apenas vinte anos.

Em recente entrevista, Clint Eastwood, de 67 anos, confessou que nunca trabalhou tanto como agora – nem nos agitados tempos dos spaghetti-westerns. Clint tornou-se diretor nos anos 70 e, em 1992, recebeu os Oscar de direção e de filme por *Os Imperdoáveis*. E, paralelamente às atividades cinematográficas, encontrou tempo para a política, sendo eleito em 1986 e reeleito em 1988 prefeito da pitoresca cidade californiana Carmel, onde hoje residem as aposentadas Doris Day e Kim Novak.

A caçula dos que se recusam a envergar o pijama é Vanessa Redgrave, de sessenta anos – que, aos quarenta, ganhou um Oscar por *Julia* e desde então vem fazendo um filme após outro. Também incansável, Shirley MacLaine resolveu virar diretora agora, aos 63 anos, rivalizando com as colegas mais jovens, Barbra Streisand e Jodie Foster.

Entre os homens, Jack Lemmon e Paul Newman – ambos com 72 anos – nem pensam em pendurar as chuteiras, tal a demanda por seus serviços. Lemmon continua hilariante, seja ao lado de James Garner em *Meus Queridos Presidentes*, seja com o velho amigo Walter Matthau em *Dois Rabugentos ao Mar*. E o eterno galã Paul Newman – ainda mais charmoso de cabelos brancos – já terminou de rodar *The Magic Hour*, com Susan Sarandon e Gene Hackman. Salve a terceira idade hollywoodiana, sem tempo para pijamas!

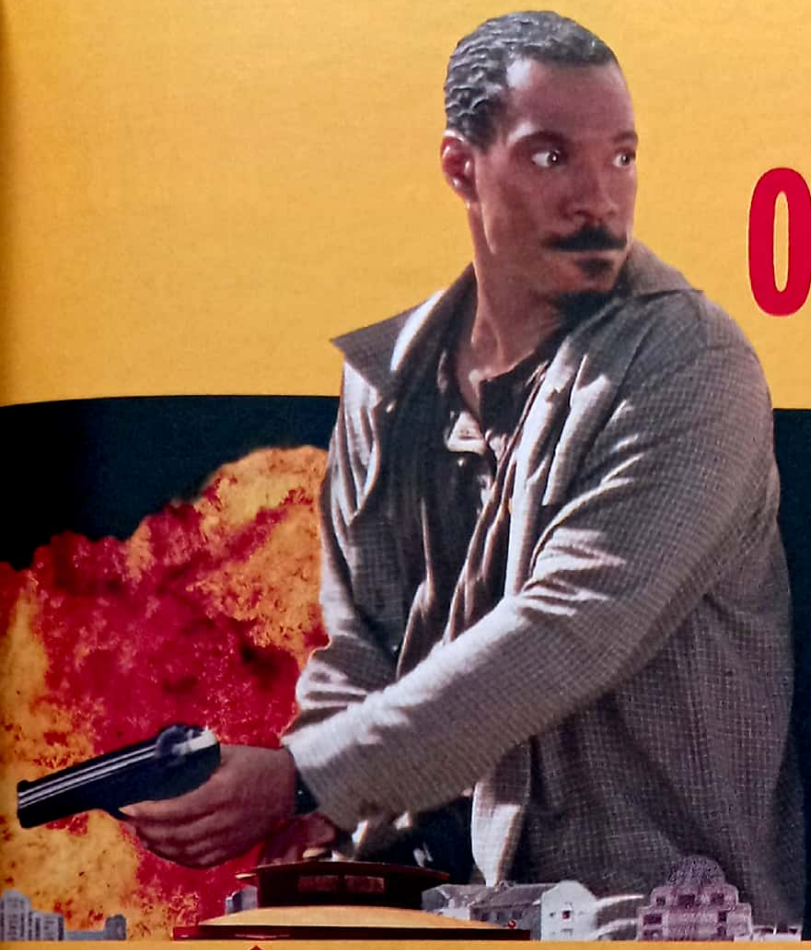


Lauren Bacall e Sean Connery são como vinho: melhoram com o tempo

EDDIE MURPHY

O NEGOCIADOR

(METRO)



ALUGUE ESTE FILME, EXIJA SEU CUPOM E PARTICIPE DA PROMOÇÃO "*O NEGOCIADOR* LEVA O CINEMA PARA SUA CASA".

CA/MJ/SDE/DPDC/Nº 01/917/97

VOCÊ PODE GANHAR UM CINEMA PARA SUA CASA.

Serão Sorteados 5 Home Cinema Philips

Essa fita você precisa alugar: *O NEGOCIADOR* é um filme com EDDIE MURPHY, que além de muita ação traz uma promoção com prêmios sensacionais para você: são 5 Home Cinema Philips. As sensações que você só poderia ter nos melhores cinemas do mundo, agora você poderá ter na sua casa.

Para participar é muito simples: basta alugar *O NEGOCIADOR*, pedir seu cupom, preencher todos os dados, devolver na própria locadora e ficar torcendo para ganhar.

Enquanto isso, você vê EDDIE MURPHY utilizando métodos nada convencionais para solucionar os casos mais impossíveis.

PASSE NA SUA LOCADORA E VEJA COMO PARTICIPAR.

TOUCHSTONE HOME VIDEO

PHILIPS

JÁ NA SUA LOCADORA

abril vídeo

© Touchstone Pictures

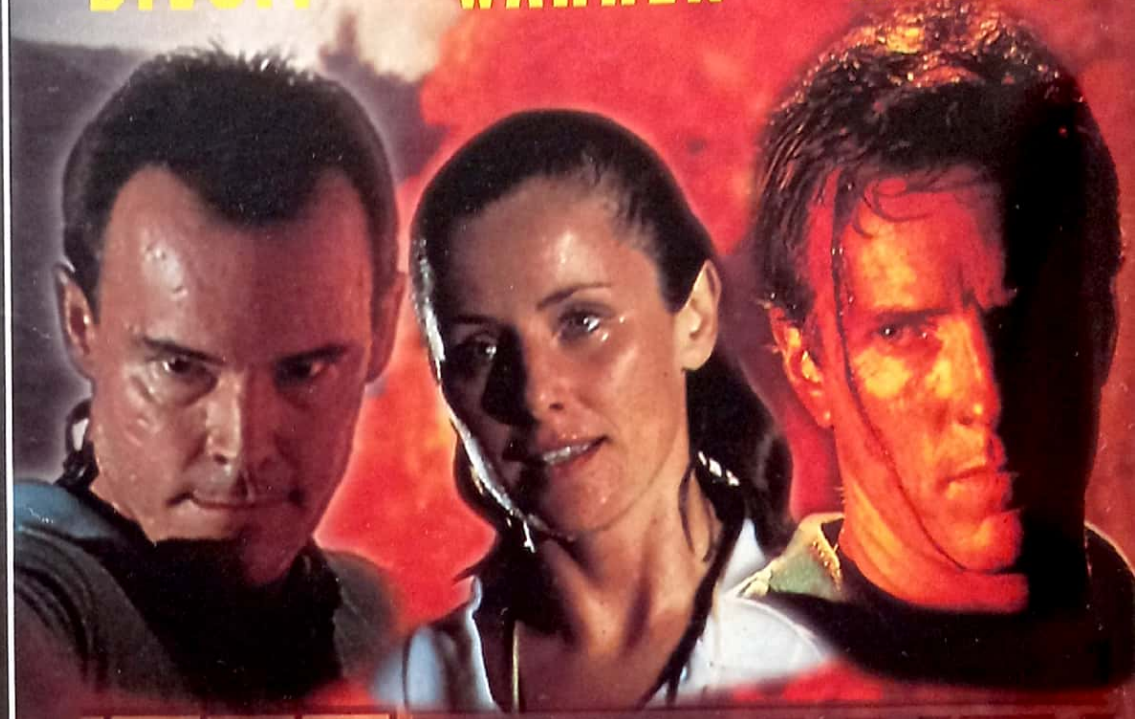
PROCURE NA SUA LOCADORA

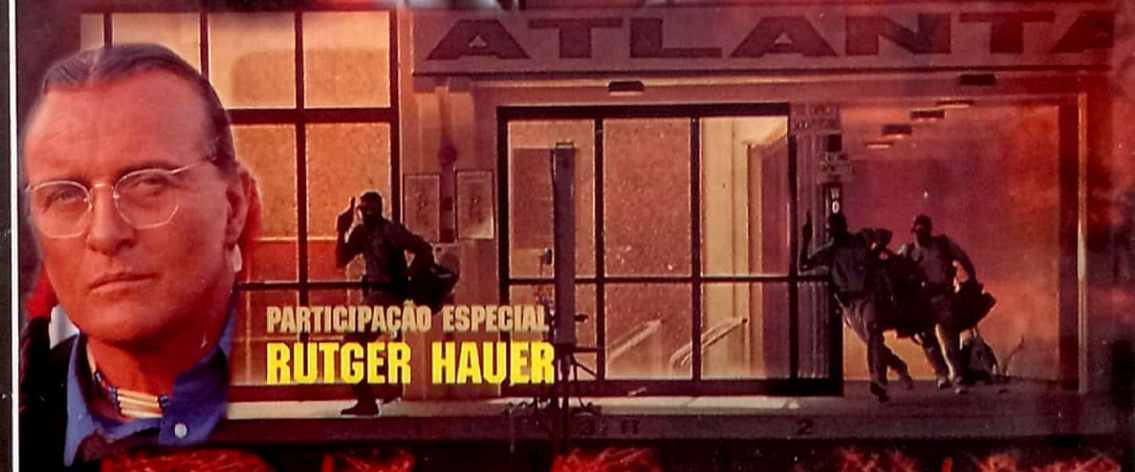
A história de ***BLAST*** foi escrita com base em arquivos do Federal Bureau Investigation (FBI), que recebeu durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados no ano passado, mais de vinte avisos de atentados terroristas aos atletas e autoridades presentes nos Estados Unidos para as festividades. Apenas um desses planos era verdadeiro e o FBI conseguiu, juntamente com policiais de outras partes do mundo, conter a ação dos terroristas. ***BLAST*** mostra exatamente, seguindo dados dos arquivos de segurança nacional, o que teria acontecido se o atentado não fosse descoberto a tempo.

ANDREW DIVOFF

KIMBERLY WARREN

LINDEN ASHBY





PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
RUTGER HAUER

BLAST

TERRORISMO EM ATLANTA

FILMWERKS e CALIFORNIA HOME VIDEO apresentam LINDEN ASHBY
ANDREW DIVOFF KIMBERLY WARREN em **BLAST-TERRORISMO EM ATLANTA**
com RUTGER HAUER TIM THOMERSON YOUJI OKUMOTO JILL PIERCE
NORBERT WEISSER TINA COTE VINCENT KLYN elenco TERI BLYTHE
som PATRICK M. GRIFFITH desenho de produção SHELLY BOIES
música TONY RIPARETTI edição TOM KARNOWSKI e GARY SCHMOELLER
escrito por HANNAH BLUE direção ALBERT PYUN

IMPERIAL ENTERTAINMENT

(c) 1996 - CRUEL STORIES, INC. - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CALIFORNIA HOME VIDEO

DUBLADO e LEGENDADO

VIDEO lançamentos

O casal Kathleen Quinlan e Kurt Russell teme o pior quando o seu carro quebra no meio do nada

Paris

BREAKDOWN
IMPLACÁVEL PERSEGUIÇÃO

Chega às locadoras uma das maiores surpresas do ano

Deve ser desesperador sentir-se encurralado em meio ao silêncio do deserto. O filme *Breakdown – Implacável Perseguição* trabalha com eficiência e objetividade um dos maiores medos do ser humano: o de se ver sozinho diante de uma situação de extremo perigo, além de incompreensível e inesperada. A frase de divulgação desta pequena grande surpresa acerta na mosca: "Isto pode acontecer com você". O espectador, intimidado com essa possibilidade, encolhe-se assustado em sua poltrona. Ponto para o diretor estreante em cinema Jonathan Mostow.

O filme é a prova inconteste de que Mostow sabia muito bem o que queria fazer com este trabalho. Dividindo o roteiro com Sam Montgomery, a partir de um argumento próprio, o diretor desenvolveu sem firulas nem frescuras uma trama simples, que prende a atenção da platéia, mas que em momento algum a surpreende com reviravoltas mirabolantes. A força de *Breakdown* não está em inúteis maneirismos narrativos. O sucesso da fita, que com certeza será uma campeã de locações, reside no simples fato de Mostow saber muito bem a melhor forma de contar a sua história: direta, sem gorduras.

A escolha de Kurt Russell para interpretar o personagem central foi extremamente feliz. Ator que apresenta doses iguais de galã e herói, ele está convincente como o protagonista que, felizmente, nunca é alçado à condição de super-homem. Ele é um cidadão comum e vulnerável que se muda, com a mulher, de Massachusetts para a Califórnia, em busca de um emprego que restaure a deficiente situação financeira do casal. Atravessando esperançosos as vastas paisagens desérticas do Sudoeste americano, eles rasgam *highways* em busca de um futuro melhor. Um quase acidente com uma caminhonete, porém, parece o prenúncio de um pesadelo que, sim, irá se concretizar.

A uma certa altura do trajeto, o carro de última geração quebra no meio do nada – um nada quente, seco, desolador. O motorista de um caminhão pára e se oferece para ajudá-los. Ele leva a mulher para um posto próximo, para que ela possa buscar ajuda. Ela desaparece. O americano comum personificado por Russell se vê, então, indefeso ante uma incógnita. O clichê funciona: a câmera se distancia e sobe, mostrando o marido perplexo e pequeno diante de fatos que escapam ao seu controle.

A partir daí, o filme não pára. É ação física e suspense para ninguém botar defeito. Mostow sabe filmar situações-limite no meio da estrada e, melhor ainda, em constante movimento. A música tensa de Basil Poledouris deixa o espectador ainda mais nervoso e inquieto. *Breakdown* é uma catarse de primeira linha. O filme recupera o prazer de ir ao cinema (ou de alugar um vídeo). O que, convenhamos, não é pouco para os dias de hoje.

Christian Petermann

★★★★

(Breakdown, EUA, 1997) Direção: Jonathan Mostow. Com Kurt Russell, J.T. Walsh, Kathleen Quinlan, M.C. Gainey, Jack Noseworthy. 95 min. Paris.

VIDEOlançamentos

O teólogo: apocalipse já

TERROR

O DIA DA BESTA

★★★

(El Dia de la Bestia, Espanha, 1995) **Direção**: *Alex de la Iglesia.* **Com** *Alex Angulo, Armando de Razza, Santiago Segura, Terele Pavez, Nathalie Seseña, Maria Grazia Cucinotta, Saturnino Garcia. 103 min. Cannes.*

A HISTÓRIA Depois de passar 25 anos estudando o Apocalipse segundo São João, um catedrático de teologia está convencido de que o anticristo nascerá no dia de Natal daquele ano – ou seja, no dia seguinte. Ele vai a Madri e começa a cometer vários atos de maldade para chamar a atenção do demônio. Ele tenta invocá-lo para assim o destruir. Conta com a ajuda do dono de uma loja de discos heavy metal e com um falso guru de TV.

O COMENTÁRIO Alex de la Iglesia (de *Ação Mutante*) realiza um terrir (terror com humor negríssimo) sádico e perturbador. Amantes da cultura trash não podem perder esta brincadeira de muito mau gosto. A história pode tanto ser um grande delírio – a uma certa altura, o trio de protagonistas toma ácido –, quanto uma parábola sobre a decadência da sociedade espanhola, representada aqui por um grupo terrorista de nome Limpa Madri.

Christian Petermann

O escritor: delirando na neve

TERROR

O ILUMINADO

★★★

(Stephen King's The Shining, EUA, 1997) **Direção**: *Mick Garris.* **Com** *Steven Weber, Rebecca de Mornay, Courtland Mead, Melvin van Peebles, Wil Horneff, Elliott Gould, Pat Hingle. 269 min. Warner.*

A HISTÓRIA O escritor Jack Torrance está lutando para deixar de ser alcoólatra. Depois de perder seu último emprego, ele aceita trabalhar como zelador no Hotel Overlook, que durante o inverno é desativado por ficar isolado em meio a violentas nevascas. Ele se muda para lá com a mulher e o filho sensitivo, pensando em usar o tempo livre para escrever um livro. O hotel, porém, é assombrado, o que coloca a sanidade de Jack em risco.

O COMENTÁRIO Minissérie escrita e co-produzida pelo próprio Stephen King – que faz uma ponta –, o que garante total fidelidade ao romance original. A primeira metade é muito boa, construindo o clima fantasmagórico de forma tão eficiente a ponto de superar o filme de Stanley Kubrick. Mas a duração excessiva e o clímax descontrolado enfraquecem o conjunto. Steven Weber não é Jack Nicholson, mas dá conta do recado.

Christian Petermann

AVENTURA

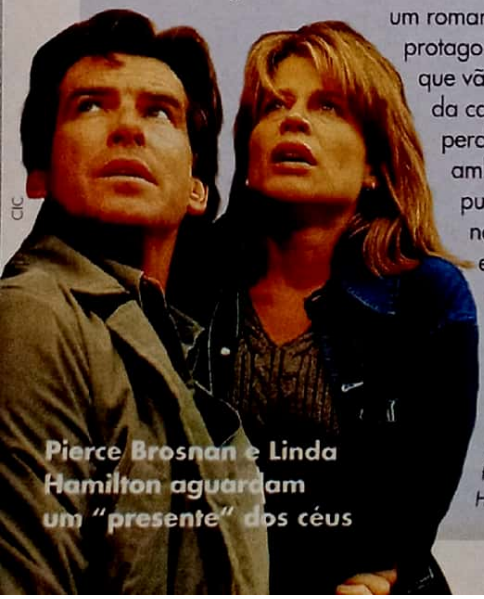
O INFERNO DE DANTE

★★★

Moda nos anos 70, o cinema-catástrofe ganha agora novo fôlego graças aos avanços tecnológicos. Fiel às principais características do gênero, *O Inferno de Dante* não apresenta um roteiro criativo, personagens marcantes ou densidade dramática. O lance é ficar embasbacado com o competente show de efeitos visuais. Quatro anos depois de perder a noiva, um geólogo (Pierce Brosnan) chega à pequena e paradisíaca Dante's Peak para checar as condições de um vulcão no local. Seu diagnóstico é dramático. Ao tentar convencer a prefeita (Linda Hamilton, de *O Exterminador do Futuro*) a evacuar a cidade antes que o vulcão entre em erupção, ele é recebido com descaso por empresários e moradores gananciosos. Não faltam os clichês do gênero: um romance descabido entre os protagonistas, os filhos da prefeita que vão salvar a avó minutos antes da catástrofe, o cachorro que se perde em meio à tragédia, os ambiciosos de plantão que são punidos pelas intempéries da natureza. Mas, com brilhantes efeitos especiais, trata-se de um entretenimento com satisfação garantida.

Miguel Barbieri Jr.

(Dante's Peak, EUA, 1997) **Direção**: *Roger Donaldson.* **Com** *Pierce Brosnan, Linda Hamilton, Charles Hallahan, Grant Heslov, Elizabeth Hoffman, Jeremy Foley. 108 min. CIC.*



Pierce Brosnan e Linda Hamilton aguardam um "presente" dos céus

TERROR

INFIDELIDADES MACABRAS

★★

(Vault of Horror 2, EUA, 1991) **Direção**: *Michael J. Fox, Russell Mulcahy, William Friedkin.* **Com** *Michael J. Fox, Teri Garr, Bruno Kirby, Bruce McGill, Bill Wirth, Brion James, Tia Carrere, Paul Hipp, Yul Vasques. 80 min. Mundial.*

A HISTÓRIA Reunião de três contos de horror. No primeiro, "A Armadilha", um desempregado forja a própria morte para ganhar o dinheiro do seguro, mas o tiro sai pela culatra; em "O Último Segundo", um marido ciumento provoca a ira e a vingança dos empregados por causa de sua desconfiança doentia; e, em "A Tatuagem", um roqueiro arranca a própria pele para se libertar da influência de uma tatuagem indesejada.

O COMENTÁRIO Mais uma fita com episódios da telessérie produzida por Richard Donner, Robert Zemeckis e Walter Hill em homenagem aos filmes de horror dos anos 40 e 50. Apresentados por um sádico esqueleto, os episódios têm direção de veteranos, como William Friedkin (*O Exorcista*) e Russell Mulcahy (*Highlander*), e marcam ainda a estréia como diretor de Michael J. Fox. Apenas Friedkin eleva a tensão ao máximo.

Fátima Gigliotti

FICÇÃO

A PASSAGEM

★★ INÉDITO NO CINEMA

(Crossworlds, EUA, 1996) **Direção**: *Krishna Rao.* **Com** *Rutger Hauer, Josh Charles, Stuart Wilson, Andrea Roth, Perry Anzilotti, Jack Black. 92 min. Alpha.*

Alpha

Dimensões paralelas: baderna

A HISTÓRIA Depois de conhecer uma bela mulher em uma festa, o universitário Joe Talbot é estranhamente arremessado em outra dimensão e se torna essencial para devolver o equilíbrio ao universo. Para ajudá-lo em sua perigosa jornada, ele conta com a ajuda do mercenário A.T. e da bela guerreira Laura. A chave para determinar o vencedor do conflito é um cristal que pertenceu ao pai de Joe, objeto cobiçado por um perigoso vilão.

O COMENTÁRIO Pobre Rutger Hauer – após o já clássico *A Morte Pede Carona*, sua carreira praticamente escorreu pelo ralo. Agora ele precisa fazer estas bombas para garantir a hipoteca. *A Passagem*, apesar de conseguir mostrar uns cinco minutos de trama, cai logo em seguida na mesma vala comum de incontáveis filmes de ficção que infestam as prateleiras das locadoras. Os efeitos são bons, mas não seguram o roteiro.

Roberto Sadovski

FICÇÃO

O QUINTO ELEMENTO

★★★

Luc Besson tinha dezesseis anos quando concebeu *O Quinto Elemento*. Um par de décadas e alguns bons filmes depois, o diretor francês colocou sua visão do bem e do mal nas telas, e o resultado é uma farra visual conduzida por um fiapo de história. *O Quinto Elemento* é, assumidamente, fruto da imaginação de um moleque obcecado pela ficção científica ianque e por quadrinhos – não é à toa que o desenhista Moebius é um dos responsáveis pela concepção visual do filme. Besson mistura em um mesmo caldeirão a fórmula de *Guerra nas Estrelas* e até mesmo a de *Blade Runner*, mas consegue escapar com uma idéia original: Bruce Willis é Korben Dallas, um motorista de táxi de uma espantosa Nova York futurista que é literalmente arremessado no meio de um conflito entre o bem e o mal. Para impedir que uma força maligna destrua o universo, ele precisa encontrar o quinto elemento do título, que aparece na forma de um alienígena reconstruído no corpo de uma bela mulher (Milla Jovovich, gatíssima). No mais, o diretor segue a cartilha de tiros e explosões dos arrasa-quarteirões americanos, mas aposta em um humor quase pastelão – representado pelo vilão Gary Oldman e pelo irritante Chris Tucker – para dar molho à sua história em quadrinhos de celulóide. *O Quinto Elemento* não vai mudar a vida de ninguém, mas garante duas horas de visual deslumbrante e boas risadas. Desligue o cérebro e divirta-se.

Roberto Sadovski

(The Fifth Element/Le Cinquième Élément, França, 1997) **Direção**: *Luc Besson.* **Com** *Bruce Willis, Gary Oldman, Milla Jovovich, Ian Holm, Chris Tucker, Luke Perry, Brion James, Tricky, John Neville, Mathieu Kassovitz. 127 min. Columbia TriStar.*

Bruce Willis usa todo o sangue-frio típico de um taxista de Nova York para encarar os alienígenas

Columbia TriStar

COMÉDIA

O MENTIROSO ★★★

Depois do fracasso da bizarra comédia de humor negro *O Pentelho*, os produtores devem ter se perguntado se Jim Carrey valia mesmo o astronômico cachê de vinte milhões de dólares. A resposta veio com o seu filme mais simpático até hoje: *O Mentiroso*, a segunda parceria do astro com Tom Shadyac, o diretor de *Ace Ventura – Um Detetive Diferente*. A comédia arrancou gargalhadas tanto do público que lotou os cinemas quanto dos chefões da Universal, que ficaram muito satisfeitos com os 44 milhões de dólares arrecadados no primeiro fim de semana de exibição nos Estados Unidos, a melhor bilheteria no feriado de Páscoa de todos os tempos. Não faltam aqui as caretas típicas de Carrey, mas ele desta vez explora também o seu lado dramático, provocando até lágrimas em espectadores mais sensíveis. Ele é Fletcher Reede, um advogado ambicioso com um suspeito código de ética: no tribunal, a verdade é negociável. Se as mentiras deslavadas o tornam popular no trabalho, em família o jogo é outro. Cansado de ouvir as desculpas esfarrapadas que Fletcher inventa para explicar atrasos e ausências nos compromissos, seu filho deseja, como presente de aniversário, que o pai só fale a verdade por 24 horas. Acostumado a dizer às pessoas o que elas querem ouvir, Fletcher entra em parafuso quando a verdade emerge de sua boca descontroladamente. É hilária a cena em que ele segura uma caneta azul e tenta de todas as formas dizer que ela é vermelha. Isso é o que se pode chamar de volta por cima.

Suzana Uchôa Itiberê

(Liar Liar, EUA, 1997) **Direção**: *Tom Shadyac.* **Com** *Jim Carrey, Maura Tierney, Justin Cooper, Jennifer Tilly, Swoosie Kurtz, Amanda Donohoe, Cary Elwes, Anne Haney, Mitchell Ryan, Randall (Tex) Cobb. 86 min. CIC.*

CIC

Não basta ser pai, tem que falar a verdade

ROMANCE

CONFISSÕES DE UM APAIXONADO

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Things I Never Told You, EUA/Espanha, 1996) **Direção**: *Isabel Coixet.* **Com** *Lili Taylor, Andrew McCarthy, Debi Mazar, Alexis Arquette, Leslie Mann, Richard Edson, Seymour Cassel. 93 min. Look.*

A HISTÓRIA Uma jovem se muda para uma cidade pequena e trabalha como vendedora numa loja de máquinas fotográficas e de vídeo para ficar ao lado do namorado jornalista. Durante uma viagem ao Leste Europeu, ele termina a relação por telefone. O mundo da jovem desaba. É quando estranhos personagens cruzam o seu caminho, como o vizinho apaixonado por ela e um voluntário de uma linha telefônica de valorização à vida.

O COMENTÁRIO Esta estréia da diretora/roteirista espanhola Isabel Coixet segue a cartilha do atual cinema independente americano – o diálogo substitui a ação, e a história é estruturalmente livre, marcada por acasos e coincidências. Apesar de a discussão sobre a falta de rumos do ser humano moderno beirar a pretensão, o filme conquista o espectador graças ao seu elenco, em especial Debi Mazar como um transexual.

Christian Petermann

PlayArte

Aiello e Mantegna: mafiosos

DRAMA

O ÚLTIMO CHEFÃO

★★

(The Last Don, EUA, 1997) ***Direção:*** *Graeme Clifford.* ***Com*** *Danny Aiello, Joe Mantegna, Daryl Hannah, Jason Gedrick, Kirstie Alley, Penelope Ann Miller, Burt Young, k. d. lang. 149 min. PlayArte.*

A HISTÓRIA Don Domenico Clericuzio é o patriarca de uma poderosa família mafiosa da Costa Leste dos EUA. Um sangrento acerto de contas com um clã rival marca o início de uma movimentada saga, na qual, durante mais de trinta anos, irmãos, filhos, netos e primos alternam-se no poder, destruindo-se sem piedade. Cassinos e até Hollywood fazem parte das negociatas, que são mais importantes do que os sentimentos e as paixões.

O COMENTÁRIO Baseada em obra de Mario Puzo (da trilogia *O Poderoso Chefão*) e com um ótimo elenco, que inclui o brasileiro Bruno Campos (*O Qu4trilho*), esta história de mafiosos e seus nada sutis métodos profissionais é um novelão em que sangue, sexo e ódio promovem uma alquimia que prende a atenção. Apesar dos clichês e da inevitável comparação com os filmes de Francis Coppola, o resultado é passável.

Augusto Morante Neto

ROMANCE

UM DIA ESPECIAL

★★★

Abril/Fox

Michelle Pfeiffer e George Clooney curtem um raro momento a dois

Há muito que o cinema devia ao espectador uma comédia romântica como esta, capaz tanto de fazer rir quanto de provocar reflexão sobre uma questão comum nas grandes cidades: conciliar a atividade profissional com a educação dos filhos. Este problema, ainda maior quando os pais são separados, afeta a arquiteta Melanie (Michelle Pfeiffer), que tem de levar o filho (Alex D. Linz, impagável em sua predatória inocência) a um passeio de barco. O mesmo ocorre com o jornalista Taylor (George Clooney, fazendo o público feminino suspirar) em relação à filha (Mae Whitman). Ambos, porém, acabam perdendo o barco e, por isso, precisam resolver os compromissos de trabalho na companhia das respectivas crianças. Com eficiente delicadeza, o diretor Michael Hoffman (de *O Outro Lado da Nobreza*) enfatiza no par central as carências amorosas e o poder de suas vaidades profissionais atuando em detrimento das exigências afetivas dos filhos.

Alfredo Sternheim

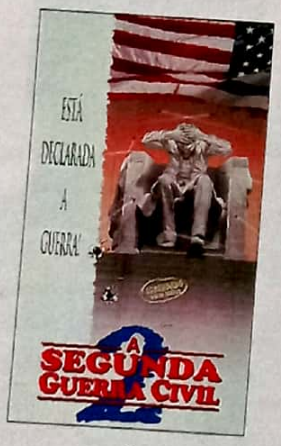
(One Fine Day, EUA, 1996) ***Direção:*** *Michael Hoffman.* ***Com*** *Michelle Pfeiffer, George Clooney, Mae Whitman, Alex D. Linz, Charles Durning, Jon Robin Baitz, Ellen Greene, Joe Grifasi, Sheila Kelley, Robert Klein, George Martin. 108 min. Abril/Fox.*

COMÉDIA

A SEGUNDA GUERRA CIVIL

★★★

(The Second Civil War, EUA, 1997) ***Direção:*** *Joe Dante.* ***Com*** *Beau Bridges, Dan Hedaya, Elizabeth Peña, James Coburn, James Earl Jones, Denis Leary, Phil Hartman, Kevin Dunn, Ron Perlman, Joanna Cassidy. 96 min. Warner.*



A HISTÓRIA Em um "futuro próximo", o governador de Idaho proíbe a entrada em seu Estado de um grupo de crianças paquistanesas levado aos EUA por uma ONG. Demagogo e inseguro, o presidente norte-americano é aconselhado por assessores a intervir no caso, ameaçando invadir Idaho com tropas federais se o governador – às voltas também com uma amante, repórter de uma emissora de TV – não reabrir as fronteiras.

O COMENTÁRIO Filme para TV a cabo produzido por Barry Levinson (de *Rain Man*) e apresentado como se fosse uma cobertura jornalística feita por uma emissora (uma sátira à CNN). Políticos, repórteres e marqueteiros são as vítimas preferenciais das caricaturas presentes nesta comédia de humor negro. Enquanto mantém o compromisso com a farsa, o filme diverte; ele derrapa, porém, quando se leva a sério demais.

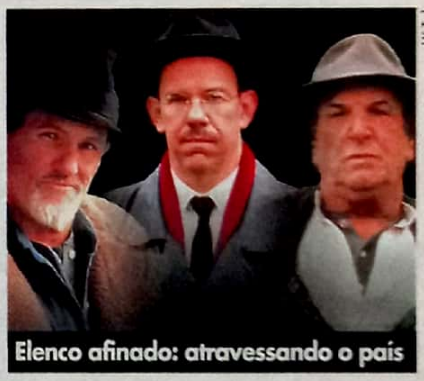
Sérgio Rizzo

AVENTURA

IRMÃOS SEM DESTINO

★★★

(Brothers' Destiny, EUA, 1996) ***Direção:*** *Dean Hamilton.* ***Com*** *Will Estes, Keegan Macintosh, Charles Martin Smith, Danny Aiello, Kris Kristofferson, Mickey Rooney, Dee Wallace Stone, Robert Prosky. 100 min. LK-Tel.*


LK-Tel

Elenco afinado: atravessando o país

A HISTÓRIA Com a morte dos pais, Michael e John são enviados a um orfanato em Nova York. Certo dia, Michael acorda e descobre que o seu irmão menor foi adotado por uma rica viúva. Ele resolve resgatá-lo para fugirem até Omaha, do outro lado do país. Lá esperam encontrar a famosa Cidade dos Meninos, onde seriam acolhidos pelo padre Flanagan. Uma equipe de renomados detetives, porém, é contratada pela viúva para encontrá-los.

O COMENTÁRIO A almejada Cidade dos Meninos é a instituição para delinqüentes juvenis onde o então garoto Mickey Rooney morava no clássico *Com os Braços Abertos*. Spencer Tracy levou o Oscar pelo papel do padre Flanagan, que agora é vivido por Rooney. Com um elenco afinado – destaque para Danny Aiello como o líder dos mendigos –, este delicado filme à moda antiga só carece de atores mirins mais experientes.

Suzana Uchôa Itiberê

VIDEOlançamentos

Robin e sua irmã: tristeza

DRAMA

CRIME PASSIONAL

★★ INÉDITO NO CINEMA

(Loved, EUA, 1997) ***Direção:*** *Erin Dignam.* ***Com*** *Robin Wright Penn, William Hurt, Amy Madigan, Joanna Cassidy, Sean Penn, Lucinda Jenney, Paul Dooley, Anthony Lucero, Jennifer Rubin. 109 min. PlayArte.*

A HISTÓRIA Uma jovem corre para a estrada após uma briga amorosa, é atropelada e morre. Como ela não é a primeira namorada do rapaz a se comportar de forma suicida, um promotor leva o sujeito a julgamento por homicídio involuntário. Entre as testemunhas está uma outra moça que também tentou se matar ao fim de seu romance com o réu. Só que ela recusa o papel de vítima, insistindo que os espancamentos domésticos eram, para ela, sinal de amor.

O COMENTÁRIO Sombrio e árduo em seus silêncios e diálogos quase literários, este filme é um teste à concentração do espectador. Mas pode compensar, especialmente na maneira como o sofrido promotor William Hurt tenta entender por que Robin Wright Penn, uma moça instruída e coerente, nega ter sido vítima da violência de seu namorado. Sean Penn participa apenas da cena inicial, travando um insólito diálogo com Hurt.

Isabela Boscov

Retrato de família: traumas

DRAMA

ARMADILHA SELVAGEM

★★★

(In the Gloaming, EUA, 1997) ***Direção:*** *Christopher Reeve.* ***Com*** *Glenn Close, Robert Sean Leonard, David Strathairn, Bridget Fonda, Whoopi Goldberg. 61 min. Warner.*

A HISTÓRIA Danny é um jovem que está para completar trinta anos. Ele retorna à casa dos pais, que fica em um local idílico, para passar os seus últimos dias de vida. Danny se distanciou da família quando foi rejeitado por ser homossexual e agora precisa redescobrir como se relacionar com os parentes. Já bastante fragilizado em decorrência da Aids, ele aproveita o tempo que lhe resta para se reaproximar da mãe.

O COMENTÁRIO Christopher Reeve pisou em terreno seguro em sua estréia na direção: o roteiro é simples e enxuto. Isso não diminui os méritos do diretor novato, que se revela sensível e atencioso com os atores. Quem se destaca, no conjunto harmonioso, é Glenn Close, numa das melhores interpretações de sua carreira. Belo melodrama, que terá problemas nas locadoras por causa do título imbecil que recebeu por aqui.

Christian Petermann

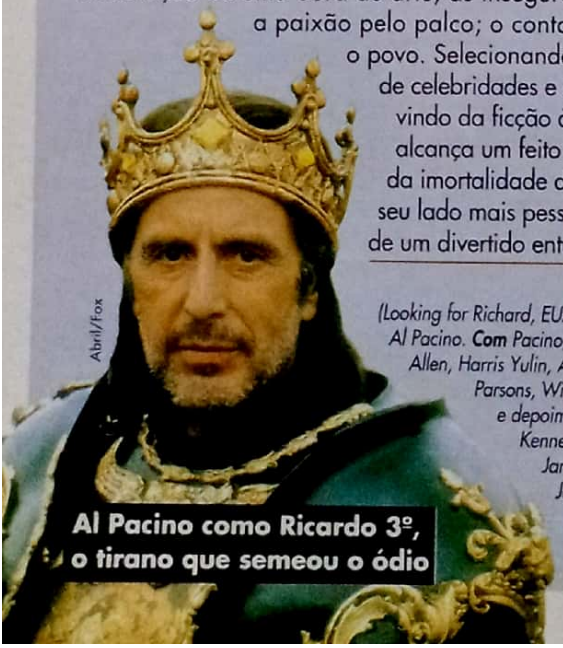
DOCUMENTÁRIO

RICARDO 3º

★★★★

É difícil imaginar um professor mais eloqüente e passional que Al Pacino para uma aula sobre William Shakespeare. Nesta admirável estréia na direção, Pacino se apresenta tanto como um reles mortal, admirador apaixonado da obra do bardo, quanto como um ícone imortal, um ator maiúsculo interpretando o personagem principal da peça mais encenada de Shakespeare, *Ricardo 3º*. O filme não é apenas o registro dos ensaios da peça intercalado com cenas-chave da mesma. Pacino desnuda a alma do artista e coloca em pauta vários temas importantes: a relevância da obra de Shakespeare; como fazer com que o seu trabalho se comunique com o público moderno; a importância da troca de idéias na elaboração de uma obra de arte; as inseguranças da criação; a paixão pelo palco; o contato direto com o povo. Selecionando depoimentos de celebridades e anônimos, indo e vindo da ficção à realidade, Pacino alcança um feito raro: ao falar da imortalidade da arte, ele revela seu lado mais pessoal e humano – o de um divertido entusiasta das idéias.

Christian Petermann



Al Pacino como Ricardo 3º, o tirano que semeou o ódio

(Looking for Richard, EUA, 1996) ***Direção:*** *Al Pacino.* ***Com*** *Pacino, Kevin Spacey, Penelope Allen, Harris Yulin, Alec Baldwin, Estelle Parsons, Winona Ryder, Aidan Quinn e depoimentos de, entre outros, Kenneth Branagh, Kevin Kline, James Earl Jones, Derek Jacobi, John Gielgud e Vanessa Redgrave. 109 min. Abril/Fox.*

DRAMA

COBAIAS

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Miss Evers' Boys, EUA, 1997) ***Direção:*** *Joseph Sargent.* ***Com*** *Alfre Woodard, Laurence Fishburne, Craig Sheffer, Joe Morton, Obba Babatunde, E.G. Marshall, Ossie Davis. 118 mins. Warner.*

A HISTÓRIA Na década de 30, no longínquo e racista Sul dos EUA, um programa do governo é colocado em prática para estudar e combater uma epidemia de sífilis, que havia se disseminado entre os homens negros. A enfermeira Eunice se apaixona por um dos pacientes. Ela passa a enfrentar dilemas morais e éticos quando o programa é transformado em um estudo científico, sem qualquer preocupação com a cura em si.

O COMENTÁRIO Neste filme para TV a cabo, que foi dirigido de forma segura e que conta com uma excelente reconstituição de época, o drama do racismo escapa aos clichês do gênero. Aqui, o destaque vai para o instigante conflito ético e científico – até onde vai a racionalidade médica, e onde começa o descaso pela vida humana? Esse drama de primeira nos presenteia ainda com um elenco de tirar o fôlego.

Augusto Morante Neto

Judeus perseguidos: horror

DRAMA

CORAGEM E ESPERANÇA

★★★★ INÉDITO NO CINEMA

(The Island on Bird Street, Dinamarca/Inglaterra/Alemanha, 1996) **Direção**: Søren Kragh-Jacobsen. **Com** Patrick Bergin, Jordan Kiziuk, Jack Warden, Simon Gregor, Suzanna Hamilton. 106 min. PlayArte.

A HISTÓRIA Em janeiro de 1943, o garoto Alex vive com o pai e o tio em um gueto judeu na Polônia ocupada pelos alemães. As tropas nazistas, porém, os localizam e, de forma brutal, os aprisionam para serem enviados a um campo de concentração. Alex consegue fugir e se esconde no gueto, certo do retorno de seu pai. Na companhia apenas de um ratinho de estimação, ele enfrenta a fome e várias situações de perigo.

O COMENTÁRIO Assim como *O Diário de Anne Frank*, este é mais um notável filme sobre os horrores impostos às crianças e aos adolescentes durante a Segunda Guerra. Triste e sombria, mas sem apelar para a pieguice ou para diálogos discursivos, a obra conta com uma direção despojada e segura, que registra o desamparo e a tensão que cercam a estóica e solitária jornada de Alex (Jordan Kiziuk, perfeito).

Alfredo Sternheim

DRAMA/COMÉDIA

O POVO CONTRA LARRY FLYNT

★★★★★

As feministas americanas odiaram, e não é para menos: aqui o herói é um dos pais da pornografia, fundador e editor até hoje da revista barra-pesadíssima *Hustler*. Mas, se Larry Flynt nunca deixou de explorar o sexo, como ele pode ser um herói? A resposta chega cheia de sátira e honestidade no último filme do diretor Milos Forman. Apesar de seu facilmente condenável ganha-pão, Flynt empenhou sua vida, saúde, dinheiro e energia para provar nos tribunais que a Primeira Emenda da Constituição americana, aquela que garante a liberdade de expressão, vale igualmente para quem quer expor escândalos políticos e para quem deseja apenas exprimir seu mau gosto – a categoria em que ele se encaixa. "Se a Primeira Emenda protege um canalha como eu, ela vai proteger todos vocês, porque eu sou o pior", bradava o irreprimível Flynt, cheio de razão. Razão que, afinal, lhe foi concedida pela Suprema Corte, numa decisão que mudou muito (e para melhor) a história da imprensa nos Estados Unidos. *Larry Flynt*, o filme, tira de cena a vulgaridade da *Hustler* para ser mais fiel à figura de seu editor. Ora cômico, ora trágico, sempre visceral, o filme é um ataque frontal à hipocrisia e uma reafirmação muito oportuna de que os valores defendidos por Flynt são ainda hoje absolutos: por mais que os moralistas insistam em afirmar o contrário, a verdade realmente não tem dono.

Isabela Boscov

(The People vs. Larry Flynt, EUA, 1996) **Direção**: Milos Forman. **Com** Woody Harrelson, Courtney Love, Edward Norton, James Cromwell, Crispin Glover, James Carville, Brett Harrelson, Donna Hanover, Vincent Schiavelli, Larry Flynt. 129 min. Columbia TriStar.

Woody Harrelson dá apoio à sua mulher, a tresloucada Courtney Love. Em destaque, as duas versões do pôster de divulgação; a do alto foi proibida nos EUA

Murphy: um ator em apuros

Abril

AÇÃO

O NEGOCIADOR

★★

(Metro, EUA, 1997) **Direção**: *Thomas Carter.* **Com** *Eddie Murphy, Michael Rapaport, Michael Wincott, Carmen Ejogo, Art Evans, Denis Arndt, Kim Miyori, Paul Ben-Victor. 116 min. Abril.*

A HISTÓRIA Especialista em negociar reféns com seqüestradores, o policial Scott Roper muda de área quando o seu velho parceiro é assassinado. Decidido a colocar o criminoso atrás das grades, ele conta com a ajuda de um novato atirador da SWAT para perseguir um traficante de jóias. Depois de conseguir capturá-lo, Scott passa a receber ameaças do assassino, que quer acertar as contas. O confronto será adrenalina pura.

O COMENTÁRIO Depois do sucesso de O *Professor Aloprado*, esperava-se que Eddie Murphy voltasse às telas com o mesmo fôlego. É difícil imaginar, portanto, como ele não percebeu o fiasco que viria pela frente com este policial sem um pingo de humor. O roteiro medíocre e as lamentáveis cenas de perseguição (nas indefectíveis ladeiras de São Francisco) só não incomodam mais que o Taiti *fake* da cena final.

Miguel Barbieri Jr.

Alan Alda e Wesley Snipes conversam sobre complôs e suspeitas

Warner

POLICIAL

CRIME NA CASA BRANCA

★★★

O ator Wesley Snipes se deu bem quando fez este eficiente thriller político. *Crime na Casa Branca* chegou aos cinemas americanos dois meses depois de *Poder Absoluto*, o filme de Clint Eastwood que possui um tema parecido. Com menos pretensão e mais tensão, o filme de Snipes ganha na comparação. Uma bela funcionária do governo americano é encontrada assassinada em um banheiro da Casa Branca. Para investigar o caso é designado o detetive Harlan Regis (Snipes), que encontra evidências contra o presidente (Ronny Cox) e seu filho (Tate Donovan). Auxiliado por uma agente do Serviço Secreto (Diane Lane), Regis descobre um grande complô para derrubar o líder da nação mais poderosa do mundo – o que pode lhe custar a vida. *Crime na Casa Branca* só escorrega no final, apelando para clichês imperdoáveis, como quando o detetive invade a Casa Branca e se disfarça de zelador. Nada, porém, que chegue a estragar o programa.

Roberto Sadovski

(Murder at 1600, EUA, 1997) **Direção**: *Dwight Little.* **Com** *Wesley Snipes, Diane Lane, Daniel Benzali, Dennis Miller, Alan Alda, Ronny Cox, Tate Donovan, Diane Baker. 107 min. Warner.*

James e a joaninha: rumo a NY

INFANTIL

JAMES E O PÊSSEGO GIGANTE

VENDA DIRETA

★★★★

(James and the Giant Peach, EUA, 1996) **Direção**: *Henry Selick.* **Com** *Paul Terry, Miriam Margolyes, Joanna Lumley, Pete Postlethwaite. 80 min. Abril.*

A HISTÓRIA James, um garoto inglês, sonha conhecer Nova York. Órfão, ele vive escravizado por suas malvadas tias. Tudo vai mal até o dia em que um senhor misterioso lhe dá um pacote cheio de línguas de crocodilo. Graças a elas, um pêssego gigante cresce no quintal da casa das tias. O pêssego ajudará James a realizar o seu sonho, na companhia de um gafanhoto, uma joaninha, um vagalume, uma aranha, uma minhoca e uma centopéia.

O COMENTÁRIO Henry Selick, de O *Estranho Mundo de Jack*, realizou outra maravilha em *stop-motion*, a técnica de filmar bonecos mudando sua posição quadro a quadro. A história de Roald Dahl (o mesmo autor de *Matilda*) foi suavizada pela Disney, mas contém os elementos extraordinários, perversos e deliciosos das fábulas antigas. A dublagem em português encobre as vozes de Richard Dreyfuss (a centopéia) e Susan Sarandon (a aranha).

Marcos Smirkoff

PARA O DIA DAS CRIANÇAS

A garotada que gosta de curtir uma sessão de vídeo tem bons motivos para comemorar o 12 de outubro. Há três ótimas opções colocadas para venda direta e que incrementam qualquer videoteca que se preze. Inédito nos cinemas brasileiros, *Os Muppets na Ilha do Tesouro* (1996) garante boas risadas com a turma de Caco e Miss Piggy, que vive as clássicas aventuras do romance de Robert Louis Stevenson. É a produção mais rica que a turma já estrelou. Outro título é o belo desenho *Balto* (1995), produzido por Steven Spielberg, cujo protagonista é um cão mestiço, meio lobo, que ajuda crianças doentes no Alasca, nos anos 20. Por fim, há o lançamento mundial, direto para vídeo, do filme *Gasparzinho – Como Tudo Começou* (1997), que mistura atores de carne e osso, como Steve Guttenberg, a efeitos especiais de última geração. Diversão garantida.

Heróis à solta: Gasparzinho, Balto e os Muppets

Abril/Fox

CIC

INFANTIL

101 DÁLMATAS – O FILME ★★★

VENDA DIRETA

Refilmar desenhos animados com atores de verdade – uma idéia geralmente aproveitada com pouca imaginação e gosto duvidoso – tende a gerar aberrações. É uma sorte que *101 Dálmatas*, um dos desenhos mais charmosos dos estúdios Disney, tenha perdido só um pouco de sua elegância em sua versão carne, pintas e ossos. O elenco humano explica muito do sucesso do filme. Glenn Close, ótima no papel de Cruela de Vil, aproveitou para abusar sem culpa da canastrice, enquanto Joely Richardson e Jeff Daniels revivem quase à perfeição o casal coadjuvante. A dupla de auxiliares trapalhões de Cruela também se destaca com a participação dos comediantes ingleses Hugh Laurie e Mark Williams. A história flui bem, mesmo abdicando das falas dos cães – a Disney não quis imitar *Babe*. A história é muito simples: Pongo e Perdita, que conseguiram unir seus donos Roger e Anita, são pais de quinze cachorrinhos. Cruela de Vil, uma ricaça apaixonada por roupas de pele, manda seqüestrar todos os filhotes de dálmata que encontra – 99 ao todo – para fazer novos modelitos. Ela não esperava, porém, que todos os animais de Londres se empenhassem em devolver os filhotes aos seus pais. A essa altura, o filme abandona a empolgante fuga pela neve do desenho, optando pelo pastelão à imagem e semelhança de *Esqueceram de Mim*, cortesia do produtor e roteirista John Hughes. A comédia funciona e as crianças se divertem – mas vale a pena rever o original.

Marcos Smirkoff

(101 Dalmatians, EUA, 1996) ***Direção:*** *Stephen Herek.* ***Com*** *Glenn Close, Jeff Daniels, Joely Richardson, Joan Plowright, Hugh Laurie, Mark Williams, John Shrapnel. 103 min. Abril.*

Glenn Close e o objeto de seu desejo, um filhote de dálmata com um pêlo irresistível

Fotos: Abril

AÇÃO

MÁSCARA NEGRA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Black Mask, Hong Kong, 1997) ***Direção:*** *Daniel Lee.* ***Com*** *Jet Li, Karen Mok, Lau Ching-Wan, Françoise Yip, Anthony Wong, Patrick Lung Kang, Roy Szeto. 96 min. Flashstar.*

A HISTÓRIA Depois de escapar de um grupo de assassinos de elite chamado Esquadrão 701, do qual fazia parte, o jovem Tsui decide levar uma vida calma como bibliotecário. Mas quando seus ex-companheiros iniciam uma cruzada para dominar o tráfico de drogas, passando a ameaçar seus amigos, Tsui decide abandonar a passividade, adota um disfarce e começa a combater os vilões como o herói Máscara Negra.

O COMENTÁRIO *Máscara Negra* é um mangá (gibi feito no Japão) anabolizado. O diretor Daniel Lee é discípulo de Tsui Hark, que segue a estética acelerada dos filmes de John Woo. Com um visual impressionante, movimentos frenéticos de câmera, violência e personagens de história em quadrinhos e um vilão que é a cara do roqueiro Joey Ramone, o filme é divertido e tem tudo para agradar à molecada chegada num Jaspion.

Roberto Sadovski

VIDEOlançamentos

PlayArte

Casal inusitado: sedução inesperada

ARLETTE

COMÉDIA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(França, 1997) **Direção**: *Claude Zidi.* **Com** *Josiane Balasko, Christophe Lambert, Ennio Fantastichini, Jean-Marie Bigard, Martin Lamotte, Stéphane Audran. 100 min. PlayArte.*

A HISTÓRIA Endividado com a máfia de Las Vegas, Frank é obrigado a aceitar uma proposta indecente: deve ir à França seduzir a garçonete Arlette e se casar com ela, para depois "apagá-la". Embora Arlette não saiba, ela é a única herdeira de um cassino que a máfia deseja incorporar a seus domínios. Frank arma o maior espetáculo para conquistar a desiludida quarentona, mas o tiro sai pela culatra: ele é que acaba seduzido.

O COMENTÁRIO Do começo já se avista o final, mas não importa: esta versão chula e afrancesada de *Uma Linda Mulher* (que inclui uma ótima piada com o filme da Disney) diverte pelo humor rasgado e pela ótima – ainda que inusitada – combinação do par central. Josiane Balasko (de *Uma Cama para Três*) entrega-se sem dó às situações mais constrangedoras, e há tempos Christophe Lambert não se mostrava tão charmoso e engraçado.

Isabela Boscov

JANTAR DE DESPEDIDA

DRAMA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Au Petit Marguery, França, 1995) **Direção**: *Laurent Benegui.* **Com** *Stéphane Audran, Michel Aumont, Laurence Côte, Alain Begel, Thomas Chabrol, Vincent Colombe, Olivier Py, Myriem Roussel, Feodor Atkine. 89 min. Look.*

A HISTÓRIA Um dono de restaurante e sua mulher passaram a vida no comando do Le Petit Marguery, referência gastronômica e social para amigos, familiares e clientes fiéis. Com a descoberta de uma doença que destrói o olfato do proprietário e chef, ele resolve vender o estabelecimento, não sem antes promover um jantar de despedida, em que todos os presentes evocarão suas memórias e problemas cotidianos.

O COMENTÁRIO Esta comédia dramática tem no elenco veteranos, como Stéphane Audran (*A Festa de Babette*), e alguns dos melhores atores jovens franceses, como Laurence Côte (*Os Ladrões*) e Olivier Py (*O Gato Sumiu*). O roteiro explora as neuroses e esquisitices dos franceses, aqui sempre confinados em um único espaço. Alguns diálogos mais fracos não ofuscam a história tocante, que não deixará ninguém indiferente.

Augusto Morante Neto

MISTÉRIO NA NEVE

SUSPENSE

★★★

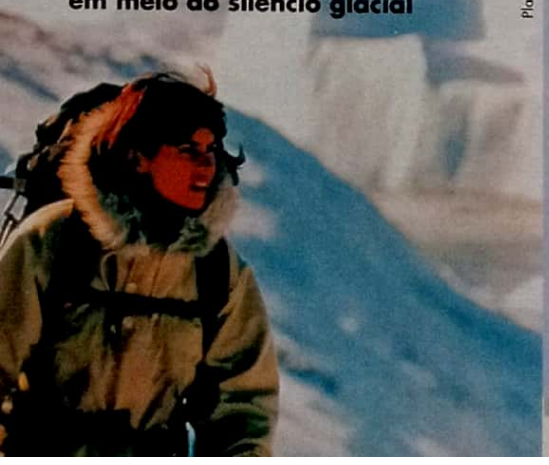
O sueco Bille August recebeu a Palma de Ouro pelos delicados *Pelle, o Conquistador* e *As Melhores Intenções*. Nesta adaptação do best-seller de Peter Hoeg, ele se arriscou em um gênero mais comercial, ambientando o filme nos deslumbrantes cenários da Escandinávia e do Ártico. Smilla, esquimó por parte de mãe, é uma glaciologista nascida na Groenlândia mas exilada na Dinamarca, que decide investigar sozinha a morte de um garoto esquimó de seis anos, seu vizinho e único amigo. Ela descobre uma conspiração envolvendo uma misteriosa fonte de energia encontrada em seu país natal; começa a ser perseguida. O diretor quis reproduzir no filme o clima psicológico do romance, centrado na angustiada personalidade de Smilla, sem deixar de acrescentar à fórmula a ação indispensável a um bom suspense. Não encontrou o equilíbrio. Revelou, porém, uma Julia Ormond dramaticamente convincente. Ela é, sem dúvida, o melhor do filme.

Fátima Gigliotti

(Smilla's Sense of Snow, Alemanha/Dinamarca/Suécia, 1997) **Direção**: *Bille August.* **Com** *Julia Ormond, Gabriel Byrne, Richard Harris, Vanessa Redgrave, Robert Loggia, Jim Broadbent, Mario Adorf, Bob Peck. 120 min. PlayArte.*

Julia Ormond busca a verdade em meio ao silêncio glacial

PlayArte



PULSO DE CAMPEÃO

DRAMA

★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Le Montreur de Boxe, França/Bulgária, 1996) **Direção**: *Dominique Ladoge.* **Com** *Richard Bohringer, Karl Makinen, Cécile Bois, Ricardo Cucciola, Peter McEnery, Hélene Vincent, Andrea Ferreol. 108 min. Look.*

A HISTÓRIA No começo do século, na França, um lenhador analfabeto é forçado por um organizador de lutas a acompanhar a sua pequena caravana para participar de espetáculos de boxe com o intuito de levantar dinheiro. O "patrão" passa a treiná-lo para vencer em competições que seguem as regras estabelecidas pelos ingleses. Viajando pela primeira vez em sua vida, o bronco descobre um mundo fascinante e ardiloso.

O COMENTÁRIO Mesmo os detratores do boxe podem embarcar nesta obra singela e sensível. Com uma ambientação histórica interessante – o advento do cinematógrafo é contemporâneo, por exemplo, à instituição dos *rounds* nos confrontos de boxe –, o filme apresenta personagens fascinantes em interação com a sedução primal da natureza ou com o fascínio perigoso da civilização. O elenco está em estado de graça.

Christian Petermann

Cannes

Gwyneth: prostituta solitária

DRAMA

JOGADA DE RISCO

★★★★ INÉDITO NO CINEMA

(Hard Eight, EUA, 1996) ***Direção:*** *Paul Thomas Anderson.* ***Com*** *Philip Baker Hall, John C. Reilly, Gwyneth Paltrow, Samuel L. Jackson, F. William Parker, Phillip Seymour Hoffman. 102 min. Cannes.*

A HISTÓRIA Um senhor bem-vestido e de poucas palavras convida para um café um coitado que vê perdido num bar de beira de estrada. O jovem suspeita de tanta gentileza, mas como está de bolsos vazios aceita a oferta de seguir com o veterano até os cassinos de Reno, onde aprenderá como ganhar a vida apostando pequenas quantias. Dois anos depois, a dupla, já inseparável, será posta à prova com a intromissão de uma prostituta e um cafajeste.

O COMENTÁRIO Desde a primeira cena, *Jogada de Risco* ganha o espectador com uma pergunta intrigante: o que o experiente Sydney quer do perdedor Jimmy? A resposta está nas reviravoltas de uma trama bem construída e tornada irresistível pela presença magnética de Philip Baker Hall, que faz Sydney. É uma história de solidão e amargura, em que o brilho das mesas de aposta é substituído pela desolação dos quartos de hotel.

Isabela Boscov

DRAMA

SHINE – BRILHANTE

★★★★

Quando o pianista David Helfgott, no começo de sua fase adulta, está estudando na Royal College of Music, em Londres, o seu mestre, o excêntrico Cecil Parkes (sir John Gielgud), lhe dá um conselho ao começar a ensaiar o *Concerto nº 3* de Rachmaninov: esta peça, uma das mais difíceis do repertório pianístico, deve ser tocada como se não houvesse amanhã. É o que Helfgott faz: depois da apresentação triunfal do concerto – uma cena magnificamente concebida pelo diretor Scott Hicks e interpretada por Noah Taylor –, o pianista entra em colapso. É então que anos de tortura psicológica imposta pelo pai autoritário vêm à tona e fazem de Helfgott (sobrenome que significa "ajuda a Deus") um ser instável. O silêncio em sua vida só se quebra muitos anos depois, quando finalmente volta a tocar (no filme, *O Vôo do Besouro*, que o verdadeiro biografado "interpretou" na cerimônia do Oscar deste ano). É o começo de um novo amanhã. Esse desenvolvimento narrativo sintetiza a força de *Shine*, um filme simples, mas que se comunica com todos aqueles que dedicam sua vida à arte. A paixão pela música, no filme, vai da obsessão quase fascista do pai (Armin Mueller-Stahl, soberbo), que impõe ao filho sua noção limitada de mundo, à entrega de Helfgott como forma de suplantar as amarras de uma realidade sufocante. O diretor constrói a obra como quem rege uma sinfonia, alternando silêncios e arroubos performáticos. O espectador, por sua vez, redescobrirá o prazer.

Christian Petermann

(Shine, Austrália/Inglaterra, 1996) ***Direção:*** *Scott Hicks.* ***Com*** *Armin Mueller-Stahl, Noah Taylor, Geoffrey Rush, Lynn Redgrave, John Gielgud, Googie Withers, Alex Rafalowicz, Chris Haywood. 105 min. Abril.*

Abril

Geoffrey Rush encontra na astróloga interpretada por Lynn Redgrave a mulher de sua vida

Cult & Classics

As irmãs Gish: destino cruel

ÓRFÃS DA TEMPESTADE

DRAMA

★★★

(Orphans of the Storm, EUA, 1922) **Direção**: *D.W. Griffith.* **Com** *Dorothy Gish, Lillian Gish, Josef Schildkraut, Morgan Wallace, Lucille LaVerne, Creighton Hale, Monte Blue. Em p&b. Mudo. 123 min. Cult & Classics.*

A HISTÓRIA Duas irmãs de criação – uma de origem humilde e cega, e a outra, filha bastarda de uma aristocrata – são separadas pelo destino às vésperas da Revolução Francesa. Danton, Robespierre, Luís 16 e Thomas Jefferson figuram entre os personagens históricos que desfilam em paralelo ao melodrama vivido pela irmãs. Esta é a segunda das quatro adaptações para o cinema da peça *As Duas Órfãs*, de A. D'Ennery.

O COMENTÁRIO Depois de recontar à sua maneira a história dos EUA em *Nascimento de uma Nação* e *Intolerância*, Griffith volta-se aqui para a Revolução Francesa com a intenção de comentar, na verdade, a Revolução Russa de 1917. As idéias políticas do filme são abomináveis, mas a ambição épica e melodramática do diretor supera o olhar ingênuo e simplista que ele joga sobre qualquer lugar distante de seu Kentucky.

Sérgio Rizzo

A VIÚVA ALEGRE

MUSICAL

★★★★

(The Merry Widow/The Lady Dances, EUA, 1934) **Direção**: *Ernst Lubitsch.* **Com** *Maurice Chevalier, Jeanette MacDonald, Edward Everett Horton, Una Merkel, George Barbier, Stanley Holloway. Em p&b. 98 min. Cult & Classics.*

A HISTÓRIA Em 1885, no pequeno país de Marshóvia, o rei está preocupado com a possibilidade de Sonia, dona da maior fortuna local, casar novamente e abandonar a nação. Ele resolve então pedir que o conde Danilo, um mulherengo bem-sucedido, tente conquistá-la durante uma viagem a Paris. Ela visita o Maxim's fazendo-se passar por uma mundana. Ignorando toda a verdade, os dois acabam se apaixonando de forma inesperada.

O COMENTÁRIO Algumas gagues soam ingênuas e por isso envelheceram mal, mas esta versão livre da célebre opereta de Franz Lehar tem todas as virtudes que caracterizam o sofisticado estilo de Ernst Lubitsch (1892-1947): humor, artimanhas românticas e elegância. É por isso que esta luxuosa produção da Metro ainda seduz com suas maliciosas piadas, as famosas melodias e o charme de Jeanette MacDonald.

Alfredo Sternheim

Reserva Especial

Marcello Mastroianni e Sophia Loren são opostos que se atraem

UM DIA MUITO ESPECIAL

DRAMA

★★★★

Em 8 de maio de 1938, Benito Mussolini recebe a visita de Adolf Hitler em Roma. A cidade inteira vai às ruas saudar o encontro histórico. Entre os poucos mortais que permanecem em casa estão dois vizinhos de um condomínio popular, que têm seu dia registrado pelo diretor Ettore Scola: uma dona de casa – mulher de um brutamontes, mãe de seis filhos –, atarefada demais para prestigiar desfiles militares (Sophia Loren), e um locutor de rádio recém-despedido do emprego (Marcello Mastroianni), acusado de "depravação" (tradução: homossexualidade). Um pássaro desgarrado é o pretexto para que se conheçam e se entreguem, não sem muita resistência, ao forte sentimento de atração que exercem um sobre o outro. Embora pertençam a mundos distintos, ambos são excluídos, e o futuro não lhes acena com perspectivas muito estimulantes. O filme não embarca, porém, na canoa das paixões impossíveis que destroem (ou reconstroem) vidas. Prefere manter-se na discreta posição de quem documenta, quase envergonhado pela bisbilhotice, o conforto mútuo, penoso e solidário dos infelizes.

Sérgio Rizzo

(Una Giornata Particolare, Itália/Canadá, 1977) **Direção**: *Ettore Scola.* **Com** *Sophia Loren, Marcello Mastroianni, John Vernon, Françoise Berd, Nicole Magny. 101 min. Reserva Especial.*

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Fox	(011) 837-4500	Flashstar	(011) 255-9911
Alpha	(011) 230-0200	LK-Tel	(011) 230-0200
Cannes	(011)7295-7020	Look	(011) 536-9366
CIC	(011) 816-0852	Mundial	(011) 536-0677
Columbia TriStar	(011)5505-3836	PlayArte	(011) 575-6996
Cult & Classics	(021) 262-5212	Reserva Especial	(011) 605-6101
Europa/Carat	(011)7295-7020	Warner/MGM	(011) 820-6777

A EMOÇÃO DO CINEMA NO CONFORTO DE SUA CASA

As telas aluminizadas VIDEOBEAM são de película importada sem emenda e aumentam em até 80% o brilho nas projeções.

- PROJETO
- VENDA
- INSTALAÇÃO
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA
- GARANTIA DE 1 ANO

NORBERTO MARQUES

SHOW-ROOM

NÓS GARANTIMOS A MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM E A MAIOR PUREZA DE SOM

TRIPÉ VÍDEO

Av. Divino Salvador 563,
Esquina com Al. Aicás
Moema - São Paulo
Fone (011) 543-5138
531-8939 / 543-3533

SUA VIDEOTECA EM 7 ENDEREÇOS

VISITE NOSSAS LOJAS, São mais de 8000 fitas a preços promocionais

007 NUNCA MAIS OUTRA VEZ*	WARNER	26,90
101 DALMATAS FILME	ABRIL	24,90
12 MACACOS	CIC	19,90
55 DIAS EM PEKING*	FLASH	26,00
ACERT. AS CONTAS C. PAPAI	WARNER	9,90
ADORAVEL PROFESSOR	FLASH	19,90
ADORO PROBLEMAS	ABRIL	7,90
AMATEUR	FLASH	9,90
AMORES DE MOLL FLANDERS	FLASH	19,90
APENAS BONS AMIGOS	WARNER	9,90
APOLO 13	CIC	15,90
ARISTOGATAS	ABRIL	24,90
ASSALTO SOBRE TRILHOS	COLUMBIA	18,90
ASSASSINOS P/ NATUREZA *	WARNER	18,90
ASSEDIO SEXUAL	WARNER	9,90
ATÉ AS VAQUEIRAS F. TRISTES	VIDEO ARTE	9,90
BABE O PORQUINHO	CIC	19,90
BATMAN *	WARNER	29,30
BATMAN ETERNAMENTE	WARNER	18,90
BLADE RUNNER *	WARNER	29,30
BONS E VELHOS COMPANHEI	EUROPA	9,90
BRINCANDO NOS CAMPOS *	NEW LINE	33,00
CAMINHANDO NAS NUVENS	ABRIL	19,90
CAMP DE ARTES MARCIAIS	CALIFOR	19,90
CARLOTA JOAQUINA	EUROPA	19,90
CARTEIRO E O POETA C LIVRO*	ABRIL	28,90
CASABLANCA *	WARNER	26,90
CASSINO	CIC	29,90
CASTELO RA TIM BUM *	PREMIER	15,90
CAVALEIROS DO ZODIACO	FLASH	5,90
CEU AZUL	COLUMBIA	19,90
CITY HALL	COLUMBIA	19,90
CLIENTE, O *	WARNER	25,90
CLUBE DAS DESQUITADAS	CIC	33,90
COLEC JORN NAS ESTRELAS *	CIC	23,90
COLECAO 007 *	WARNER	OFERTA
COLECAO ELVIS PRESLEY *	ABRIL	OFERTA
COLECAO ELVIS VOL 1 *	WARNER	OFERTA
COLECAO ELVIS VOL 2 *	WARNER	OFERTA
COM MERITO	WARNER	19,90
COOB A LENDA	WARNER	9,90
CORAGEM SOB FOGO	ABRIL	29,90
CORCUNDA DE NOTRE DAME *	ABRIL	24,90
COVA RASA	COLUMBIA	14,90
DESPEDIDA EM LAS VEGAS	EUROPA	19,90
DIABOLIQUE	WARNER	19,90
DIRTY DANCING *	FLASH	19,90
DR JIVAGO	WARNER	38,50
DURO DE ESPIAR	ABRIL	19,90
E O VENTO LEVOU	BETA	9,90
EDDIE	TOP TAPE	19,90
EPIDEMIA	WARNER	9,90
ESPELHO TEM DUAS FACES	COLUMBIA	39,90
ESPIRITOS	ABRIL	29,90
ESTRANHA OBSESSAO	TOP TAPE	29,90
EXCENTRICA FAMILIA DE ANT	MUNDIAL	29,90
EXTERMINADOR DO FUTURO	FLASH	18,90
FENOMENO	ABRIL	29,90
FINALMENTE AMIGOS	COLUMBIA	9,90
FOGO CONTRA FOGO	WARNER	19,90
GREASE - NOS TEMPOS...	CIC	24,90
HEROI DE BRINQUEDO	ABRIL	34,90
HOMEM DAS ESTRELAS	PARIS	19,90
HOMEM DAS SOMBRAS	WARNER	25,90
IMENSIDAO AZUL	ABRIL	23,60
INDEPENDENCE DAY	ABRIL	19,90
INSUSTENTAVEL LEVESA *	NEW LINE	29,90
JACK	ABRIL	33,90
JHONNY MNEMONIC	ABRIL	14,90
JOGO DA PAIXAO	WARNER	29,90
JUMANJI	COLUMBIA	25,90
JUNIOR	CIC	9,90
JURADA	COLUMBIA	29,90
KATIE - GAROTA D. PESSADA	WARNER	19,90
LACOS DIABOLICOS	TOP TAPE	19,90
LIGADAS PELO DESEJO	PARIS	39,90
LOUCURAS DO REI GEORGE	PARIS	24,90
MANOBRA SUPER RADICAL	PARIS	14,90
MARE VERMELHA	ABRIL	14,90
MEU QUERIDO PRESIDENTE	CIC	19,90
MILAGRE NA RUA 34	ABRIL	9,90
MINHA AMADA IMORTAL	PARIS	19,90
MISSAO IMPOSSIVEL	CIC	14,90
MISTICOS COLECAO *	NCA	24,50
MIZERAVEIS, OS	WARNER	29,90
MOGLI *	ABRIL	24,90
MONGE FILHA DO CARRASCO	FLASH	19,90
MORTE E A DONZELA	PARIS	19,90
NAPOLEON	PLAY ARTE	14,90
NINGUEM SEGURA ESTE BEBE	ABRIL	9,90
NOME DA ROSA *	FLASH	19,00
OLHO POR OLHO	CIC	34,90
OUTRO LADO DA NOBREZA	CANNES	19,90
PAGEMASTER	EUROPA	9,90
PAI DA NOIVA 2	ABRIL	19,90
PAIXAO ASSASSINA	VIDEO ARTE	9,90
PALCO DE ILUSOES	COLUMBIA	9,90
PANICO	VIDEO ARTE	37,90
PARA WONG FOO	CIC	19,90
PENTELHO, O	COLUMBIA	19,90
PERIGO REAL IMEDIATO	CIC	14,90
PINOQUIO FILME	VIDEO ART	27,90
PRECO DE UM RESGATE	ABRIL	34,90
PULP FICTION	ABRIL	19,90
QUIZ SHOW	ABRIL	9,90
RAPA NUI	PARIS	9,90
RAPIDA E MORTAL	COLUMBIA	19,90
REACAO EM CADEIA	ABRIL	29,90
REDE, A	COLUMBIA	19,90
REVELACOES DE 1 CRIME	COLUMBIA	9,90
REVOLTA DOS BRINQUEDOS	ABRIL	9,90
RIQUINHO	WARNER	9,90
RISCO MAXIMO	COLUMBIA	29,90
ROCHA, A	ABRIL	35,90
SABADO	EUROPA	19,90
SARGENTO TRAPALHAO	CIC	33,90
SCARFACE	CIC	29,00
SEGREDO DE MARY RAILLY	COLUMBIA	24,90
SEVEN	VIDEO ART	19,90
SPACE JAM	WARNER	24,90
SPACE JAM DESENHOS *	WARNER	21,90
SPARTACUS *	CIC	29,00
STREET FIGHTER	COLUMBIA	19,90
STRIPTEASE	COLUMBIA	19,90
TESTEMUNHA DO SILENCIO	WARNER	9,90
THELMA E LOUISE	WARNER	26,90
TIO VANIA	BETA	9,90
TORMENTA	PARIS	19,90
TURBULENCIA	PLAY ARTE	34,90
TWISTER	CIC	19,90
VIDAS PARALELAS	COLUMBIA	9,90
ZONA MORTAL	CIC	9,90

(*) FITAS NOVAS

ATENÇÃO

Filmes diversos a partir de :
R$ 14,90
Filmes infantis a partir de :
R$ 5,50

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 30/10/97 OU ATÉ O FINAL DOS ESTOQUES

PREMIERE VIDEO SHOP

SUMARÉ : R. HEITOR PENTEADO , 405 TEL.: 65-2904
JARDINS : R. GUARARÁ , 551 TEL.: 885-9757
MORUMBI : R. REG. LEON KANIEFSKY, 501 TEL.: 212-1575
PORTAL DO MORUMBI : R. G. DUMONT VILLARES ,1210 TEL.: (011) 843-4792
TELEVENDAS : (011) 867-8541

BROOKLIN : AV. PD. ANTÔNIO JOSÉ DOS SANTOS , 1316 TEL.: 5506-1411
CAMPO BELO : R. DR. JESUINO MACIEL, 136 TEL.: 530-4153
MOEMA : AV. DIVINO SALVADOR , 563 TEL.: 543-5138
TELEVENDAS : (011) 543-3533

TRIPÉ VÍDEO

ALPHA FM.

Ao seu lado, 24 horas por dia, todos os dias.

ALPHA FM

101,7 MHz

A sua melhor companhia.

Fax do ouvinte: (011) 252-6101

PÁTIO

ORIENT
Automático
O CORPO.
ORIENT
AUTOMATIC
21 JEWELS
50
20
40
30
A ALMA.
Automático, sim.
Tradição que nunca sai de moda.
Para quem conhece a diferença de seu
mecanismo inteligente, alimentado pela
energia do seu corpo.
Esportivos, casuais ou clássicos.
Dezenas de opções de designs nas diversas versões
do Orient Automático.
Escolha o seu.
Para você, ou para quem você realmente ama.
Orient Automático, o único com garantia até o ano 2001.
O relógio de corpo e alma.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.
CONHEÇA O AMAZONAS.
ACC-Central de Criação

PATY'S HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

- Todos os lançamentos
- Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
- Novas promoções
- Venha aproveitar!

CONFIRA!

- Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
- Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

HAWAI HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
ESTACIONAMENTO:
Rua Manoel dos Santos Neto, 3

Tel.: (011) 290-4330
Tel/Fax: (011) 950-8340

Aberto de segunda a sexta das 8:30 às 19:00
Aos sábados das 9:00 às 18:00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Pagamento facilitado**
- **Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.**

10% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO À VISTA NOS CATÁLOGOS.

Sabe aqueles paraísos perdidos?

Nós encontramos.

Você não pode perder o livro ONDE O BRASIL É MAIS BONITO*, com as grandes viagens que a revista TERRA fez pelo nosso país nos últimos 5 anos.
Lugares de sonho, paisagens mágicas, um verdadeiro painel da diversidade e da beleza da natureza brasileira. Uma obra primorosa, de altíssima qualidade gráfica, para você ler, reler e se encantar sempre.

**Disponível exclusivamente nas bancas de SP, RJ, MG, ES, PR, SC e RS. Em outros Estados, utilize nosso telemarketing: disque 0800-310122 ou (011) 861-1010, das 8h às 18h, de seg. a sexta-feira.*

REVISTA terra
Viagem • Natureza • Ecologia

ATENÇÃO
GRANDE QUEIMA DE ESTOQUE NA WN VIDEO
CONFIRAM!

RPZ - 262.7518

ALEGRIA GERAL PARA QUEM ESTÁ MONTANDO SUA VIDEO LOCADORA

COMPRE SEU ACERVO PELO MENOR PREÇO DO MERCADO

TUDO ISTO POR APENAS R$ 3.500,00

300 FITAS ▸ 300 ESTOJOS ▸ PRATELEIRA PARA EXPOSIÇÃO POSTER ▸ PAPELARIA ▸ PORTA POSTER ▸ QUADRO ▸ KIT WN

Obs.: Estes lotes geralmente tem de R$ 6.000,00 a R$ 6.550,00 em fitas.
Temos também outros lotes de maior ou menor quantidade e valores

▸ FITAS COM O MENOR PREÇO VOCÊ SÓ ENCONTRA NA WN VIDEO

NAS COMPRAS NORMAIS VOCÊ TAMBÉM GANHA
1 ESTOJO PARA CADA FITA ▸ REBOBINADOR ▸ 1 KIT WN ▸ BALCÕES EXPOSITORES DE PAREDE E CENTRAIS ▸ PORTA-POSTER ▸ PAPELARIA ▸ POSTER

- O MAIOR ESTOQUE DE FITAS DO BRASIL!
- MAIS DE 10.000 TÍTULOS A SUA ESCOLHA
- SOLICITE NOSSA LISTAGEM
- ACESSÓRIOS EM GERAL
- FACILITAMOS O PAGAMENTO, SEM ACRÉSCIMO
- CRÉDITO IMEDIATO E SEM BUROCRACIA
- PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES

O lugar certo é aqui

WN

TELEVENDAS: 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (ao Lado do metrô SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 19h - SÁBADO DAS 9 ÀS 16h
TELEFAX: (011) 290-8143

ÍCIA URGENTE! NOTÍCIA URGENTE! NOTÍCIA URGENTE! NOT

CAMISINHAS ASSASSINAS INVADEM AS LOCADORAS!

VEJA A PERIGOSA FACE DO MONSTRO

NOVA YORK. Uma camisinha viva, que se mexe e, pior de tudo, que têm dentes afiadíssimos que mordem (!), causa pânico na cidade. Para o detetive Luigi Mackeroni (Udo Samel, de *Tão Longe, Tão Perto* e *O Enígma de Kasper Hauser*) é um grande golpe. Mesmo com o aparecimento de vários cadáveres, ninguém acredita na teoria sobre o carnívoro contraceptivo. Então, quando Mackeroni perde um de seus testículos para a ameaça de látex, a sua perseguição se torna pessoal. Ele desvenda uma seita de homens insanos que querem eliminar os desviados sexuais de Nova Iorque. Sua arma: a monstruosa e temível camisinha assassina!

Baseado na famosa e cultuada história-em-quadrinhos *Kondom des Gravens*, de Ralph Konig, *Camisinha Assassina* (Killer Condom) é uma produção de Ralph Dietrich, da Ascot Elite Entertainment, produtor internacionalmente aclamado, responsável por obras como *Evita*, *Os Últimos Passos de Um Homem* e *Não Fale Com Estranhos*. O público do Festival de Filmes de Berlim aplaudiu entusiasticamente ao filme pelo seu horror, seus efeitos especiais, seu humor escrachado e o lado dramático dos crimes. H. R. Giger, o conceituado designer criador de *Alien*, *O 8º Passageiro* e *A Experiência*, foi o consultor de criação do filme *Camisinha Assassina*, que rendeu ao diretor Martin Walz uma incrível quantidade de sequências explosivas. E a ferocidade da camisinha fornece ao filme grandes sustos e inesquecíveis mordidas.

AGORA É A CAMISINHA QUE COME VOCÊ!

Baseado na famosa e cultuada história-em-quadrinhos *Kondom des Gravens*, de Ralph Konig.

CONSULTOR DE CRIAÇÃO: O vencedor do Oscar H. R. GIGER (ALIEN, A EXPERIÊNCIA)

SELEÇÃO OFICIAL DO FESTIVAL DE FILMES DE BERLIM

FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES DE OLDENBURG
CINEMATECA AMERICANA
FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES DE ROTTERDAM
FESTIVAL DO MUNDO DO CINEMA DE FILADÉLFIA
FILM FEST WASHINGTON DC

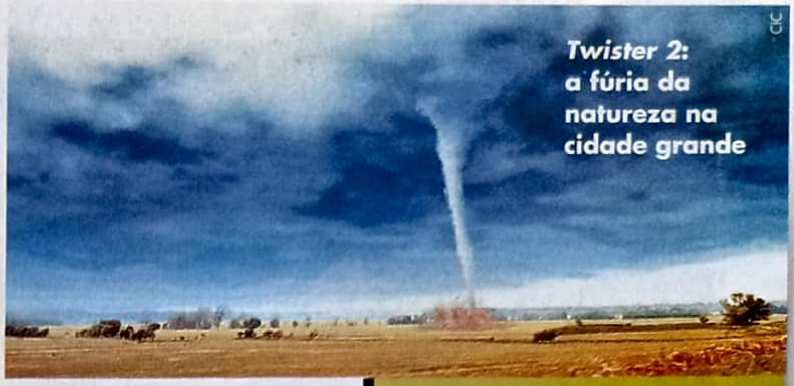
CAMISINHA ASSASSINA

TROMA ENTERTAINMENT

RESERVA VÍDEO ESPECIAL

FAZER SEXO NUNCA FOI TÃO PERIGOSO!

mais TAKes



Twister 2: a fúria da natureza na cidade grande

AS NOVAS REGRAS DO OSCAR

A Academia muda as regras do jogo para deixar grandes e pequenos em pé de igualdade na briga pela estatueta

Ainda faltam oito meses para o Oscar 1998, mas a Academia de Hollywood começou a mexer os pauzinhos para mudar o perfil da mais importante premiação do cinema mundial. A guinada mais radical é a forma de divulgadores, especialistas em marketing e outros "vendedores de filmes" em geral tratarem seus produtos. Num edital divulgado pela Academia em meados de agosto, as novas regras das campanhas que antecedem a festa foram detalhadas. Entre as centenas de novas determinações que equilibram as forças de grandes e pequenos estúdios, uma coisa é certa: a batalha pelo Oscar será, no mínimo, sangrenta.

Em primeiro lugar, está proibida a divulgação de qualquer material promocional que acompanhe as cópias em vídeo dos filmes no páreo, que são encaminhadas aos acadêmicos. Ou seja, nada mais de camisetas, CDs, bonés: toda a traquitana que servia para adoçar o produto final (o filme) não pode mais circular. Imagens adicionais na fita, como entrevistas com astros ou diretores e *making of*, são outros dos itens proibidos.

Os convites para a exibição dos filmes também entraram nos eixos: agora, todos têm de ser impressos em papel branco simples, tamanho ofício, com os dizeres em preto. Nada de mimos adicionais, como musiquinhas ou desenhos coloridos. Os convites para refeições antes, durante ou depois da exibição de um filme concorrente também estão banidos, bem como qualquer forma de comunicação com os acadêmicos durante o período de votação.

Essas medidas pretendem tornar a competição mais justa, dando ao pequeno filme de uma produtora independente – com pouca grana para paparicagens de marketing – as mesmas chances de uma megaprodução que possua trilhões de dólares para torrar em divulgação. É a lei do cão!

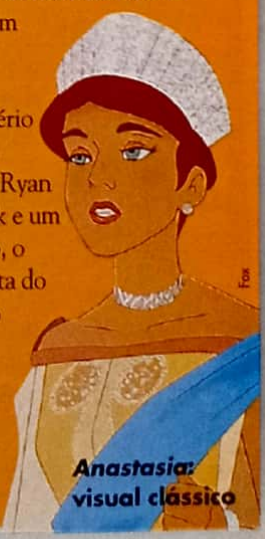
A festa será realizada novamente no Shrine Auditorium, no dia 23 de março, em Los Angeles. Como a estatueta completa cinqüenta aninhos, espera-se uma farra arrasadora – o que transformará a briga pelos (já disputadíssimos) ingressos numa verdadeira arena romana. Que se preparem os gladiadores! ■

TWISTER 2
DESTRUIÇÃO EM GRANDE ESCALA

Parece piada, mas não é: um dos maiores sucessos do ano passado, o furacão *Twister*, vai ganhar uma continuação. Desta vez, a fórmula para a seqüência é levar um gigantesco tornado para o meio de um grande centro urbano (mmm... Nova York?). O roteiro será escrito por Jonathan Lemkin, mas não se sabe quem serão os protagonistas ou o diretor, já que a sorte de Jan De Bont com continuações não é das melhores. *Velocidade Máxima 2* que o diga...

ANASTASIA
ÉPICO COLORIDO

Se a Disney não obteve o resultado esperado com o divertido *Hércules* nas bilheterias, o que dizer de estúdios que não possuem tradição com animação? Mesmo assim, Columbia, Dreamworks e Warner estão preparando seus longas animados. A Fox chega na frente com *Anastasia*, que conta a história de uma jovem sem memória que pode ser uma nobre do império russo. Com as vozes de Meg Ryan e John Cusack e um visual clássico, o filme é a aposta do estúdio para o final do ano. *Anastasia* também chega ao Brasil no Natal.



Anastasia: visual clássico

mais TAKES

MÁQUINA MORTÍFERA 4
CHEGA DE EMBAÇAR, MEL

Mel: em forma para *Máquina Mortífera 4*

Warner

Agora é definitivo: Mel Gibson vai mesmo fazer *Máquina Mortífera 4*, com os velhos conhecidos Danny Glover, Joe Pesci, Rene Russo e Richard Donner ao seu lado. Para entrar na forma exigida pelo policial doidão Martin Riggs, Mel desistiu de protagonizar o épico *The Endurance*, no qual faria o explorador Ernest Shackleton. *Máquina Mortífera 4* chega aos cinemas americanos no verão do ano que vem

BRIGITTE BARDOT
A VINGANÇA DA NATUREZA

Por essa a atriz e ecochata Brigitte Bardot não esperava. Há algumas semanas, um pônei, um burro e cerca de trinta gatos e cachorros fugiram de sua vasta propriedade em St. Tropez, deixando a ex-beldade desconsolada. Depois de detonar ex-maridos e até o filho em um livro-bomba, Brigitte se fechou em reclusão em seu éden particular. Mas quem mandou ser tão insuportável? Nem os bichos agüentaram!

Brigitte: insuportável

Stills

SPIDERMAN
MÁS NOTÍCIAS PARA O CABEÇA-DE-TEIA

Os últimos rumores sobre a superprodução *Spiderman* não estão agradando nadinha aos fãs do personagem. O papel do repórter Peter Parker (o próprio Homem-Aranha) está a um fio de parar nas mãos do asséptico Jason Patric, que não fez nada a não ser exibir os bíceps em *Velocidade Máxima 2*. Jason receberia 16 milhões de doletas pelo filme, que será dirigido (espera-se ainda neste século) por James Cameron. Os prováveis vilões serão Arnold Schwarzenegger (como o Dr. Octopus) e Jack Nicholson (Duende Verde).

Homem-Aranha: parto complicado

Fox TV

21ª MOSTRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO
O MUNDO VISTO NAS TELAS

Entre os dias 17 e 31 de outubro, a cidade de São Paulo recebe mais uma vez a Mostra Internacional de Cinema, que continua sendo a melhor opção para os cinéfilos que desejam fugir do circuitão comercial. Serão exibidos cerca de 150 longas – e outros 50 curtas – de cineastas de todo o mundo. Os destaques são *Gosto de Cereja*, de Abbas Kiarostami, que ganhou a Palma de Ouro no último Festival de Cannes, e *Nil by Mouth*, a elogiada estréia na direção do ator Gary Oldman. Imperdível.

CAFÉ DA MANHÃ ENGRAÇADINHO

"Quando encontro meus amigos para tomar café da manhã em Los Angeles, ficamos com a mesa cheia de 'Walkens'. É que todos fazemos os pedidos imitando Christopher Walken. Sabe como é, aquela dicção perfeita..."

De ***Kevin Spacey****, lembrando a imitação que fez do astro e amigo Christopher Walken na entrega do último Oscar*

Paris

Sigourney: as duas faces do mal

SIGOURNEY WEAVER
ESPELHO, ESPELHO MEU...

Antes de combater alienígenas no novo *Alien*, Sigourney Weaver encarnou a bruxa malvada em *Snow White – A Tale of Terror*, que transforma o desenho da Disney num terrorzão apavorante. O curioso é que, nas cenas em que a bruxa tem de cantar, a voz não será a de Sigourney: ela foi dublada porque sua própria voz foi considerada muito suave para a de uma feiticeira maléfica

A IMAGEM DO MÊS

TRAVOLTA PARA PRESIDENTE

"Minha voz continua a mesma, mas os meus cabelos..." Não foi para promover sua vida política que John Travolta mudou a coloração de suas madeixas: o astro do queixo esburacado é o protagonista do filme *Primary Colors*, um thriller político dirigido pelo mesmo Mike Nichols de *A Primeira Noite de Um Homem* e *The Birdcage*. Travolta faz um candidato que lembra bastante o atual presidente americano Bill Clinton, mas que não economiza na canalhice para se eleger. No elenco, além de Emma Thompson e Billy Bob Thornton (que queria, mas perdeu o papel principal), participações especiais de Jack Nicholson e John Malkovich. O filme, que estréia ano que vem, promete. Resta saber se ele vai enganar seus eleitores – ou melhor, o público.

CHRISTIAN SLATER
PROCURANDO ENCRENCA

No finalzinho de agosto, o ator Christian Slater se meteu na maior roubada: foi preso depois de dar umas muquetas na namorada e morder o abdômen de um jovem numa festa barra-pesada. O que fazer depois disso? Explorar sua imagem de *bad boy*, claro. Slater vai fazer o filme *Very Bad Things* (ou "coisas muito ruins"), sobre um sujeito que se mete numa fria quando, durante sua festa de despedida de solteiro, um amigo mata a prostituta contratada para "divertir" o noivo. No elenco estão ainda o mala Adam Sandler e o eterno T-1000 Robert Patrick.

Slater: *bad boy*

Versace: breve num cinema perto de você

GIANNI VERSACE
NEM OS MORTOS DESCANSAM EM PAZ

O corpo do estilista Gianni Versace, assassinado em frente à sua casa em Miami, nem sequer havia esfriado e os tubarões do cinema já estavam com água na boca. O produtor Menahem Golan (diretor de, ahnn, *Comando Delta*) prometeu transformar a tragédia de Versace numa "estranha história de amor entre o assassino e sua vítima na era pós-Aids". Para interpretar o suposto assassino Andrew Cunanan, Golan pensa em Keanu Reeves ou Dean Cain. Mas será que alguém se habilita a fazer parte dessa patetada?

NICOLE

Tudo o que eu amo...

Jorge Butsuem

1 Comida: "Adoro comer. Não acho saudável passar fome e emagrecer demais. Adoro massas, escargots, batatas fritas e pudim *toffee* com chantilly. Sem falar em vinho tinto".

2 O jeito como Tom Cruise toma conta da casa: "Ele ainda não aprendeu a cortar a grama, mas é um ótimo cozinheiro e prepara massas deliciosas – só que os molhos que ele faz não são muito temperados, porque Tom tem o estômago meio sensível. E ele compra flores o tempo todo".

3 A minha altura – hoje em dia: "Minha família toda é alta. Somos quase gigantes, e adoro dizer para as pessoas que todos os australianos são assim. Ninguém na minha casa tem menos de 1m80. Meu pai tem 1m90. Minha mãe e minha irmã também são bem altas".

4 Humor negro: "Esse é meu tipo favorito de comédia. *Um Sonho Sem Limites* (*que ela estrelou sob a direção de Gus Van Sant, em 1995*) é uma comédia de humor negro, eu acho".

5 Meus filhos adotivos, Isabella e Connor: "Nos dois casos, a adoção foi uma coisa espontânea – a oportunidade surgiu e decidimos aproveitá-la. Foi um golpe do destino: por alguma razão, acho que essas crianças estavam destinadas a fazer parte da nossa família".

6 As lições do meu pai: "Meu pai, que é bioquímico, nos deu lições inestimáveis. Minha irmã e eu tínhamos de fazer uma série puxada de flexões todo dia – eu ainda consigo fazer umas cinqüenta. E, sendo um liberal convicto, ele nos ensinou a jamais votar no Partido Republicano".

Ronny Hein

7 A Inglaterra: "Tom e eu estamos pensando em nos mudar para lá, mas ainda não há nada certo. Como agora estamos lá para as filmagens de *Eyes Wide Shut*, do Stanley Kubrick, minha filha Isabella está matriculada numa pré-escola inglesa".

8 O perigo: "O perigo é o medo sob controle. Tom às vezes se coloca em situações em que um erro significa a morte – ele vai bem mais longe do que eu. Mas, quando você corre esse tipo de risco, você sente como se tivesse conquistado algo inatingível. Faz você se sentir toda viva".

9 *Eyes Wide Shut*: "Adoro este novo filme que o Tom e eu estamos fazendo, mas a única coisa que o Sr. Kubrick nos deixa revelar a respeito dele é que a trama fala de obsessão sexual e ciúme".

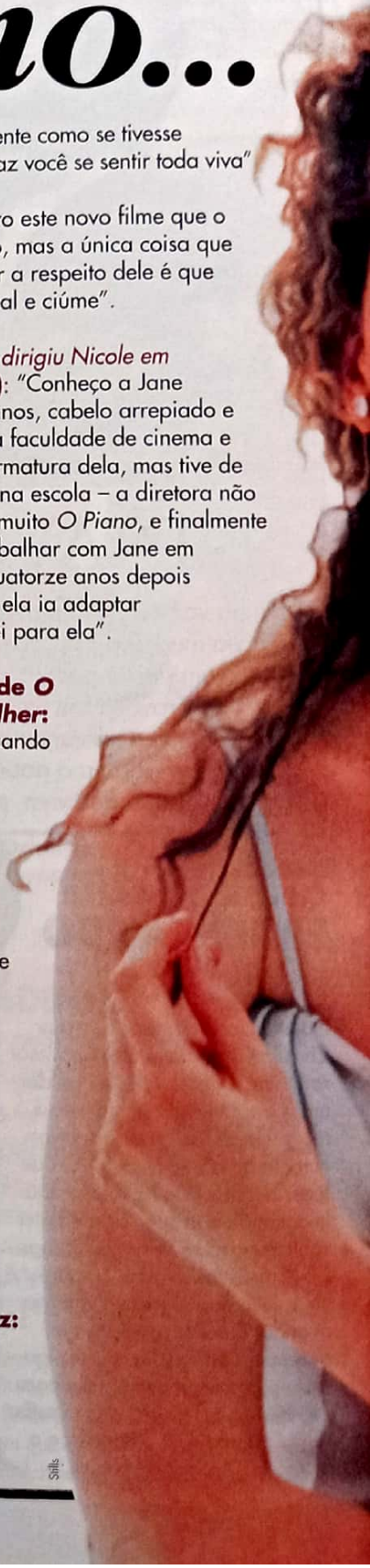
10 Jane Campion (*que dirigiu Nicole em Retrato de uma Mulher*): "Conheço a Jane desde que eu tinha quatorze anos, cabelo arrepiado e morava na Austrália. Ela fazia faculdade de cinema e me escalou para o filme de formatura dela, mas tive de recusar por causa das provas na escola – a diretora não quis dar um jeitinho. Admirei muito *O Piano*, e finalmente consegui minha chance de trabalhar com Jane em *Retrato de uma Mulher* – só quatorze anos depois do planejado! Ouvi dizer que ela ia adaptar o livro do Henry James e liguei para ela".

11 O apelo atemporal de *O Retrato de uma Mulher*: "Tomar as decisões erradas quando se está num relacionamento doentio – essa ainda é uma história bem contemporânea".

12 Tom Cruise: "Quando vi o Tom pela primeira vez, achei que ele era o homem mais sexy que eu tinha conhecido em toda a minha vida – ou seja, a coisa começou na base da atração. Mas hoje em dia sou viciada nele. Ele é a minha droga. Adoro o Tom".

13 Apostar: "Sempre levo um cartão com estratégias para Blackjack na minha carteira".

14 A idéia de dar à luz: "Gostaria de ter dois filhos, de passar por essa experiência. Mas, se eu não passar por ela, não é algo que vá me destruir".



Stills

KIDMAN

...e odeio!

1 **Os boatos de que Tom é gay:** "Não me casei por conveniência. Para casar, tem de ser por amor. Eu apostaria todo o meu dinheiro – e o dele – que ele não tem uma amante ou um amante".

2 **A minha altura – antes:** "Eu era recusada nas peças da escola por ser alta demais. Meu apelido era 'vareta' e os garotos nem me olhavam".

3 **Ter uma casa permanente:** "Não tenho e não quero. Tecnicamente, moramos em Los Angeles e temos um apartamento em Nova York. E acabei de comprar uma casa na Austrália. Na prática, viajamos o tempo todo – e gostamos disso. Eu odiaria ter de passar um tempão no mesmo lugar".

4 **A idéia de "tomar jeito" por causa dos filhos:** "Essa história de ficar indo de um lugar para outro pode parecer horrível. Mas pode-se olhar para ela também como uma coisa ótima, porque as crianças acabam levando uma vida cosmopolita".

5 **Preocupações:** "Me preocupo muito. Já me disseram que sou obsessiva-compulsiva".

6 **Ser tão branca:** "Cresci num país de adoradores do sol. Odiava ser tão branca. Toda noite eu rezava para ficar bronzeada".

7 **Ver fotos dos meus filhos na imprensa:** "Tenho medo de que as mães biológicas identifiquem os dois. Prefiro manter as adoções em sigilo. E crianças não têm de ser públicas. Gostaríamos que eles tivessem uma infância tão normal quanto a nossa".

8 **A diretora da minha escola:** "Eu vivia entrando em confusão com ela. Ela odiava meu cabelo – e, para provocar, eu armava ele inteiro e punha um laço na cabeça. Ela controlava tudo: as luvas, o uniforme, os chapéus".

9 **A idéia de que rivalizo profissionalmente com meu marido:** "Só se eu fosse louca. Ele está em outro patamar".

10 **Falar da Cientologia** *(a seita à qual ela, Tom e vários outros nomes de Hollywood pertencem)*: "Qualquer coisa que eu diga vai ser mal interpretada".

11 **As críticas à minha interpretação "fria" de Isabel Archer em *Retrato de uma Mulher*:** "Não queríamos que Isabel fosse aquela heroína que entra em cena com cabelos ao vento e olhos brilhando. Ela era uma mulher reprimida. Eu usava um corpete que apertava a cintura até 50 centímetros, para me sentir fisicamente reprimida".

12 **Passar muito tempo junto com Tom, especialmente num set de filmagens:** "Temos de ter trailers e camarins separados. Quando você está criando um personagem, você tem de se preparar – e ficar batendo papo não leva a nada. Tentamos manter uma certa distância para, na hora de fazer uma cena, nos vermos como personagens, e não como pessoas. Mas é claro que no fim do dia vamos embora para casa juntos".

13 **Ficar longe de Tom:** "Nesse trabalho, é fácil se tornar relapso ou preguiçoso, e isso é tão destrutivo para um relacionamento. Se a solução é pegar um avião para ver meu marido, nem que seja por 24 horas, é o que eu faço. A vida é curta demais para tolerar meses de separação".

14 **Guarda-costas:** "Vamos a todo e qualquer lugar sem uma 'comitiva'. Guarda-costas só servem para causar furor e histeria".

Susan Granger

Cartas

SÓ ELOGIOS

A edição 122 estava um desbunde. Textos irretocáveis, curiosidades e diagramações competentíssimas. O humor irônico e despojado está sendo destacado em *Novos Filmes* e uma certa graça vem enchendo os olhos e o intelecto de quem é fã da leitura e do cinema.

Paulo Pereira Vieira Neto
(Fortaleza – CE)

Brilhantes e reveladoras as matérias "Cara de Um, Corpo de Outro" e "Altas Curiosidades". Parabéns aos responsáveis.

Ricardo V. Almeida
(Uberlândia – MG)

A SET está mais recheada e fascinante a cada nova edição. A matéria do filme *Velocidade Máxima 2* estava demais. Aliás, *A Outra Face* e *Air Force One* também. Espero que vocês continuem divulgando as novidades de Hollywood com essa total dedicação. Parabéns!

Rodrigo A. da Costa
(Joinville – SC)

Adorei a edição 122. *Takes* trouxe ótimas novidades, principalmente sobre o novo *Star Wars* e os projetos de Schwarzenegger. Temos o que se deve esperar de uma revista feita por profissionais que realmente entendem de cinema.

Sérgio Zambello
(Pq. Califórnia – SP)

O ÍDOLO

Espetacular a ed. 122. O perfil de Nicolas Cage ressaltou as características desconhecidas pelo público de um dos melhores atores do momento. Só posso parabenizá-los pelo ótimo nível e dar o meu apoio para que continuem assim.

Elizandro J. Duarte
(Florianópolis – SC)

MAIS + MAIS + MAIS

Parabéns pela reportagem sobre Nicolas Cage. Foi muito bom vocês terem mostrado o outro lado do ator. A nova seção *Mais Takes* também ficou o máximo.

Paulo Francisco
(Estiva – MG)

Mais Takes e a matéria sobre o filme *Velocidade Máxima 2* estavam excelentes. Saibam que a minha satisfação é grande todas as vezes que abro a SET. Parabéns!

Diego Palmieri Scacalossi
(São José do Rio Preto – SP)

Quero agradecer a todos da equipe da SET pelos trabalhos maravilhosos que estão realizando. Apenas com cinco meses de assinatura, pude me assegurar de que fiz o certo.

Claudia Marin
(São Paulo – SP)

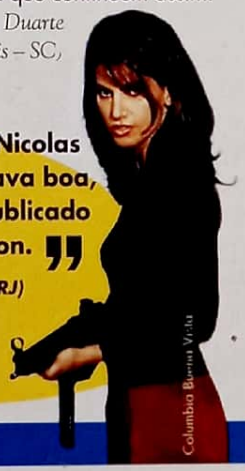
OPS!

Na matéria sobre *A Outra Face*, a foto que mostra Joan Allen e John Travolta foi incorretamente identificada. A legenda correta é: "Disfarçado como o agente federal Sean Archer, o vilão Castor Troy acompanha sua mulher ao cemitério, onde ela chora a morte do filho".

"A edição 122 arrasou com o perfil do Nicolas Cage. A matéria sobre *A Outra Face* estava boa, mas ficaria melhor se vocês tivessem publicado ao menos uma foto de Gina Gershon."

Nilcéia dos Santos Matos (Nova Iguaçu – RJ)

Bem, Nilcéia, agora não falta mais nada...



entre leitores

Quero me corresponder com pessoas que gostem de cinema e vídeo para fazer amizade.
Andréia Graciano
R. Licínia T. de Souza, 280/21,
CEP 13033-660 (Campinas – SP)

Gostaria de me corresponder com jovens de todas as idades e que curtam todos os lançamentos do cinema nacional ou internacional. Escrevam-me!
Maria Clara C. Luna
Al. Mendes Carlos, C-06,
CEP 69908-970 (Rio Branco – AC)

A NeeeeeW Filmsc traz, em português, informações novíssimas sobre os filmes que serão lançados de 1999 em diante. O endereço é: www.geocities.com/Hollywood/Hills/4402
Renato Gaiarsa (rgaiarsa@svn.com.br)

Gostaria de me corresponder com fãs do cinema mudo e conhecedores dos mistérios que envolveram a vida e o trabalho de atores e atrizes daquela época.
Polyana de Almeida
R. Martim Peres, 47,
CEP 04148-030 (São Paulo – SP)

Quem tiver o endereço para correspondência do ator Jeff Goldblum ou quiser trocar materiais e informações sobre a carreira dele é só me escrever.
Danielle M. Oliveira
R. Iriri, 53, CEP 21370-440
(Rio de Janeiro – RJ)

Vendo coleção da SET, inclusive as *Fichas de Cine & Vídeo*. Escrevam-me!
Sidnei Dias Castilho
R, Mal. José Inácio da Silva, 284,
CEP 90520-280 (Porto Alegre – RS)

Quero entrar em contato com pessoas que tenham assistido ao filme/documentário *Abba – The Movie*, sobre o grupo Abba.
Daniel de Almeida Couri
R. Nossa Senhora do Carmo, 53,
CEP 36880-000 (Muriaé – MG)

Sou admiradora do ator George Clooney e quero me corresponder com pessoas que também o admiram.
Lygia M. Pinheiro
R. Luiz Fernando Andrielle, 970,
CEP 13630 (Pirassununga – SP)

Vendo cópia dos seriados *Super Man*, *Mulher Maravilha* e *As Panteras*, entre outros. Ótimo preço e qualidade.
Maria Juliana Santos
R. Santa Cruz, 39, CEP 49480-000
(Simão Dias – SE)

Escreva para a SET, Avenida das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 867-3215 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

ÚLTIMAS edições

Nº 123
SETEMBRO 97
Julia Roberts volta a mil em *O Casamento do Meu Melhor Amigo*; Jodie Foster em *Contato*; os ETs no cinema; *Matador em Conflito*, uma grande surpresa; Robin Williams fala sério; em vídeo, *O Paciente Inglês*.

Nº 122
AGOSTO 97
Nicolas Cage, o astro de *A Outra Face*; Harrison Ford em *Força Aérea Um*; Billy Crystal e Robin Williams em *1 Dia 2 Pais*; *Velocidade Máxima 2*; quem tira a roupa no lugar dos astros; em vídeo, *Inimigo Íntimo*.

Nº 121
JULHO 97
Tudo sobre *Batman & Robin*; a alucinada ficção *Homens de Preto*; os personagens de *Hércules*; Kim Basinger passa a vida a limpo; os destaques de Cannes; Bette Davis, a obstinada; em vídeo, *Jerry Maguire*.

Nº 120
JUNHO 97
Edição de colecionador com os fatos mais marcantes do cinema nos últimos dez anos; Bruce Willis em *O Quinto Elemento*; Nicolas Cage em *Con Air – A Rota da Fuga*; em vídeo, *O Preço de um Resgate*.

Nº 119
MAIO 97
Jim Carrey em *O Mentiroso*; a construção do mito Clint Eastwood; Al Pacino e Johnny Depp em *Donnie Brasco*; as cenas históricas que você nunca vai esquecer; em vídeo, *Trainspotting*.

Nº 118
ABRIL 97
O duelo de egos entre Brad Pitt e Harrison Ford em *Inimigo Íntimo*; como George Clooney virou o novo Batman; as excentricidades da Internet; 25 filmes de matar de medo; em vídeo, *Tempo de Matar*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/868-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editor: Christian Petermann
Editor Assistente: Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição:
Texto: Alfredo Sternheim, Augusto Morante Neto, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Hélio Gomes, Marcos Smirkoff, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê
Revisão: Vera Rodrigues

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Luciane Nogueira

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos Comerciais: Miriam Horta, Andréa Madrid, Marília Guiti Hindi
Coordenação/Supervisão: José Soares
Coordenador: Rafael Militello
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão

SET edição 124, outubro de 1997, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1592. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Serviço ao assinante:** (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011)868-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, ao preço da última edição em banca mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br.

ANER IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, Tel.: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05315-970, Fax: (011) 867-3300.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313, Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583.

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de novembro

Columbia Buena Vista

G.I. JANE

★ **Demi Moore finalmente faz um bom filme, no papel da primeira mulher a integrar a força de elite do exército. Na direção, Ridley *Scott*, de *Blade Runner***

UIP

O PACIFICADOR

★ **George Clooney e Nicole Kidman combatem uma ameaça nuclear neste eletrizante thriller dirigido por Mimi Leder, da série *Plantão Médico***

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL

Terra
VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA

Saúde! É VITAL
PREVENÇÃO E SAÚDE

Viagem e Turismo
ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO

contigo!
SEMANAL DE TV E NOVELAS

SHOWBIZZ
ROCK, POP E COMPORTAMENTO

SET
CINEMA E VÍDEO

Ação GAMES
VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS

AnaMaria
A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER

carícia
COMPORTAMENTO ADOLESCENTE

BOA FORMA
BELEZA, FITNESS E SAÚDE

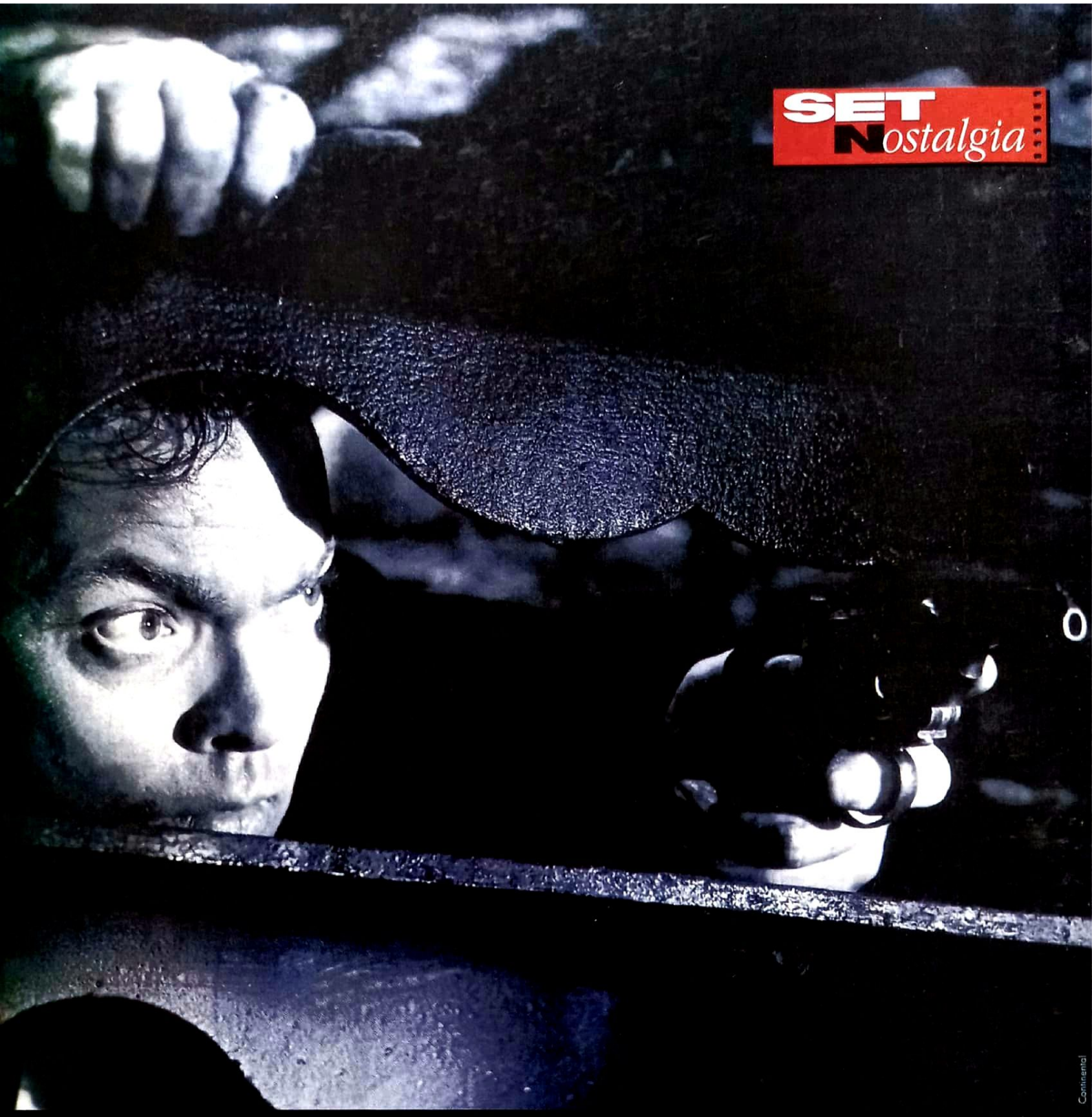
HORÓSCOPO
A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS

FLUIR
SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba , Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-21347/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Te.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519



Continental

JOGO DE GATO E RATO

Nunca a romântica cidade de Viena foi cenário de um pesadelo tão perturbador. Em *O Terceiro Homem*, o mais elogiado dos filmes do diretor inglês Carol Reed, a Viena que vemos, em sombrio preto-e-branco, é a do imediato pós-guerra, controlada por forças militares e dominada por um submundo invisível – mercado negro, crimes, mentiras. O inesquecível som da cítara que pontua a trilha sonora de Anton Karas conduz o espectador a uma tortuosa investigação, levada adiante com prazer desde 1949. Joseph Cotten é Holly Martins, um jovem escritor americano que viaja até Viena para se encontrar com o amigo Harry Lime (Orson Welles), que lhe prometera um emprego. Chega a tempo de acompanhar o seu funeral. Por achar que a história está muito mal contada, ele busca uma resposta no passado recente do amigo, um golpista de marca maior. A solução é encontrada em ruas estreitas e sinistras, nas quais Welles, ou Harry Lime, reaparece. Será esta uma reviravolta, ou é mais uma ilusão para enganar o espectador?

Promoção Grécia de Presente.
Ainda dá tempo de embarcar nessa viagem.

Assine logo a coleção de vídeos Civilizações Perdidas e concorra a 4 viagens fantásticas inteiramente grátis.

A Abril Coleções e a Editora Azul vão sortear 4 pacotes turísticos para 2 pessoas, cada um incluindo passagens aéreas para a Grécia, 4 noites em hotel 4 estrelas em Atenas e um cruzeiro marítimo de 4 dias (3 noites) pelas Ilhas Gregas. Valor aproximado de cada pacote: R$ 4.625,00.

É muito fácil concorrer!

Destaque, preencha e coloque agora mesmo no correio o cupom encartado nesta edição. Se preferir, envie por fax para o número (021) 515-3550. Não se esqueça de responder à pergunta: "**Qual o nome da coleção que está sorteando cruzeiros marítimos pelas Ilhas Gregas?**".

Você ainda vai ganhar presentes super especiais!

Todos os participantes dessa promoção receberão, além de uma belíssima reprodução de um mapa antigo do Brasil de 1625, edições especiais das revistas SET (10 Anos de Cinema), Terra (Paraísos Ecológicos Brasileiros) e Viagem e Turismo (50 Viagens para as suas Férias).

Civilizações Perdidas. Uma fascinante viagem pela história.

Envie logo o seu cupom e receba na sua casa esta premiada coleção produzida pela Time-Life. Civilizações Perdidas reconstitui de maneira inédita a vida na Antigüidade. Você vai viajar no tempo e assistir ao nascimento e à morte de grandes culturas nos vídeos: *Egito, Maias, Roma, China, Egeu* e mais!

Aproveite a nossa Oferta Especial:

2 Primeiros Vídeos (Grécia e Mesopotâmia): apenas **R$ 24,99***

Desconto de 30%

10 dias para assistir sem compromisso!**

Demais Vídeos (1 por mês): R$ 18,49***

* R$ 24,99 + R$ 4,90 de Despesas de Envio e Manuseio. ** Você terá 10 dias para decidir se quer ficar com os 2 primeiros vídeos. Se devolver, receberá o dinheiro de volta. Se ficar, receberá um novo vídeo por mês. Você compra quantos vídeos quiser, paga com cartão de crédito e pode cancelar a assinatura a qualquer momento. *** R$ 18,49 + R$ 3,70 de Despesas de Envio e Manuseio.

Não perca tempo.
Só participarão do sorteio os cupons que chegarem até 12/12/97.

Promoção: Abril Coleções

Tel.:(021) 515-3535
http://www.abrilcolec.com.br

TIME LIFE

EDITORA AZUL

Apoio: SALT LAKE 2002

(011)885-5522

WUNDERMAN RIO

C.A./MJ/SDE/DPDC/Nº 01/768/97

BRUCE WILLIS
MILLA JOVOVICH
GARY OLDMAN
Não há futuro sem ele.
O QUINTO ELEMENTO
UM FILME DE LUC BESSON
POLICE
COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO
SOMENTE NA SUA LOCADORA, A PARTIR DE 15 DE OUTUBRO